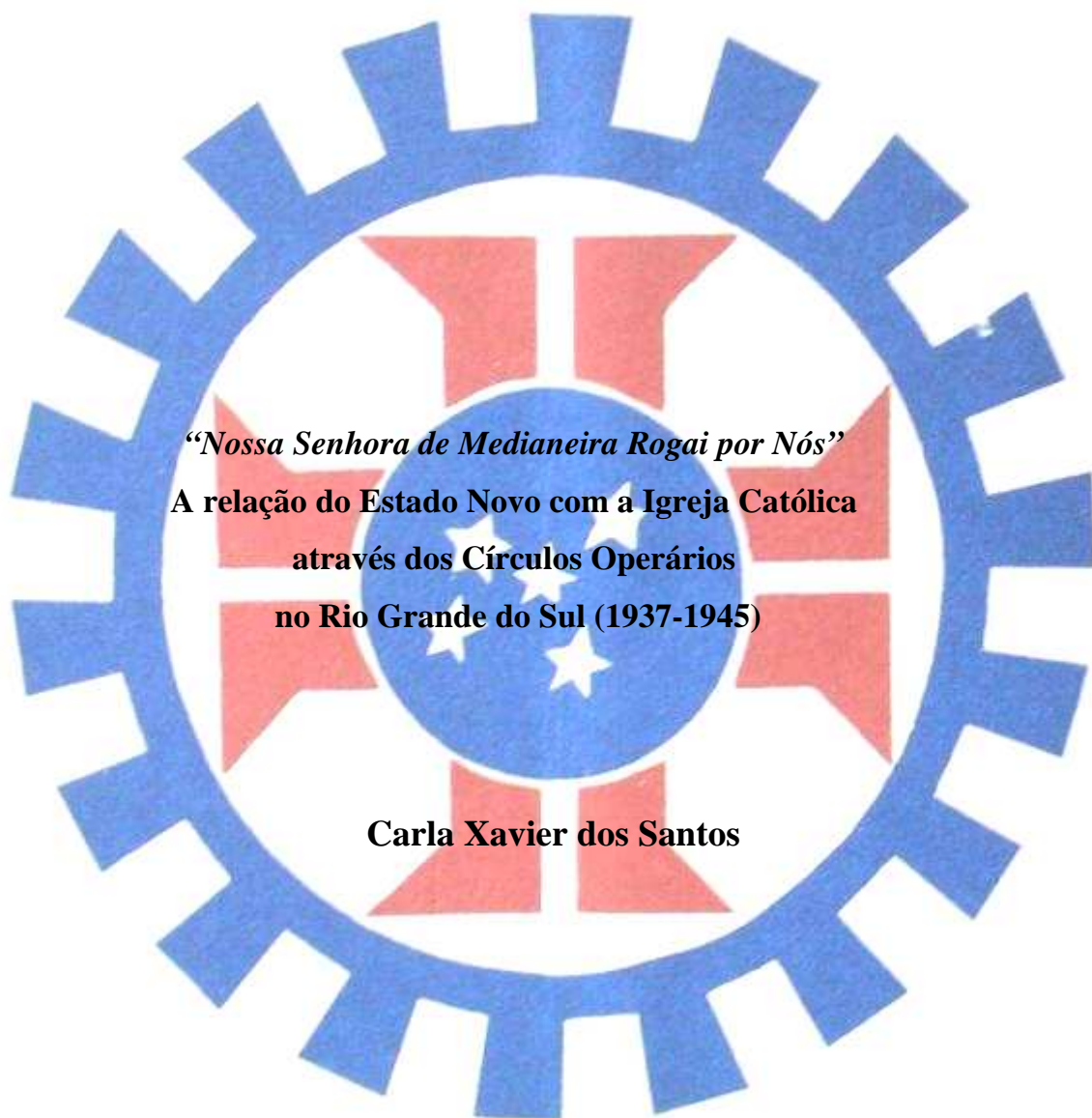


**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS
SOCIEDADES IBÉRICAS E AMERICANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA**



“Nossa Senhora de Medianeira Rogai por Nós”
**A relação do Estado Novo com a Igreja Católica
através dos Círculos Operários
no Rio Grande do Sul (1937-1945)**

Carla Xavier dos Santos

Porto Alegre, Agosto de 2008.

Carla Xavier dos Santos

“NOSSA SENHORA DE MEDIANEIRA ROGAI POR NÓS”
A RELAÇÃO DO ESTADO NOVO COM A IGREJA CATÓLICA
ATRAVÉS DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS NO
RIO GRANDE DO SUL (1937-1945)

Dissertação apresentada como requisito parcial e final à obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Professor Dr. René E. Gertz

Porto Alegre
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237n Santos, Carla Xavier dos.

“Nossa Senhora de Medianeira Rogai Por Nós”. A Relação do estado novo com a igreja católica através dos círculos operários no Rio Grande do Sul (1937-1945). / Carla Xavier dos Santos. – Porto Alegre, 2008.
195 f.

Dissertação (Mestrado em História) –
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. René E. Gertz.

1. Brasil – História – Estado Novo.
2. Igreja Católica e Estado - Brasil.
3. Movimentos Sociais - Brasil. I. Gertz, René E. II. Título.

CDD 322.10981

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

Ao meu irmão Cláudio André (in memoriam), grande exemplo de força e coragem. E a minha filha Alessandra, enviada de Deus para me ensinar o verdadeiro sentido da palavra “AMOR”.

Agradecimentos

A pesquisa histórica é composta de grande amor e fascínio, por parte do historiador em relação ao seu objeto de estudo, porque ninguém conhece ou compreende seu objeto quanto o próprio pesquisador. E este trabalho, em sua grande parte, é solitário, nos deixando ausentes junto aos que nos amam. Dessa forma, ao longo desta pesquisa fui abençoada com o apoio, incentivo e ajuda de pessoas maravilhosas, que Papai do Céu, colocou em minha jornada. A estas pessoas não posso deixar de conferir os devidos agradecimentos.

Agradeço aos meus pais, Adão e Anna, pelo apoio em todos os momentos, não só da pesquisa, mas de toda a vida. Como também ao Gilmar, que mesmo envolvido com sua pesquisa, estava presente dividindo comigo, as funções de pai e mãe.

Ao professor e orientador René Gertz, pelas sugestões, recomendações de leituras e suas aulas que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa. Mas, principalmente por sua paciência e orientação dedicada.

Desde o período da graduação no curso de História da PUCRS, sempre me foram muito presentes, o carinho e apoio, dos professores: Braz Brancato (in memoriam), Sandra Brancato, Cláudia Musa Fay, Núncia Santoro de Constantino, Arnoldo Doberstein e Margaret Bakos, pois além de meus mestres foram meus amigos.

Encontrei no PPGH/PUCRS, não apenas subsídios para o desenvolvimento da pesquisa, também encontrei amigos a quem agradeço pelo convívio, pelos debates, pela troca de material, pela divisão das angústias e dúvidas da pesquisa, pelas vitórias e pelos bate-papos sobre teorias da História até a madrugada. Um agradecimento especial a Arilson Gomes, Eduardo Soares, Ione Castilhos, Marcelo Melnitzki, Mônica Karavackisk. Assim, também agradeço aos amigos de toda uma vida, Geneci Guimarães, Maria Cristina (Tina), Andreza Brasil, Carolina Martins, Érico Carpes, Cleuton Rosa, Marcia Raquel, Roberta Vicari, Ivarte Dalpiáz e Tiago Minuzzi. Porque

mesmo não atendendo seus telefonemas e estando por algum tempo ausente de suas vidas, nunca desistiram de estar ao meu lado.

Agradeço a “aprendiz de feiticeira” Julia Matos, por seu grande incentivo, seu olhar atento nas revisões e amizade, mas principalmente, por ser uma das poucas pessoas que “não viram e creram”. Assim como o Gregory Balthazar, que me presenteou com sua amizade.

À Carla e ao Davi, secretários do PPGH/PUCRS, agradeço por toda a paciência que tiveram ao longo destes dois anos de convívio. Ao senhor João Batista Marçal, por sua atenção e ajuda e empréstimo de livros e fotos.

Com o desenvolvimento da pesquisa, contei com o apoio de pessoas especiais, que contribuíram muito para o enriquecimento desse estudo. Meus mais sinceros agradecimentos, por toda a ajuda e incentivo, recebido pelos Círculos Operários, em especial, o senhor Pedro Castro, atual responsável e o senhor Osvaldino Rudiute, ex-presidente do Círculo Operário Porto-Alegrense, a senhora Nilza do Círculo Operário Pelotense, a senhora Iara do Círculo Operário Estrelense, a senhora Diláh do Círculo Operário de Uruguaiana, a senhora Dy Gemma do Círculo Operário Pratense, a senhora Regiane do Círculo Operário Caxiense e a todos os funcionários do Círculo Operário Bento-Gonçalvense.

“Amo a história. Se não a amasse não seria historiador. Fazer a vida em duas: consagrar uma à profissão, cumprida sem amor; reservar a outra à satisfação das necessidades profundas – algo de abominável quando a profissão que se escolheu é uma profissão de inteligência. Amo a história – e é por isso que estou feliz por vos falar, hoje, daquilo que amo.”

Lucien Febvre

Resumo

Os Círculos Operários constituíram um dos movimentos católicos organizados por leigos, destinado aos operários. Com característica não revolucionária, ordeira e nacionalista, visavam o entendimento entre trabalhadores e o sistema político vigente. Assim, atraiu a simpatia do presidente Getúlio Vargas, que adotou o movimento circulista, com o propósito de disciplinar e supervisionar o operariado brasileiro, o que deixou a Igreja muito próxima do Estado, principalmente no sentido de manter o comunismo o mais longe possível dos operários. Para isso a Confederação Nacional de Operários Católicos editou diversos livros que orientariam os Círculos Operários e ao próprio clero. Esse processo de aproximação entre o Estado, a Igreja e os Círculos Operários, em especial durante o Estado Novo é o tema desta dissertação.

Palavras-Chave: Igreja Católica, Estado Novo, Círculos Operários.

Abstract

The Laborers Circles were one of the catholic movements organized by laypeople, destined for laborers. Without revolutionary characteristic, orderly and nationalistic, they aimed at the agreement between workers and the current politic system. Thus, it attracted affection of the president Getúlio Vargas, who adopted the circle movement, with the intention to discipline and supervise Brazilian work force, which left the Church close to State, mainly to keep the communist far from workers. In order to do that the National Confederation of Catholic Laborers has edited several books that would guide the Laborers Circles and clergy itself. This approximation process between the State, Church and Laborers Circles, especially during New State is the theme of this dissertation.

Keywords: Catholic Church, New State, Workers Circles.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Primeiro presidente do C.C.O.U. Dr. Francisco Bauzá.....	49
FIGURA 2 - Assistente eclesiástico e fundador do C.C.O.U. padre Andrés Torrielli.....	49
FIGURA 3 - Oração à bandeira.....	60
FIGURA 4 - 1º de maio de 1939.....	62
FIGURA 5 - Comemoração do Dia do Trabalho, Campo de Vasco/RJ 1942.....	63
FIGURA 6 - Padre Leopoldo Brentano.....	68
FIGURA 7 - Estrutura dos Círculos Operários. 1942.	74
FIGURA 8 - Divisão dos Departamentos dos Círculos Operários.....	76
FIGURA 9 – Símbolo da bandeira dos Círculos Operários.....	77
FIGURA 10 - Símbolo do Núcleo Circulista de Bento Gonçalves.....	77
FIGURA 11 - Círculos Operários Pelotense, 1934.....	78
FIGURA 12 - Primeira diretoria do Circulo Operário Porto Alegrense, 1934.....	82
FIGURA 13 - Círculos Operários em celebração do Dia do Trabalho no Parque Farroupilha em Porto Alegre, 1940.....	84
FIGURA 14 – Comemorações do Dia do Trabalho, no Teatro São Pedro 1939.....	84
FIGURA 15 - Assistentes Eclesiásticos do Circulo Operário Caxiense.....	88
FIGURA 16 - Diretoria do Círculo Operário Caxiense, 1936.....	88
FIGURA 17 - Churrasco de 1º de Maio, promovido pelo Círculo Operário Passofundense, década de 1940.....	92
FIGURA 18 - Diretoria de Círculo Operário de Alfredo Chaves, atual município de Veranópolis, 1944.....	94
FIGURA 19 - Padre Inácio Valle.....	97
FIGURA 20 – Capa do Livro: Cartilha Circulista.....	102
FIGURA 21 - Segunda capa do Manual de Estatutos do Círculo Operário.....	108

FIGURA 22 – Capa do livro: Estatuto do Círculo Operário Pratense.....	109
FIGURA 23 – Capa do livro: Estatuto do Círculo Operário Caxiense.....	109
FIGURA 24 – Desenho.....	109
FIGURA 25 - Capa do jornal Folha do Povo.....	111
FIGURA 26 - Círculos Operários de São Paulo, 1940.....	112
FIGURA 27 - Escola do Círculo Operário de Carazinho.....	113
FIGURA 28 - Escola de arte culinária do Círculo Operário de Recife.....	113
FIGURA 29 - Capa do livro: Círculos Operários: sua origem, sua organização e suas realizações.	115
FIGURA 30 - Capa da Carta encíclica “Quadragesimo Anno”	117
FIGURA 31 - Capa do livro: Código Social.....	119
FIGURA 32 – Capa do livro: O Clero e a Ação Social.....	123

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Ação Católica

CBA - Cruzada Brasileira Anticomunista

C.C.O.U. Círculos Católicos del Obreros de Uruguay

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CNT - Conselho Nacional do Trabalho

CNOC - Confederação Nacional de Operários Católicos

CO - Círculo Operário

COA ou **COV** - Círculo Operário de Alfredo Chaves ou Círculo Operário de Veranópolis

COB - Círculo Operário Bentogonçalvense

COC - Círculo Operário Caxiense

COP - Círculo Operária Pelotense

COPA - Círculo Operário Porto Alegrense

COPF - Círculo Operário Passofundense

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

FCORS - Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul

FORGS - Federação Operária do Rio Grande do Sul

LEC - Liga Eleitoral Católica

Sumário

Capítulo I - Disse Deus: haja luz. E houve luz. Introdução	14
Capítulo II - O Senhor é o meu pastor e nada me faltará	23
2.1 Amará o Senhor teu Deus sobre todas as coisas.	
A atuação da Igreja Católica no Mundo do trabalho (1930 - 1945).....	23
2.2 Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti. Relação do Estado Novo com a Igreja Católica.....	53
Capítulo III - Bem aventurados aqueles que têm puro o coração, porque verão a Deus	59
3.1 Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração.	
Estado Novo e Igreja Católica: no mundo do trabalho.....	59
3.2 Jesus disse-lhes: ‘Vinde após mim, eu vos farei pescadores de homens.	
Os Círculos Operários.....	67
3.3 Aquele dentre vós que estiver sem pecado, lhe atire a primeira pedra.	
O Circulismo no Rio Grande do Sul: fundação e atuação até 1945.....	80
3.4 Bem-aventurados os que não viram e creram.	
O circulista e o círculo no Rio Grande do Sul.....	94

Capítulo IV - Na casa de meu pai há muitas moradas	99
4.1 Ide, fazei discípulos de todas as nações. Livros para os Círculos Operários.	
Livros para os Círculos Operários.....	99
4.2 Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.	
Livros da Igreja para a Igreja.....	118
Capítulo V - Todos foram feitos do pó e todos voltarão ao pó.	
Considerações Finais.....	129
Fontes e Referências Bibliográficas.....	134
Anexos.....	150

Capítulo I

“Disse Deus: haja luz. E houve luz”¹

No princípio criou Deus os céus e a terra.

*A terra era sem forma e vazia
e havia trevas sobre a face do abismo²*

Introdução

Escrever sobre os movimentos operários sempre parece ser complexo, suas múltiplas influências, posturas e reações. No entanto, em nossa trajetória de pesquisa, percebemos que os movimentos operários sofreram uma profunda transformação com a intensificação dos investimentos da Igreja Católica e do novo Estado que se solidificava nos anos de 1930.

A Igreja Católica, não apenas no Brasil, possuiu um papel cultural importante na formação das identidades sociais. Ela se colocava como articuladora das identificações locais, regionais, nacionais e pós-nacionais. Diversos foram os instrumentos utilizados pela Igreja Católica, para alcançar e dialogar com seus fiéis, grupos de senhoras, orações nos lares, atendimentos sociais e evangelização. Dessa forma, entre as primeiras décadas do século XX, no Brasil, em meio à expansão industrial, a figura do operário pareceu ser o novo alvo e para isso a Igreja Católica fundou, investiu e utilizou os Círculos Operários.

A partir dessa constatação, o presente trabalho tem por objetivo analisar a proposta “social-trabalhista” da Igreja Católica e sua relação com a fundação dos Círculos Operários, nas décadas de 1930 e 1940, assim como seu alinhamento com o

¹ Gênesis 1, v. 3.

² Idem, v. 1-2.

Estado Novo e compreender como as propostas da instituição católica vinculavam-se ao Estado e ao operariado por meio dos livros distribuídos pela Confederação Nacional de Operários Católicos.

Para tanto, primeiramente, realizamos um levantamento bibliográfico, o qual, em primeira análise, visou elucidar a proposta do catolicismo social para o mundo do trabalho. Nesse sentido, contribuíram, principalmente, os estudos de Jesse Vieira de Souza (2002), Álvaro Barreto (1995), Astor Antônio Diehl (1986, 1987, 1998), Henri Rollet (1963), Ildefonso Camacho (1995), Romualdo Dias (1996), César Arthur Isaia (1993, 1994, 1998), Henrique Matos (1991). Os estudos desses autores possibilitaram analisar a noção de “questão social” que foi assumida oficialmente pela Igreja desde a publicação das encíclicas *Rerum Novarum*, em 1891 e reforçada pelo *Quadragesimo Anno*, de 1931. A proposta do catolicismo, vinculada nessas encíclicas foi assumida para o enfrentamento dessa questão moderna. Tal procedimento possibilitou compreender os principais aspectos “ideológicos”³ que balizaram a ação da Confederação Católica do Trabalho.

Para a compreensão da conjuntura em que os trabalhadores estavam durante a Primeira República no Brasil, foram importantes os estudos de Alexandre Batistella (2007), Cláudio Batalha (1990, 2000, 2003), Edgard Carone (1976, 1989, 1991), Boris Fausto (1986, 2002), Ângela de Castro Gomes (1979, 1980, 1982, 1994), João Batista Marçal (2004, 1985), Sílvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas (1992), Thomas Skidmore (2000). Com base na leitura desses estudos, foi possível fazer as devidas interpretações sobre o trabalho no Brasil e, ainda, analisar as principais correntes ideológicas e estratégias sindicais presentes durante a Primeira República.

Através das perspectivas destes historiadores, sociólogos e antropólogos, a linguagem escolhida por nós para conduzir o diálogo com as fontes pode parecer

³ Neste trabalho, não é nosso objetivo aprofundar as discussões teóricas sobre os mais diversos significados e conceituações do termo. Aqui entendemos como Lucia Lippi Oliveira: A ideologia é aquilo que justifica e compromete a crença que confere caráter e necessário aos empreendimentos humanos. “Ela uma grelha, um código, para se dar uma visão de conjunto, não somente do grupo, mas da história e, em última instância, do mundo”. Ver mais em: OLIVEIRA, Lucia Lippi. VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.

própria do “marxismo”, pois é uma das tendências historiográficas que mais se dedicou ao estudo dos movimentos sociais e operários. Todavia, não podemos ignorar inúmeras outras discussões no campo do teórico que avançaram nas análises de poder. Desta forma, neste trabalho não nos furtamos de utilizar outros conceitos que instrumentalizaram nossa análise, propostos por Paul Ricœur, Pierre Bourdieu, Jacques Le Goff, Michel de Certeau, Peter Burke, René Rémond, entre outros.

Para essa construção teórica, fizeram-se os seguintes questionamentos: *Como foi a organização e a estruturação do movimento dos Círculos Operários? Como atuaram os Círculos Operários no Rio Grande do Sul durante o período de 1937 a 1945? Como este movimento se inseriu no contexto trabalhista brasileiro?*

Assim, em busca de respostas, optamos por analisar ao longo deste estudo o pensamento da Igreja Católica para a formação dos Círculos Operários, e como este movimento de trabalhadores católicos serviu de alicerce para seus fins junto ao governo de Getúlio Vargas. Partiu-se, assim, da visão da instituição católica e não pelo viés do movimento operário gaúcho, que nos levaria a uma análise dos movimentos anarquistas no Estado, através da Federação Operária do Rio Grande do Sul⁴, que não se encontra entre os nossos objetivos.

Acreditamos que esta pesquisa abarcava as fronteiras de vários campos de conhecimento, entre eles, a história social, a história religiosa, a comunicação, a sociologia, a antropologia e o direito. Somos devedores pelas contribuições que os seus mais variados estudos forneceram subsídios para um melhor entendimento do tema.

Há muito tempo, a relação da Igreja com o Estado é tratada, conforme mostra Peter Burke em *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*, como uma constante luta por poder. Nessa obra, ele se referiu ao “processo de coleta, recuperação, uso e supressão de diferentes tipos de informação” por parte das duas

⁴ Ver mais in: PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

grandes organizações Igreja e Estado.⁵ O autor abordou a crescente centralização de poder nos Estados e, igualmente, a de documentos e livros em prédios construídos, especificamente, para o armazenamento e consulta pública desse material, como arquivos e bibliotecas nos principais centros urbanos europeus. Aliás, a burocratização dos Estados, as sucessivas medidas de controle das informações, os mapeamentos, os questionários e relatos de expedições, o surgimento da estatística são alguns fatores analisados por Burke. Ao recheiar seu texto de narrativas peculiares, como, por exemplo, quando comenta as reações da população francesa ao censo de 1663: “contar as famílias e gado é escravizar o povo”.⁶ A censura aos livros foi realizada tanto pela Igreja quanto pelos Estados, numa tentativa de evitar a leitura de determinadas obras que compunham o indicador de livros proibidos da Igreja Católica, por exemplo.

Nesta dissertação, pensamos na religião como um sistema de crenças e práticas, para além da Teologia, pois é necessário compreender as relações de poder que definem o que é correto e o que é errado dentro de uma tradição institucionalizada. Estas diferenças entre crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e os grupos que as adotam em contextos históricos específicos. Assim, a religião e suas práticas institucionais foram concebidas como um campo da História Cultural e como algo construído historicamente. Com isso, a religião deixou de ser vista por muitos estudiosos como algo divinamente criado, mas, sim, como algo humanamente construído, ao compor um objeto de pesquisa dentre tantos. Entretanto, como não existe um significado primordial para "religião", o estudo da religião é também marcado dentro da história.⁷

Neste sentido, uma das maiores contribuições de Michel de Certeau em relação à escrita da História é mostrar que não escrevemos a História "fora" da História, ou seja, o conhecimento do passado é textualizado, permeado de intervenções e interdições ao configurar o saber histórico. A ambivalência do termo "História" (disciplina e objeto de estudo) mostra que "enquanto falam os discursos históricos, da história, estão

⁵ BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 110.

⁶ Idem, p.127.

⁷ JULIA, Dominick. *A Religião: História Religiosa*. In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1978. p. 106-131.

sempre situados na história”.⁸ Compreender religiões sob esse prisma significa enxergar o passado a partir de questões do presente:

Ainda que isto seja uma redundância, é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise de documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente. Com efeito, tanto uma quanto a outra se organizam em função de problemáticas impostas por uma situação. Elas são conformadas por premissas, quer dizer, por ‘modelos’ de interpretação ligados a uma situação presente do cristianismo [no caso do jansenismo e de Lutero].⁹

Com esta observação de Certeau, voltamos nossos olhos para as abordagens da religião realizadas pelo campo de saber histórico, e ao percorrer a historiografia tradicional, identificamos suas fragilidades. Dessa historiografia, realizada pelos recortes temáticos experimentados pelas correntes historiográficas, a religião tem sido tratada de duas formas distintas: a primeira maneira de tratamento seria através da história dos países, na qual ela é considerada como parte da história das instituições e das relações com os Estados. Na segunda maneira, as religiões seriam abordadas através do gênero milenar da História da Igreja.

Perante este viés, tanto a História das Religiões quanto dos Círculos Operários, fenômenos diretamente manifestos entre as massas e seus papéis dinamizadores das relações de trabalho, se enquadrariam no âmbito da História Social. No entanto, podemos nos perguntar, a partir da percepção da contundente atuação e a relação entre os interesses da Igreja Católica e do Estado, até onde o surgimento e fundamentação dos círculos se enquadram no âmbito social ou político? Nesse sentido, conforme René Rémond propõe, o político pode se manifestar nos mais variados fenômenos, sejam sociais, culturais, sejam até ecológicos.¹⁰

Portanto, em nosso trabalho, elegemos o aspecto político como maior referencial no inter-relacionamento com a Igreja, o Estado Novo e os Círculos Operários. Sem absolutizar, ou isolar o mesmo das demais instâncias do processo histórico, buscamos amparo nas palavras de Aline Coutrot, quando ela ressalta que “as forças religiosas são

⁸ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 1982. p. 32.

⁹ Idem, p. 33-34.

¹⁰ RÉMOND, René. *O retorno do político*. In: CHAUVEAU, Agnès & TÉTART, Philippe (org.). **Questões para a história do presente**. Bauru/SP: EDUSC, 1999, pp. 51-60.

levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios. Elas fazem parte do tecido do político ao relativizar a intransigência das explicações baseadas nos fatores sócio-econômicos”.¹¹ Dessa forma, trataremos a religião, não pelo viés dos bispos, do papa, ou das inúmeras ordens religiosas que compõem a Igreja Católica, e, sim, na ligação do religioso com o político, através de pessoas que faziam parte dos vários movimentos leigos que foram os Círculos Operários.

Com a proposta de aliar o político com as “forças religiosas” católicas, o episcopado tendeu a fazer da Igreja um corpo na defensiva dos católicos, estes, por sua vez, mobilizados por suas declarações, seriam como um exército encarregado de exprimir no plano político reivindicações confessionais. Quer dizer, segundo Aline Coutrot, este exército almejava o retorno de uma sociedade contra-revolucionária.¹²

A política seria uma modalidade da prática social, e nada ilustra melhor esta proposição da análise dos movimentos confessionais que exercem ao mesmo tempo uma prática social e política. Através da consideração do religioso, apreendem-se as massas, os comportamentos coletivos: episcopado, imprensa, movimentos, sindicatos, grupos de pressão. Os Círculos Operários, em seus estatutos, regimentos e relatórios contem de forma explícita as manifestações anticomunistas, que foi o “ideal-motriz”, isto é, o gerador de uma das bases para sua fundação. O movimento se difundiu com o intuito de uma tentativa hierárquica da Igreja Católica em criar mecanismos capazes de frear a penetração em vastas camadas da população de concepções políticas, ideológicas e socialmente contrárias aos interesses tanto da própria Igreja quanto do Estado.

Desta forma, a relação da Igreja com o Estado supera as questões religiosas e adentra pontos basilares das estruturas administrativas e institucionais. O ponto de interseção entre os dois é a própria lógica da manutenção do poder.¹³ Neste contexto, inserem-se os Círculos Operários, que muitas vezes, transitaram entre a política e a religião, entre o Estado e a Igreja Católica. Foi um movimento operário, isto é, um dos

¹¹ COUTROT, Aline. *Religião e política*. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 330-332.

¹² Idem.

¹³ Idem, p. 357.

movimentos religiosos leigos e instrumento de interlocução entre o Estado Novo e os “extratos sociais”, como será exposto nos capítulos que se seguem.

O recorte temporal desta pesquisa se limita aos anos de 1937 a 1945, eventualmente faz-se um recuo até o ano da publicação da *Rerum Novarum* em 1891. Apesar de o circulismo ter se desenvolvido muito rápido para todo o Brasil durante o Estado Novo, pouco se apresenta sobre o desenvolvimento no seu Estado gênese, o Rio Grande do Sul, sendo este nosso recorte físico. Ao dividi-lo em cinco capítulos, no primeiro, apresentamos essa dissertação na qual mostramos alguns dos referenciais teóricos, a problematização do tema, eis o caso da metodologia empregada.

Assim, partimos de um reconhecimento nacional e internacional, buscamos contextualizar também os objetos da pesquisa e achamos imprescindível começar o segundo capítulo por uma exposição do contexto histórico a partir do momento em que se deu a divulgação da encíclica *Rerum Novarum*, pelo papa Leão XIII. Essa abordagem nos possibilitou compreender o pensamento da Igreja Católica, até chegar ao mundo do trabalho e à formação dos Círculos Operários. Nesse capítulo, apresentamos a conjuntura política do país, com a chegada do presidente Getúlio Vargas, ao poder, através da Revolução de 1930 e, posteriormente, com o golpe do Estado Novo, frente aos movimentos trabalhistas e frente à formação de uma legislação para os trabalhadores. Para tanto, utilizaremos por base documental os escritos pontifícios (encíclicas *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno*), juntamente com as fontes bibliográficas.

No capítulo três, nos preocupamos em estudar a estrutura, a formação e a atuação dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul até meados da década de 1940. Neste capítulo primamos pela utilização da fonte documental e oral, com respaldo da escassa bibliografia. Ainda referente a este capítulo, consideramos importante ressaltar as limitações da pesquisa no procedimento metodológico de trabalho com fontes orais. De fato, a história oral é uma prática de pesquisa que tem seus teóricos e métodos próprios, neste sentido, recorreremos à oralidade através de relatos do ex-presidente do

C.O.P.A., o senhor Osvaldino Ruduite, a fim de contribuir, qualitativamente, para o perfil da pesquisa.¹⁴

Na seqüência, no quarto capítulo, foram analisados os impressos difundidos pela Igreja Católica para os circulistas, os trabalhadores e a sociedade católica em geral. Cartilhas publicadas pela Confederação Nacional de Operários Católicos e artigos dos jornais da Arquidiocese de Porto Alegre são as fontes centrais deste capítulo. Por fim, no quinto e último capítulo apresentamos os resultados e o parecer final da pesquisa.

Este trabalho foi orientado por procedimentos metodológicos através dos quais os historiadores organizam a produção de seus objetos. No contexto deste universo nos deparamos com as mais diversas fontes que nos conduziram a uma multiplicidade de caminhos ao determinar escolhas e ao explicitar as regras próprias do fazer historiográfico. Para Michel de Certeau,¹⁵ a produção do discurso, de práticas científicas e de uma escrita deve sempre levar em conta a relação entre o lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), os procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (historiografia).

Nessa direção, entendemos por fonte todos os documentos utilizados nesta pesquisa, pois segundo Ricœur, “para o historiador, tudo pode tornar-se documento, de modo mais marcante, as informações tão diversas quanto tabelas e curvas de preços, registros paroquiais, testamentos, banco de dados estatísticos, etc. Torna-se assim documento tudo o que pode ser interrogado por um historiador”.¹⁶ O autor ainda trata os livros de história como documento, pois “o livro de história faz-se documento, aberto à série das reinscrições que submetem o conhecimento histórico a um processo

¹⁴ Entre as experiências obtidas com a história oral destacamos um curso realizado nesta área com: Montenegro, Antonio Torres. Ressonâncias metodológicas da história e da memória. In: **III Encontro Regional de História oral (mini curso)**. Porto Alegre 2005. Como também estudos específicos como: THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. FERREIRA. Marieta de Moraes (Coordenação); ABREU. Alzira Alves de [et al]. **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 1982. p. 65-97.

¹⁶ RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 189.

contínuo de revisão”.¹⁷ Portanto, conforme nos propõe Ricœur, em nosso trabalho, nos utilizamos das mais diversas fontes escritas e orais.

Por este viés, salientamos que o *corpus documental* deste trabalho consiste de documentos sobre o circulismo (livros de edições comemorativas, boletins informativos, telegramas, publicações da Confederação Nacional de Operários Católicos, documentos pontífices, discursos do presidente Getúlio Vargas, documentos cedidos pelos núcleos circulistas, entre outros), depoimento do senhor Osvaldino Ruduite. Contudo, mesmo recorrendo ao documento oral, não nos comprometemos em usar a metodologia de História Oral¹⁸ com todas as suas conseqüências, da mesma forma, os jornais católicos *A Nação*, *Estrela do Sul* e *Unitas* foram analisados diversas vezes, todavia, sem uma preocupação mais aprofundada sobre a utilização da imprensa como fonte na História. E as bibliografias serviram para privilegiar a fonte historiográfica como conhecimento histórico e como história neste trabalho que levou em consideração a conjuntura em que a obra foi produzida, sobretudo, a formação teórica dos autores.

Acreditamos ser necessário esclarecer que, não foi nossa intenção analisar ou promover um estudo sobre a importância pedagógica dos livros católicos analisados, nem a relevância dessa literatura para o desenvolvimento educacional dos operários circulistas. Da mesma forma, quando mencionamos a palavra “cristão”, está se fazendo referência ao cristão católico, da mesma forma que quando se utiliza a palavra Igreja, está se referindo à Igreja Católica Apostólica Romana. Feito este esclarecimento, voltamos ao desenvolvimento da pesquisa nos capítulos a seguir.

¹⁷ RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 247.

¹⁸ História Oral é uma metodologia que requer um método e estudos específicos.

Capítulo II

“O Senhor é o Meu Pastor e nada me Faltará”

*Deitar-me faz em verdes pastos,
Guia-me mansamente a águas tranqüilas.
Refrigera a minha alma; guia-me pelas
Veredas da justiça, por amor do seu nome.¹⁹*

2.1 “Amará o Senhor teu Deus sobre todas as coisas”

A atuação da Igreja Católica no Mundo do Trabalho (1930-1945)

Este capítulo versa sobre o cenário mundial frente às mudanças ocorridas na área social, sobretudo, na relação da Igreja Católica com este contexto, principalmente no Brasil, onde muitos foram os movimentos católicos que se difundiram durante os primeiros anos do século XX. A intenção é analisar a proposta social da Igreja Católica mostrando-a como objeto de investigação histórica, a partir de uma reflexão teórica acerca da relação desta instituição com o Estado Novo. Para tanto, iniciamos esse capítulo com uma breve reflexão contextual.

A sociedade mundial, em fins do século XIX, encontrava-se profundamente transformada pela Revolução Industrial. A sociedade sofria com os efeitos gerados pelas novas formas de trabalho propostas pelas inovações científico-tecnológicas. A industrialização trouxe avanços inegáveis. Especialmente a imensa capacidade de produção pela máquina representou uma revolução na ordem sócio-econômica com o surgimento e a consolidação da indústria; na ordem política, através do fortalecimento dos Estados-Nação, que se afirma pelo aprofundamento e pela sistematização do

¹⁹ Salmo 23, v. 2-3.

conhecimento e do método experimental; e ainda na ordem filosófica, fundada no pensamento da razão ilustrada e na emergência da objetividade.²⁰

No entanto, esse conjunto de transformações trouxe também efeitos negativos, embora a multiplicação na capacidade de produção de bens, oferecida pelo poder das máquinas, alimentos e equipamentos, os benefícios deste progresso não foram distribuídos com igualdade. Os “tempos modernos” vieram acompanhados de um enorme potencial produtivo e de uma crescente desigualdade social.

No Brasil, uma maior complexificação da estrutura social foi acompanhada por um processo de diferenciação da economia a partir do final do século XIX e princípio do XX. Para isso, também contribuíram a expansão da lavoura cafeeira, o aceleramento do processo de urbanização e a emergência de um mercado interno, exigido pelo desabrochar da indústria. Nessa perspectiva, o crescimento das camadas médias urbanas, a constituição do proletariado e da burguesia industrial, o incremento da imigração européia e a crescente organização e autonomia das Forças Armadas fizeram sentir a presença de novos atores que passaram a exigir uma ampliação nas bases de representatividade do sistema vigente.

As aspirações políticas e sociais emergentes esbarraram na rigidez da máquina político-administrativa, consolidada durante a Primeira República. Nessa configuração, as oligarquias agroexportadoras, sob a hegemonia da burguesia cafeeira, detiveram o controle sobre os principais recursos de poder na sociedade e seus interesses predominaram, não só no plano federal, mas também no estadual tanto no Legislativo quanto no Executivo.

A origem e as condições da industrialização até fins do século XIX fizeram com que a economia brasileira continuasse essencialmente agrária e exportadora: na região amazônica, produziu-se e se exportou borracha. No norte e nordeste, açúcar, algodão, fumo e cacau dominaram os produtos de interesses. No Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Espírito Santo e em São Paulo, o café ocupou o primeiro lugar. No Rio

²⁰ HOBBSBAWN, Eric J. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Grande do Sul, produziram-se couro, pele, mate e exportou-se, para outras regiões do Brasil, o charque.

Porém, no final do século XIX, a economia agroexportadora começou a modificar-se. Entre 1886 e 1894 a industrialização conseguiu maior impulso, embora a sua origem fosse anterior a 1880. Contudo, originou e desenvolveu as indústrias que estiveram intimamente relacionadas ao desempenho da economia primário-exportadora. Isso até a crise de 1929, quando a economia agroexportadora foi superada pela industrialização, que passou a ocupar o centro vital da economia.

A industrialização não ocorreu em todo o país, simultaneamente, e com a mesma intensidade. O seu pólo dinâmico situou-se no sudeste, particularmente em São Paulo, onde se localizava a mais poderosa economia exportadora: a cafeicultura.²¹

No entanto, a crise decorrente da Primeira Guerra Mundial, com a diminuição dos vínculos de dependência externa, os sinais de abalo e desgaste no interior do próprio pacto oligárquico e a crescente pressão de novas camadas sociais evidenciaram, ao mesmo tempo em que estimularam o enfraquecimento do regime político estabelecido. No Brasil, as décadas de 1910, e em especial, a de 1920, viram-se assoladas por uma intensa mobilização da sociedade civil, a qual produziu uma ambiência de insatisfação e de busca de novas alternativas. As camadas urbanas se organizaram em partidos de âmbito estadual, em movimentos político-sociais, com o intuito de impor seus projetos e nas demandas que visavam ou à conservação, ou à reformulação da ordem social vigente.

A economia cafeeira paulista, a qual desenvolvia-se no contexto da transição do trabalho escravo para o trabalho com mão-de-obra livre e com ampla possibilidade de expansão nas terras férteis do Oeste, converteu-se na mais próspera das economias agroexportadoras. Por essa razão, foi ali que a industrialização desenvolveu-se mais rapidamente.

²¹ CARONE, Edgard. **O pensamento industrial no Brasil (1880-1945)**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977. p. 47-61.

Logo de início, a industrialização fez parte da economia cafeeira, ou melhor, do "complexo cafeeiro", pois a produção e a exportação do café dependiam de uma complexa organização de fatores. Além da esfera propriamente de sua produção, o complexo incluía ainda no seu processamento um sistema de transporte, como o ferroviário, comércio de importação e exportação, bancos e, por fim, indústrias.²²

O processo de industrialização, por isso, acompanhou o ritmo do setor exportador, não apenas o cafeeiro. Em momentos de expansão, os investimentos industriais aumentaram e se contraíram em momentos de retração do mercado internacional. Até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Estado não adotou nenhuma política de estímulo à industrialização. No entanto, ela era estimulada direta ou indiretamente, quando o governo aumentava as tarifas alfandegárias e, sem o pretender, acabou protegendo as indústrias da concorrência estrangeira, ou quando desvalorizou a moeda nacional que desestimulou as importações, ou então quando adotou as duas medidas ao mesmo tempo.

No final dos anos 1920, a economia capitalista internacional deparou-se com uma profunda depressão: a crise de 1929. Essa crise eclodiu nos Estados Unidos e teve importantes repercussões internacionais, que atingiu, inclusive, o Brasil, quando, então, a economia cafeeira se desorganizou.

Nos anos que se seguiram à crise, com o apoio governamental, a industrialização se intensificou e objetivou substituir as importações. Porém, o processo de industrialização só se completou na década de 1950, com a implantação da indústria pesada, isto é, o importante setor em que se concentraram as máquinas que fabricavam máquinas para outras indústrias.

Voltemos ao início deste processo. Diante desse cenário nacional e internacional, os governantes brasileiros acabaram por ignorar, ou excluir a Igreja e seus programas e soluções, o que gerou tensões com o clero. Com a proclamação da República, o Estado separa-se, definitivamente, da Igreja e forneceu à população liberdade religiosa no país. Conforme Lúcia Lippi Oliveira, a Igreja estava esquecida pelos poderes públicos

²² CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Ática, 1989. p. 56-57.

e, por muitas vezes, equiparada as demais religiões. Aliás, as camadas mais importantes da intelectualidade brasileira provinham, nesse momento, de círculos positivistas, evolucionistas ou, pelo menos, indiferentes ao catolicismo.²³ Diante desses fatos, em convulsão e sob a ameaça de se verem marginalizadas do processo político nacional, as cúpulas eclesiais e laicas iniciaram uma estratégia de autodefesa e se organizaram, ou seja, deram início ao que se convencionou chamar de "reação católica". Esse movimento assumiu posição de destaque no contexto brasileiro a partir dos anos 1920, e também se configurou em um importante núcleo aglutinador da sociedade civil, ainda que restrito, basicamente, aos estratos médios e superiores.

A principal religião no Brasil, desde o século XVI, tinha sido o Cristianismo e foi pregada, predominantemente, pela Igreja Católica Romana, introduzida por missionários que acompanharam os exploradores e colonizadores portugueses nas terras brasileiras. O cristianismo chegara já no descobrimento, e lançara profundas raízes na sociedade a partir do período da colonização. Ordens e congregações religiosas assumiram serviços nas paróquias e dioceses, a educação nos colégios, a evangelização indígena e inseriram-se na vida do país. Porém, os conflitos entre a Igreja Católica e o Estado no Brasil do final do século XIX, como já se fez menção, tinham íntima relação com as alterações surgidas no interior da própria Igreja, pois sua posição ultramontana²⁴ batia diretamente contra o liberalismo e o cientificismo, influentes na elite do país nos últimos anos do Império. Muitos republicanos viam a Igreja como uma instituição que representava o passado reacionário, um aliado natural da monarquia e contrário ao progresso; por isso defendiam o caráter laico das instituições e tentavam impedir qualquer autoridade da Igreja.²⁵

Frente a esse contexto de intensas transformações, a reação partiu do pontificado de Pio XI que, entre outros atos, instituiu a Ação Católica, espalhada (assolada) por todo o mundo. Foi através de pessoas "comuns", leigos, que a reação católica advogou

²³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPp, 1990. p. 159-174.

²⁴ Ultramontanismo refere-se à doutrina e política católica que busca na Cúria Romana a sua principal referência. Este movimento surgiu na França na primeira metade do século XIX. Reforça e defende o poder e as prerrogativas do papa em matéria de disciplina e fé.

²⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. op. cit. p. 161.

os princípios religiosos e morais. Sua ação visou restaurar a vida católica na família e na sociedade através da evangelização e doutrinação.

Pode-se afirmar que, em termos ideais, o projeto último da Igreja era o de recuperar a posição privilegiada e quase monopolística por ela desfrutada no universo cultural e educacional da Colônia. Segundo sua ótica, este era o papel que lhe cabia, por direito sobrenatural, mas que lhe fora usurpado no século XVIII pela expulsão dos jesuítas do país por Pombal.²⁶ Na perspectiva da liderança católica, a reconquista dessa influência sobre os fiéis, significaria a um só tempo a disseminação de seu poder na nova conjuntura e solução dos impasses que afligiam a Nação. Pautada nessas premissas, a Igreja formulou, no período, um programa deliberado para recristianizar a sociedade e a própria instituição do Estado. Essa tarefa se viabilizaria, fundamentalmente, com o apoio da Ação Católica e de seus grupos laicos, responsáveis pelos movimentos religiosos de massa e através da ressocialização das elites dirigentes segundo os princípios cristãos.

A Ação Católica Brasileira formou a Liga Eleitoral Católica (LEC), centros culturais, jornais e revistas. Passou a destinar grande parte de sua atenção para a formação de uma dita “elite intelectual católica”,²⁷ para intervir e propagar o conhecimento do catolicismo na sociedade brasileira, com o desenvolvimento de escolas e universidades católicas. Essas, em 1922 tiveram sua fundação com o nome Instituto de Estudos Superiores (IES) e, mais tarde, a Universidade Católica do Rio de Janeiro, pelo padre Leonel Franca. Com o mesmo intuito, tinham fundado o Centro Dom Vital (1922) e a imprensa, com a revista *A Ordem* (1921), a fim de preparar lideranças para atuarem junto à sociedade.²⁸

²⁶ Principal ministro do rei de Portugal, Dom José I, o Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal, reformou o Estado Português, através de diversas medidas, entre elas a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias, sendo declarados rebeldes e traidores, em 21 de julho de 1759. Ver mais em: FERREIRA, Olavo Leonel. 500 anos de História do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2005.

²⁷ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários e a invenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil: uma discussão historiográfica**. 2005. p. 06.

http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/jessie_jane_circulos.pdf (29/04/2007- 03h: 09 minutos).

²⁸ DIEHL, Astor. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990. p. 29.

A Igreja Católica, como uma instituição religiosa de grande presença social, política e cultural no Brasil, passou por momentos de estagnação e crise até a década de 1930. A instituição “perdera” seu poder, ou respeito que tivera no período colonial e no imperial. Entretanto, com a atuação de seus órgãos, a recém fundada Liga Eleitoral Católica, a imprensa católica e com o apoio dos movimentos leigos organizados por intelectuais como Alceu Amoroso de Lima e Jackson de Figueiredo.

Essa reação do clero teve por figura principal o então Cardeal Dom Sebastião Leme, que junto com intelectuais católicos divulgaram e propagaram os ideais do catolicismo. Através da imprensa contou com diversos diários e semanários em todo o país com o intuito de atuar tanto na vida pública quanto na privada.

O declínio da Primeira República forneceu à Igreja uma situação propícia para superar o ostracismo a que tinha sido relegada pela Constituição de 1891. O enfraquecimento endêmico da ordem política instaurada no país com a Revolução de 30 converteu a Igreja em uma força social de peso para a legitimação do novo “arranjo” de poder. Como ficara evidenciado, a questão operária se configurou no período em um importante elemento de barganha que viabilizou a reaproximação entre a Igreja e o Estado.

No contexto apresentado, os conflitos sociais e as efervescências ideológicas do marxismo e do liberalismo manifestaram-se nas greves operárias e no maior grau de perturbação da ordem, inclusive pela própria fundação do Partido Comunista do Brasil.²⁹ Neste momento histórico, onde o Brasil e a Europa viam o comunismo “ganhar terreno”, o pontífice Pio XI lançou em 15 de maio de 1931 a encíclica *Quadragesimo Anno*.

Com o passar dos séculos, a Igreja Católica, de alguma forma, se afastou do mundo do trabalho. E para contrapor este fato, muitos foram os movimentos pela

²⁹ O Partido Comunista Brasileiro foi fundado na cidade de Niterói a 25 de março de 1922. Seguindo a tendência mundial entre os Partidos Comunistas, foi registrado no Diário Oficial da União sua fundação em 4 de Abril do mesmo ano, porém com o nome de Partido Comunista - Seção Brasileira da Internacional Comunista (PC-SBIC).

evangelização dos excluídos, mas um cuidado mais preciso com esse grupo chamado “trabalhador” se deu através das encíclicas.

O *Quadragesimo Anno* propôs um sistema alternativo, ou seja, o corporativismo cristão fundado na preocupação de preservar a dignidade inalienável da pessoa humana e para tal forneceu normas seguras para um dos maiores problemas da sociedade, segundo a visão da Igreja, que é a questão social.³⁰ Ao rejeitar a idéia de luta de classes, a Igreja recorreu ao corporativismo e tentou fundir os conceitos de “classe” e “corporação”. A classe trabalhadora era definida, então, pelo ato de produzir, de trabalhar que se baseava na natureza da pessoa humana e na sua dignidade. Conforme apresentado na *Quadragesimo Anno*:

Àqueles que estabelecem relações de vizinhança vem a constituir cidades, assim a natureza inclina os membros de um mesmo ofício, ou de uma mesma profissão, qualquer que seja, a criar argumentos corporativos, de tal maneira que muitos consideram estes agrupamentos como órgãos, se não essenciais ao menos naturais da cidade.³¹

Preocupada em reverter as perdas ocorridas desde o começo da modernidade, a Igreja buscou no corporativismo valores para sua proposta de enfrentamento da questão social. No discurso da Igreja, o conceito de “classe” se confundia com o de “corporação” através da utilização dos princípios da solidariedade e da harmonia entre as classes. A encíclica, então, sugeria a organização da sociedade com base em associações representativas dos interesses e das atividades profissionais, ou corporações. Para a Igreja Católica, seriam removidos ou neutralizados, os elementos de conflito, como é o caso da concorrência no plano econômico, a luta de classes no plano social, ou as diferenças ideológicas no plano político.

O Estado não deveria tomar sobre si as tarefas que poderiam ser realizadas pelas organizações, ou instâncias da sociedade civil, nem, inversamente, jogar sobre estas o peso de certos encargos que são de competência das autoridades maiores.

³⁰ PIO XI. **Carta Encíclica “Quadragesimo Anno”**. Sobre a restauração da ordem social. Juiz de Fora: Editora Lar Católico, 1944. p. 4.

³¹ Idem, p. 16.

Pio XI salientou que todos têm direito ao trabalho, muitas vezes, negado aos homens em nome de preconceitos raciais, ou nacionalistas, notadamente, aos refugiados. Isto está em oposição flagrante com a doutrina social da Igreja naquele momento. Todos os homens seriam iguais aos olhos de Deus, que, segundo o pontífice encoraja o trabalho de deficientes, eis o caso dos visuais.³² Ninguém poderia ser privado disso.

Para o Papa, o trabalho era um direito fundamental, com valor de dignidade, assim como uma necessidade para o homem se formar, manter uma família, ter acesso à propriedade e contribuir para o bem comum. Conforme enfatizou, “se pode afirmar, com toda a verdade, que o trabalho é o meio universal de prover as necessidades da vida, quer ele se exerça num terreno próprio; quer ele em alguma arte lucrativa cuja remuneração, apenas, sai dos produtos múltiplos da terra, com os quais se ela comuta”.³³

A encíclica “Quadragésimo Ano” foi a segunda grande encíclica social. Anterior a este documento, em 1891 o, então, papa Leão XIII lançou a encíclica “*Rerum Novarum*” com o objetivo central de voltar o olhar da Igreja para o mundo do trabalho. Dessa forma, iniciou a aproximação da Igreja com o trabalhador.

Ambas as encíclicas propuseram soluções para a questão operária, justiça social e sugeriram um corporativismo socioeconômico no qual poderiam estar aliados os interesses dos empregados aos dos patrões.

A encíclica *Rerum Novarum* foi o documento inaugural daquilo que se convencionou chamar de Doutrina Social da Igreja³⁴, “sobre a questão operária”, publicada em 15 de maio de 1891, e se constituiu no impulso inicial sobre a questão do trabalho e do trabalhador em busca de uma ordem social justa. Na conjuntura do final do século XIX, início do XX, a grande maioria da população ficou à margem

³² ROLLET, Henri. **O trabalho, os trabalhadores e a Igreja**. São Paulo: Editora Flamboyant. 1963. p. 64.

³³ LEÃO XIII. **Sobre a Condição dos Operários: “Rerum Novarum”**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1950. p. 11-13.

³⁴ Doutrina Social da Igreja é o conjunto dos ensinamentos contidos no magistério da Igreja constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos papas, inseridos na tradição multissecular, e que tem suas origens nos primórdios do Cristianismo. Ver mais em: MENEZES, Carlos Alberto de. *Ação social católica no Brasil. Corporativismo e sindicalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

progresso político-econômico. Esse contexto, somado às ameaças do liberalismo e do comunismo, despertou preocupação da Igreja Católica com a “condição dos operários”. Leão XIII se viu entre dois problemas centrais: de um lado, os males provocados por uma economia centralizada na maximização do lucro e na acumulação capitalista; e, por outro, a chamada “onda vermelha” do socialismo que ganhava terreno no mundo operário.

Dentro desta visão, a Doutrina Social da Igreja estabeleceu os preceitos básicos para a condição do trabalhador e do trabalho, como também para a sociedade, que viria a se estabelecer nos anos posteriores. Preceitos que, através dos movimentos de base, foram defendidos pela Igreja Católica Brasileira. Nessa visão, segundo Henri Rollet, o Estado também deveria adaptar-se e aplicar aos problemas da sociedade os preceitos da doutrina social, a fim de ajudar os povos e os governos a organizar uma sociedade mais humana e mais em conformidade com os “desígnios de Deus para com o mundo”.³⁵ O trabalho seria um direito e um dever fundamental do homem, um direito pessoal e necessário, um direito social, longe da realidade do século XX. Nas palavras do apóstolo Paulo, “quem não quer trabalhar também não deve comer”.³⁶

À vista dos problemas resultantes da revolução industrial, que suscitaram o conflito entre capital e trabalho, o documento papal enumerou “os erros que provocam o mau social”, excluiu também o socialismo como remédio e expôs, de modo preciso e atualizado, a doutrina católica sobre o trabalho, o direito de propriedade, o princípio da colaboração em contraposição à luta de classes, sobre o direito dos mais fracos, sobre a dignidade dos pobres e as obrigações dos ricos, o direito de associação e o aperfeiçoamento da justiça pela caridade.

A encíclica *Rerum Novarum* abordou, 52 anos antes da Consolidação das Leis Trabalhistas, promulgada em 1943 pelo presidente Vargas, a necessidade da regulamentação da carga horária, do trabalho infantil e, principalmente, do salário mínimo.

³⁵ ROLLET, Henri. **O trabalho, os trabalhadores e a Igreja**. São Paulo: Editora Flamboyant. 1963. p. 63.

³⁶ Idem.

Um dos princípios da *Rerum Novarum* é a conformidade do homem com sua condição, isso porque é impossível que, na sociedade civil, todos sejam elevados ao mesmo nível. Essa desigualdade reverteria em proveito tanto da sociedade quanto dos indivíduos, porque a vida social requeria uma estrutura variada e funções diversas. O Papa levantou questões sobre a posição do operário, frente ao seu empregador:

O operário deve fornecer integralmente e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme a equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências, e nunca revestirem a forma de sedições; deve fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos lhes sugerem esperanças exageradas e lhes fazem grandes promessas, as quais só conduzem a estéreis pesares e à ruína das fortunas.³⁷

Nesta citação, Leão XIII salientou os deveres do operário quanto ao seu distanciamento dos atritos sociais. Competindo ao empregador velar para que o operário não seja entregue à sedução e aos apelos corruptos, que nada venha a enfraquecer o espírito de família, nem os hábitos de economia. Proíbiam aos patrões a atribuição de um trabalho superior às forças, ou em desacordo com a idade, ou sexo dos seus trabalhadores. Mas, entre os principais deveres do patrão, em primeiro lugar, estava o de dar a cada um o salário merecido.³⁸

Leão XIII não apenas rejeitou o socialismo e responsabilizou o capitalismo pela questão social, mas propôs uma política social que, segundo sua visão, inspirou toda política trabalhista reivindicada. Salientou em seu documento a emergência de: remuneração justa, direito ao repouso, e também um trabalho em ambiente salubre e moral, respeito à sua consciência, auxílios aos desempregados e suas famílias, direito à aposentadoria e pensão nos casos de doença, direito a auxílios e benefícios sociais no caso da maternidade, direito de reunião e associação.³⁹

Ainda segundo o documento pontífice, o Estado teria um papel distributivo e deveria agir de forma a garantir o bem-estar de todos. A encíclica esclarece, no entanto, que o Estado só deveria agir quando o indivíduo fosse ameaçado e sofresse

³⁷ ROLLET, Henri. **O trabalho, os trabalhadores e a Igreja**. São Paulo: Editora Flamboyant. 1963. p. 15.

³⁸ Idem, 15-16.

³⁹ Idem, p. 23-35.

privações.⁴⁰ Era papel do Estado impedir a desordem social e atuar em causas essenciais, conforme a garantia do trabalho digno e do salário justo. Além disso, o Estado aparece como aquele que deve intermediar tensões entre capital e trabalho, patrões e empregados. No documento, partiu do pressuposto de que era possível conciliar as duas classes em jogo.

Dentro da Igreja Católica, esse é um dos posicionamentos frente à questão social sob uma ótica cristã. Neste sentido, podemos dizer que a encíclica de 1891 nasceu com uma dupla motivação: uma mais explícita e centrada na questão social, outra mais encoberta marcada pelo temor do avanço socialista. Assim Deivison Amaral destacou:

A proposta revolucionária dos socialistas pode ser considerada como um dos fatores que impulsionaram uma tomada de posição da Igreja frente à questão social. A influência socialista poderia fazer com que a ordem estabelecida fosse rompida, o que desagradaria a Igreja. Prova disso é que a proposta da Igreja era totalmente contrária às idéias socialistas.⁴¹

O socialismo, conforme a citação acima era considerado um dos maiores inimigos da instituição católica e por isso não foi esquecido por Pio XI ao dirigir-se ao operariado.

Uma das facções seguiu uma evolução paralela à da economia capitalista, que antes descrevemos, e precipitou no comunismo, que ensina duas coisas e as procura realizar, não oculta, ou solapadamente, mas à luz do dia, francamente e por todos os meios ainda os mais violentos, guerra de classes sem tréguas nem quartel e completa destruição da propriedade particular. Na perseguição destes objetivos a tudo se atreve, nada respeita; uma vez no poder, é incrível e espantoso quão bárbaro e desumano se mostra. Aí estão a atestá-lo as mortandades e ruínas de que alastrou vastíssimas regiões da Europa oriental e da Ásia; e então o ódio declarado contra a santa Igreja e contra o mesmo Deus demasiado o prova essas monstruosidades sacrílegas bem conhecidas de todo o mundo.⁴²

Tanto o papa Leão XIII, quanto o papa Pio XI insistiram e afirmaram através das encíclicas que os sindicatos devem ser instrumentos de solidariedade entre os trabalhadores e um fator construtivo da ordem social. Porém, enquanto as palavras de Leão XIII estavam marcadas pelo temor da “onda vermelha” e pelo fascínio da

⁴⁰ ROLLET, Henri. **O trabalho, os trabalhadores e a Igreja**. São Paulo: Editora Flamboyant. 1963. p. 21.

⁴¹ AMARAL, Deivison Gonçalves. **Confederação Católica do Trabalho: práticas discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Belo Horizonte: PUCMG, 2007. p. 30.

⁴² PIO XI. **Carta Encíclica “Quadragesimo Anno”**. Sobre a restauração da ordem social. Juiz de Fora: Editora Lar Católico. 1944. p. 64.

organização internacional socialista, as de Pio XI ofereceram maior incentivo e apoio ao associativismo. Embora desde o *Rerum Novarum* já se encontrassem várias referências às associações operárias católicas e às corporações, foi, sobretudo, no “Quadragésimo Ano” que foi conferida atenção especial ao direito de organização dos trabalhadores. Aliás, a ação sindical deveria voltar-se para o bem comum, que não se admitia o ódio, ou a luta de classes. O papel específico do sindicato seria o de garantir os justos direitos dos homens do trabalho quanto ao quadro do bem comum de toda a sociedade, empenho normal das pessoas em busca do bem justo. Tal organização, em sua maneira de ver, muito poderia contribuir para superar a questão social.⁴³

Porém, é inegável destacar que a encíclica *Rerum Novarum* não foi o primeiro documento redigido em prol do operário e das condições em que este se encontrava. Um dos estudos precursores foi, justamente, o “principal inimigo da doutrina da Igreja”. O Manifesto Comunista⁴⁴, de 1848, que teve por autores, Karl Marx e Friedrich Engels, foi escrito e publicado, com linguagem voltada ao operariado.⁴⁵

Precisamos considerar que no ambiente da fábrica, as idéias marxistas eram mais atraentes que as católicas, ainda mais se levarmos em conta o afastamento considerável entre a hierarquia eclesiástica e o operariado. Esse panorama foi constatado pelo papa. Segundo Mainwaring, Pio XI havia lamentado que o maior escândalo do século XIX foi o fato da Igreja ter perdido a classe operária. Ambos os pontífices Pio XI e Pio XII visavam à reconquista dessa classe como um objetivo prioritário.⁴⁶

Dessa forma, de acordo com a citação anterior de Mainwaring, o fato é que o apostolado católico voltava-se para as elites econômicas e, conseqüentemente, afastou-se das massas operárias que acabaram desinteressando-se da religião não respondendo

⁴³ PIO XI. **Carta Encíclica “Quadragésimo Ano”**. Sobre a restauração da ordem social. Juiz de Fora: Editora Lar Católico. 1944. p. 49-58.

⁴⁴ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

⁴⁵ Este trabalho não tem a intenção de se aprofundar sobre o comunismo, sua trajetória no Brasil, muito menos suas origens e intenções. Porém, como era um dos pontos em comum nas relações entre Estado e Igreja, será abordado de forma rápida, no decorrer da dissertação. Ver mais em: SILVA, Carla Luciana. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

⁴⁶ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 141

às suas necessidades. Por isso, precisamos considerar todo o histórico de abusos financeira da Igreja e incompreensão, para com as classes subalternas, e esta foi uma das batalhas travadas por Pio XI para chegar até as massas. Também almejava falar de igual com o operário e poder tinha como meta fazer com que este operário o aceitasse entre os seus da mesma forma que os comunistas interagiam. A verdade é que o apostolado, no decorrer dos anos 1930, ainda não sabia, na prática, os ensinamentos de seus pontífices Leão XIII e Pio XI. Havia, dentro da própria Igreja, os que viam com bons olhos àqueles adeptos da defesa da atuação da Igreja na questão social, enquanto os outros faziam oposição.

O corpo eclesiástico estava por demais ligado às elites econômicas e à intelectualidade, principalmente no Rio Grande do Sul, onde essa postura foi extremamente, presente. Essa posição da Igreja pode ser exemplificada por sua postura contra o movimento de jovens católicos gaúchos, “Centro Católico de Acadêmicos” (1935). De fato, esse movimento de vanguarda despertou desconfiança tanto do laicado,⁴⁷ quanto da própria arquidiocese. Esses foram tachados de comunistas, porque lutava contra a exploração do operário, por salários mais dignos, controle do Estado sobre preços e contra as injustiças cometidas pelos patrões. Sua atuação se dava tanto na capital, quanto no interior do estado. Ensinamentos básicos da *Rerum Novarum*, seguidos pelo grupo de jovens era motivo de escândalo segundo Artur Isaia.⁴⁸ Além disso, “a população católica não estava habituada a conviver com leigos ao mesmo tempo profundamente vinculados à hierarquia católica e às lutas sociais de seu tempo. A presença de elementos do laicado junto a movimentos grevistas, por exemplo, escandalizava amplos setores do catolicismo rio-grandense”.⁴⁹

Dom João Becker, no comando da arquidiocese de Porto Alegre, foi criticado, tanto pela juventude católica, por não se fazer presente na questão social, quanto por clérigos que eram contra o elitismo da instituição gaúcha. O padre Leopoldo Brentano,

⁴⁷ Laicado no atual uso cristão, este termo significa a condição ou o conjunto (normalmente organizado) dos leigos na Igreja, os membros do povo de Deus que não são clérigos nem religiosos. Ver mais em: [http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=342\(05/05/2008-12h:32min\)](http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=342(05/05/2008-12h:32min))

⁴⁸ ISAIA, Artur César. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 128.

⁴⁹ Idem, p. 129.

fundador do movimento circulista e ao unificar os operários católicos do Brasil, através dos Círculos Operários, também ganhou o estigma de “comunista” por ser crítico da falta de valorização do movimento operário e da visão burguesa da arquidiocese. Antes da fundação dos Círculos Operários (tema que será aprofundado no capítulo III), a atuação da Igreja Católica no Rio Grande do Sul era quase nula.

Ainda em 1935, fundou-se, sob o comando da arquidiocese, um movimento que não teve um tempo de atuação muito longo, entretanto, tinha o intuito de combater o comunismo no Estado, a Ação Brasileira de Renovação Social, organizada por leigos. Acreditava que o combate ao comunismo viria da atuação dos católicos junto aos operários e para isso contavam com a elite intelectual católica de Porto Alegre, para com isso recristianizar a sociedade. Contudo, vê-se uma grande distância entre a instrução dessa elite intelectual e as massas operárias, que a Ação Brasileira queria orientar.⁵⁰

Os problemas sociais não estiveram ausentes das publicações anteriores na história da Igreja. Foram inúmeras as referências à situação real dos pobres desde os primeiros séculos do cristianismo e da tradição católica. Leão XIII, na introdução de sua *Rerum Novarum*, referiu-se à abordagem do tema em encíclicas precedentes sobre soberania política (*Diuturnum Illud*, 1831), liberdade humana (*Libertas Praestantissimum*, 1885) e a constituição cristã dos Estados (*Immortale Dei*, 1888).⁵¹ Mas, enquanto anteriormente, essas questões apareciam de forma secundária à margem de outros assuntos, na *Rerum Novarum* o papa fez da condição social dos operários seu tema central. Defendeu, assim, o dever do Estado ao garantir os direitos dos operários cuja criação de sindicatos para reivindicar seus legítimos interesses foi de crucial relevância.

Leão XIII tentou lançar um projeto de transformação social que se legitimasse perante a sociedade como a verdadeira modernidade. Nesse sentido, evocou o passado da Igreja e buscou, desto da História da instituição, “verdades” ao considerar estas

⁵⁰ ISAIA, Artur César. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p.133-141.

⁵¹ LEÃO XIII. **Sobre a Condição dos Operários: “Rerum Novarum”**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1950. p. 4.

fundamentais e inalteráveis. Tentava com isso estabelecer parâmetros para constituir uma nova organização mundial, ao objetivar que a Igreja se afirmasse novamente como a “consciência moral do mundo”.⁵² Sendo assim, ancorado no pensamento de São Tomás de Aquino⁵³ buscou subsídios, para enfrentar o racionalismo moderno e reconquistar o espaço perdido pela instituição.

Leão XIII, por meio da razão, buscou uma ação da Igreja mais condizente com as necessidades postas pela modernidade sem, no entanto, abandonar os dogmas e as tradições católicas. O pontífice trouxe à tona os perigos que rondavam a classe operária e o pensamento daquilo que deveria ser feito, para ajudar os trabalhadores.

O papa Pio XI propôs colocar, em prática, os princípios sobre a questão social, levantados por Leão XIII, 40 anos antes, sobre o capital de trabalho e sua mútua coordenação. Portanto, era necessário evitar tanto o individualismo quanto o coletivismo, ponderar com igualdade e rigor o caráter individual e social do trabalho, regular as relações econômicas, conforme as leis de justiça comutativa. Todas as propostas da encíclica centravam-se no regresso à doutrina católica, e o papa defendeu a sua temporal validade, ao mostrar a forma como os movimentos leigos e os clérigos deveriam atuar.

Nesse contexto, a Igreja passou a atuar em diversos setores da sociedade principalmente junto ao meio operário brasileiro. Astor Diehl citou vários movimentos católicos de atuação junto ao operariado que ocorreram entre 1902 a 1920, como: em São Paulo (1917), Recife (1902) e 1920 em Belo Horizonte⁵⁴, entre outros. No Rio Grande do Sul, espaço geográfico em que se detém este trabalho, também podemos destacar alguns movimento católicos de relevância para os operários. Encontraram-se indícios da ação social operária através das atividades apostólicas e sociais do jesuíta padre João Batista Reus, que entre os anos de 1909-1912, se dedicou ao operariado através da oferta de aulas religiosas noturnas e retiros espirituais. Fundou a Liga

⁵² SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 60.

⁵³ São Tomás de Aquino acreditava que por meio da razão seria possível chegar às verdades supremas.

⁵⁴ DIEHL, Astor . **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990. p. 54-57.

Operária Católica, com estatutos próprios, elaborados pelo padre. Em um período em que não havia legislação trabalhista, padre Reus desempenhava diversas atividades e acabou por voltar-se a outros trabalhos assistenciais.⁵⁵ Em Santa Maria, foi fundada uma congregação para a proteção das empregadas domésticas (1915), da mesma forma, em 1920, ao lado da catedral de Pelotas foi fundada a “Liga Protetora da Empregadas”, e em Caxias do Sul, a associação de operários da Vila Galópolis que mantinha assistência educacional e de lazer aos filhos dos operários, além de ter cooperativa de consumo, sistema de empréstimo e crédito, e estar ligada à Confederação Nacional de Operários Católicos.⁵⁶ Assim, durante décadas, a Igreja Católica participou com vigor do processo de construção da cultura trabalhista e ancorou sua aliança com o Estado em sua pregação de paz social.

A efetiva participação dos católicos junto aos operários iniciou na década de 1910, no entanto, só no início dos anos 1930 assumiu seu caráter normatizador. Essa nova postura da Igreja levou à fundação de um dos movimentos católicos de maior significância junto ao operariado, não só no Rio Grande do Sul, onde se originou, mas também relevou em nível nacional os Círculos Operários.

Em nosso capítulo três analisaremos sua história, seus fundamentos e seus ideais, porém, neste momento, abordaremos alguns pontos sobre sua relevância para a atuação da Igreja junto aos trabalhadores do Brasil, necessários para compreendermos o papel dos Círculos Operários dentro da Igreja Católica.

Este movimento de raízes gaúchas foi fundado em 1932 e se diversificou rapidamente por todo o sul do país. Três anos após sua fundação agregou todos os círculos gaúchos à Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul (FCORGS) em 1935. No mesmo ano, realizou-se o Congresso dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul. Toda esta articulação dos círculos não trouxe muita simpatia de outros movimentos de operários católicos, pelo fato dos círculos terem estabelecido parcerias com o Ministério do Trabalho no processo de sindicalização. Esse foi o caso

⁵⁵ Informações fornecidas pelo Círculo Operário de Estrela, juntamente com outros documentos, sem maiores referências.

⁵⁶ DIEHL, Astor. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990. p. 57.

do movimento mineiro, Confederação Católica do Trabalho, com as quais as desavenças foram mais acirradas, por existir no interior dessas organizações uma grande expectativa quanto à possibilidade dos católicos construírem uma estrutura sindical.⁵⁷

A Igreja Católica não queria criar uma estrutura sindical, mas o cardeal Dom Leme era a favor do sindicalismo livre juntamente ao princípio cristão do trabalho. Assumiu, assim, o movimento circulista, que aliado a Alceu Amoroso de Lima, então presidente do Centro Dom Vital, passou a apoiar e a valorizar o trabalho realizado pelo padre Brentano para assim abrandar as oposições. Como nos lembra Jessie Sousa:

A Igreja Católica não se podia permitir o fracasso dessa tentativa de união em torno de um movimento nacional, porque investir no operário significava, naquele momento, coroar de êxito o projeto de afirmação da instituição, em sua busca por se afastar dos regionalismos que tanto marcaram sua atuação até os anos de 1920.⁵⁸

Novas articulações foram feitas com a Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, em conjunto com outras instituições operárias católicas, com o intuito de homogeneizar o movimento brasileiro. Esse era um dos maiores problemas da Igreja, ou seja, vários movimentos se formavam, não só em prol do operário, em lugares diferentes, sem uma organização sólida e sem identificação uns com os outros. A unificação dos movimentos, só foi possível, em 1936, depois que a Confederação Nacional dos Operários Católicos, juntamente com a Federação, constituíram a Frente Trabalhista Cristã Nacional. Sob a coordenação do padre Leopoldo Brentano, todas as entidades católicas, que existiam e se formaram ao se subordinarem à Frente Trabalhista.

O circulismo tentou acabar com o tratamento particular de cada instituição regional, com o intuito de unir a ação em todo o país, como também as práticas junto aos trabalhadores que não saíam da teoria. Portanto, pôde apresentar-se com uma estrutura organizada e com plano de ação que distinguiu o circulismo à frente dos

⁵⁷ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 204.

⁵⁸SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 206.

demais movimentos existentes junto ao operariado. Desta forma, ele passou a falar o mesmo “português” que os trabalhadores, porque o trabalho dos círculos atuava junto à realidade do operário e de suas necessidades.

Sendo assim, a Igreja Católica Brasileira adotou os Círculos Operários como o representante da Ação Católica junto aos trabalhadores brasileiros. Esses se tornaram pilares da aliança entre o clero católico e o Estado Novo.

A atuação política do governo do presidente Getúlio Vargas, junto aos trabalhadores teve início ainda no governo provisório, entre 1930 e 1934, e consolidou-se durante o Estado Novo (1937-1945).

A questão sindical foi muito latente, não só durante o Estado Novo. As primeiras décadas do século XX foram marcadas por intensa movimentação operária e expressivo número de greves principalmente as ocorridas em 1917 e 1919, que devido a suas dimensões se alastraram por todo o país. Aliás, a greve de 1917 iniciou-se em São Paulo e foi a primeira grande greve do país. Sua atuação paralisou a capital paulista e liderada principalmente pelo movimento anarquista. O Estado oligárquico através de um forte aparato repressivo entrou em choque com os operários. O fato não era incomum, pois até as duas primeiras décadas do século XX, a intervenção do Estado era apenas de caráter repressivo, eis a questão social, um verdadeiro caso de polícia.

As greves e outras manifestações operárias eram violentamente reprimidas pela polícia, ocorriam prisões, feridos e mortes. Os sindicatos também eram invadidos e fechados, as redações dos jornais operários eram empasteladas, e militantes estrangeiros eram expulsos do país, conforme foi analisado pelo historiador Antônio Vian em sua dissertação.⁵⁹ Isso desde o governo provisório, quando os sindicatos passaram a estar sob os olhares do recém-fundado Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, comandado por Lindolfo Collor.

⁵⁹ VIAN, Antônio Valdir. **Novo sindicalismo: crise e perspectivas na sociedade brasileira contemporânea**. Santo Ângelo, Dissertação (Mestrado em História), URI/UNISINOS, 2002. p. 80.

Desde 1935, o governo, assim como a Igreja Católica, se posicionou contra o comunismo. Em discurso pronunciado em 1938, Getúlio Vargas deixou claro o “tom” que dominaria na política nacional:

Forças do mal e do ódio cambiaram sobre a nacionalidade da nossa gente. Os acontecimentos lutosos dos últimos dias de novembro permitiram felizmente reconhecê-los antes que fosse demasiado tarde, para reagirmos em defesa da ordem social e do patrimônio moral da Nação. [...]. Os fatos não permitem mais duvidar do perigo que nos ameaça.⁶⁰

Com essa posição, a Igreja viu uma oportunidade para nova aproximação com o Estado, que desde o fim do século XIX, com a encíclica de Leão XIII, travava férrea luta contra o liberalismo, o socialismo e o comunismo.

A repressão contra a esquerda aumentou desde que os militares revolucionários de Natal e Recife promoveram a “quartelada”, que levaria a provas irrefutáveis de uma traição armada.⁶¹ A pedido do presidente Getúlio Vargas, o Congresso decretou o estado de sítio, e a Câmara de Deputado decretou três emendas: a primeira deu poder ao presidente de demissão sumário a qualquer funcionário público, a segunda forneceu o controle sobre os militares com poderes de promoção e determinação do local de serviço, e, por fim, poderes temporários de emergência. Assim, os poderes do presidente Getúlio Vargas foram aumentados.

Neste cenário, se tramou a conjuntura política do Brasil, e por isso se faz necessário para melhor compreensão dos Círculos Operários entenderem os fatos que levaram à implantação do Estado Novo, período de grande ascensão do circulismo na História do Brasil.

O presidente Getúlio Vargas, segundo Skidmore, desde 1934, implementava uma campanha de descrédito do comunismo e traçava sua política dúbia, da mesma forma que cooperava com os preparativos para as eleições presidenciais. Como não poderia ser reeleito, também trabalhava, objetivando isolar as lideranças estaduais contrárias às suas intenções como Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul, que

⁶⁰ VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio 1938. p. 21.

⁶¹ SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 43.

comandava a maior milícia estadual.⁶² Não se pretende aprofundar este ponto, mas sim demonstrar o conflituoso panorama político entre o Governo federal e o Rio Grande do Sul no período pré-Estado Novo.⁶³

O “maquiavélico estilo político de Vargas”, como referiu Skidmore⁶⁴, o possibilitou a continuar no comando do país. Seu golpe de Estado baseou-se em uma “suposta” trama comunista para uma revolta conhecida como Plano Cohen. Assim, implantou o Estado Novo, no dia 10 de novembro de 1937, depois de fechar o Congresso e assinar uma nova Constituição, Vargas fez seu pronunciamento, transmitido pelo rádio. Procurou justificar a instauração do novo regime, defendeu o golpe como a única alternativa possível diante do clima de desagregação e de afronta à autoridade em que mergulhara a nação, e se referiu, entre outras coisas, ao perigo do comunismo. Anunciou ainda uma série de medidas para promover o bem-estar e o desenvolvimento da nação. Entre elas, destacaram-se a submissão dos governadores estaduais ao governo federal e a eliminação dos órgãos legislativos, o que levou à criação de novas interventorias e departamentos administrativos.

O jogo político representativo foi eliminado em nome da eficiência e da racionalidade do Estado. A centralização do poder Executivo foi usado como argumento essencial para proteção nacional. Com o liberalismo da Constituição de 1934, diante do golpe, foi outorgada a Constituição de 1937, que concentrava o poder político nas mãos do presidente da República. O regime do Estado Novo (em pleno clima de contestação da liberal-democracia na Europa) trouxe para a vida política e administrativa brasileira as marcas da centralização e da suspensão dos direitos políticos. O Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais foram fechadas. Os governadores que concordaram com golpe do Estado Novo permaneceram, mas os que se opuseram foram substituídos por interventores diretamente nomeados por Vargas.

⁶² SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 46.

⁶³ Ver mais em: COLUSSI, Eliane Lucia. **Estado Novo e municipalismo gaúcho**. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.

⁶⁴ SKIDMORE, Thomas E. op.cit. p. 34.

O golpe foi seguido de uma forte repressão, a cargo da polícia política, que atingiu não apenas os comunistas ou os liberais, mas mesmo àqueles que advogavam uma ideologia semelhante à do novo regime e supunham serem seus aliados: os integralistas. Sendo assim, juntamente com os demais partidos políticos, a Ação Integralista Brasileira foi fechada por decreto presidencial. Em reação, o levante integralista foi deflagrado, em maio de 1938, logo desbaratado.⁶⁵

Com a implantação do Estado Novo houve uma alteração importante, ou seja, o princípio da unidade sindical foi restabelecido. Apenas os sindicatos legalizados, dirigidos por líderes sindicais, ligados ao governo, os chamados “pelegos”⁶⁶ poderiam defender os direitos da categoria. O direito de greve foi extinto. As greves passaram a ser consideradas recursos “anti-sociais, nocivos ao trabalho e ao capital, incompatível com os interesses da produção nacional”.⁶⁷

O “pelego” foi um dos atores mais importantes que se originou da nova forma sindical dos anos 30. Segundo Maria Cecília D’Araújo, a função do dirigente era o de amortecer os atritos entre Estado e trabalhadores, um agente de duplo-papel, pois ao mesmo tempo em que representava os trabalhadores, ele também negociava em nome dos operários com os patrões e o governo, mas de forma alguma, desagradava o governo. Desta forma, mantinha os representados longe de greves e agitações ao mesmo tempo em que ganhava o reconhecimento do governo e dos empresários.⁶⁸

Depois dos primeiros anos do Ministério do Trabalho, o presidente passou a se tornar mais próximo dos trabalhadores, até então a ligação entre o trabalhador e o governo era função do Ministro do Trabalho. A nova postura do presidente contribuiu para a construção do “mito Vargas”. O presidente se transformou no protetor dos

⁶⁵ Ver mais em: TRINDADE, Helgio. *Integralismo: teoria e práxis - política dos anos 30*. In: FAUSTO, Boris. (org). **O Brasil Republicano**, vol. 3: Sociedade e política 1930-1964. Rio de Janeiro: Bertand, 1991. p. 299-335.

⁶⁶ Os “pelegos” viabilizaram o peleguismo - prática inerente à estrutura da legislação trabalhista que mantinha os sindicatos operários e dos setores médios dependentes, geralmente do Ministério do Trabalho, pelo controle dos seus recursos financeiros, que contribuiu para o intercâmbio entre as diversas classes sociais no país. Originalmente “pelego” seria uma cobertura de couro ou tecido, que é colocado sobre a sela de um animal de montaria, para diminuir o impacto entre o cavaleiro e o animal.

⁶⁷ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 373-375.

⁶⁸ D’ARAÚJO, Maria Celina. **Estado, classe trabalhadora e políticas sociais**. IN: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. p. 229-231.

operários, colocou-se ao mesmo nível, como trabalhador do Brasil para, assim, despertar a simpatia das massas trabalhadoras e favorecer a cooptação do movimento operário, que recebia proteção legislativa e aceitava de forma passiva a pressão do governo.⁶⁹ Nesta sistemática, a legislação trabalhista seria mais normatizadora do que, propriamente, benemérita.

Todavia, a “ideologia trabalhista” implantada por Vargas como símbolo da nação deu origem a várias políticas públicas, como todo um aparato jurídico, conforme nos remete as palavras de Ângela de Castro Gomes:

O processo de produção do consentimento não tem somente raízes políticas e ideológicas, mas também uma “dimensão socioeconômica”, isto é, está fundado em procedimentos que asseguram a existência de vantagens materiais efetivas para os grupos dominados. A legitimidade do arranjo e/ou repressão políticas, mas precisa deitar raízes em práticas que incorporem, interesses e valores, concretos dos que estão excluídos do poder. [...]. A legitimidade da dominação é, sobretudo, decorrente da crença de que existirão vantagens materiais mútuas, para dominantes e dominados.⁷⁰

Contudo, na área social essa legislação foi de grande destaque. O Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, criado ainda no governo provisório, que regulamentava o trabalho da mulher e do menor, impôs contratos coletivos de trabalho, jornada de 8 horas, nacionalização do trabalho, a lei de férias, a criação dos Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões, carteiras profissionais. Por fim, concretizou os direitos dos trabalhadores com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), criada em 1º de maio de 1943, como já mencionada, anteriormente, com os mesmos elementos básicos da encíclica de Leão XIII.

Sobre a legislação trabalhista destacamos as palavras de Dom João Becker, em discurso publicado no jornal *Estrela do Sul* de maio de 1939, que relacionava as encíclicas papais com as medidas implantadas pelo presidente Getúlio Vargas.

Estou plenamente certo que os ensinamentos da Igreja Católica proclamados pelos sumos pontífices Leão XIII e Pio XI influenciaram poderosamente na legislação social e operária de nossa pátria principalmente na vigência do Estado Novo. Pois a primeira república brasileira não existia

⁶⁹ CARONE, Edgard. **Brasil: anos de crise (1930-1945)**. São Paulo: Ática, 1991. p. 313.

⁷⁰ GOMES, Ângela Maria de Castro. *O trabalhador brasileiro*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. p. 154.

o atual Ministério do Trabalho. A legislação trabalhista era muito ineficiente. Hoje tanto os trabalhadores como o trabalho acham amparo seguro na legislação do Estado Novo.⁷¹

Vargas objetivava, com esta política trabalhista favorável aos operários, conquistar o apoio das massas populares ao governo. Assumindo uma postura “paternalista”, buscava ainda anular as influências da esquerda, o trabalhismo foi usado pela propaganda do regime como um instrumento de controle das massas urbanas. Isso se intensificou na medida em que o trabalho foi visto cada vez mais como um símbolo de valor. Buscava-se o trabalhador produtivo:

O trabalho é o maior fator da elevação da dignidade humana. Ninguém pode viver sem trabalhar; e o operário não pode viver ganhando apenas o indispensável para não morrer de fome! O trabalho justamente remunerado eleva-o na dignidade social. Além dessas condições, é forçoso observar que num país como o nosso onde em alguns casos há excesso de produção, desde que o operário seja melhor remunerado, poderá, elevando o seu padrão de vida, aumentar o consumo, adquirir mais dos produtores e, portanto, melhorar as condições do mercado interno [...].⁷²

Após a série de leis sociais com que tem sido amparado e beneficiado o trabalhador brasileiro, a partir da organização sindical, da Lei dos Dois Terços, que terá de ser cumprida e que está sendo cumprida, das férias remuneradas, das caixas de aposentadoria e pensões, que asseguraram a tranqüilidade do trabalhador na invalidez e a dos seus filhos na orfandade, a Lei do Salário Mínimo virá assinalar, sem dúvida, um marco de grande relevância na evolução da legislação social brasileira. Não se pode afirmar que seja o seu termo, porque outras se seguirão.⁷³

A Igreja no Brasil, ao longo de toda sua História, apresentou diversos momentos de auge e declínios. Todavia, com uma característica marcante, se recompõe, reorganiza e se faz presente - a atuação da Igreja junto aos operários brasileiros - não foi um caso isolado muito pelo contrário. Temos outros dois exemplos de grande significação para a história do Círculo Operário brasileiro que fora os “obremos” do Uruguai e da Argentina.

Como já foi abordado, a atuação da Igreja Católica, no campo do trabalho, iniciou com a doutrina social, que teve por base oficial a encíclica papal de Leão XIII,

⁷¹ BECKER, D. João. **Discurso**. Estrela do Sul, Porto Alegre: maio de 1939. p. 1.

⁷² Discurso pronunciado por ocasião da assinatura de decretos leis referentes às classes trabalhadoras do país - Palácio da Guanabara a 1 de maio de 1938. Em: VARGAS, Getúlio. **A Nova Política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1938. p. 203 - 205.

⁷³ Idem.

a *Rerum Novarum*. Porém há registros de uma atuação social semelhante no Uruguai, datada anteriormente à encíclica do papa Leão XIII.

O Círculo Católico de Obreros del Uruguay, semelhante ao circulismo brasileiro, os obreros de Uruguay, voltaram-se para o trabalhador, porém não baseados na *Rerum Novarum*, mas aos moldes de organizações católicas que surgiram na França, após a Revolução Francesa. Conforme nos afirma Rodolfo Fenocchi:

Los Círculos Católicos de Obreros son, en, muchos países latinos, como un fruto natural de un movimiento social cristiano que se origino en França a mediados del siglo XIX. Este movimiento supuso como uma de las primeras reaciones positivas de la conciencia católica trás los episodios revolucinarios del siglo anterior.⁷⁴

No Uruguai Juan, Zorrilla de San Martín, os impulsionou através do seu jornal *El Bien Público*, de modo que suas propostas tinham por base as idéias e realizações sociais dos cristãos franceses. Juntamente com o padre Andrés Torrielli e outros católicos, como Juan O' Neill e Luis P. Léguas resolveu pedir por meio de carta à França mais informações sobre as novas realidades e foi prontamente atendido. Isso acabou entusiasmando-o a ser membro da fundação do círculo de Montevideu conforme citação de Rodolfo Fenocchi:

Em el ano de 1881, a tres años de la muerte de Pio IX de la ascensión a la sede pontificia de Leon XIII, y diez años antes de la publicación de la “Rerum Novarum”, estos cuatro pioneros someten los Estatutos del que será el Círculos Católicos de Obreros, a la aprobación del segundo obispo de Montevideo, monseñor Inocência Maria Yéregui.⁷⁵

Porém, o Uruguai e os católicos uruguaios passaram por momentos políticos difíceis como o o caso do incêndio da sede do jornal *El Bien Público*. Esse evento levou os círculos a serem fundados oficialmente apenas em 21 de junio de 1885. Apoiados pelo clero uruguaio, contavam com a participação e o apoio do laicado. Em ato de fundação consta:

Em la ciudad de Montevideo, a veintiún dias del mês de junio de año del Señor mil ochocientos achenta y cinco, reunidos em el salón de actos del Club Católico, siendo las dos de la tarde, los individuos adherentes al

⁷⁴ FENOCCHI, Rodolfo. **Círculo Católico. 120 Años acompañando el desarrollo del país**. Montevideu: s/ed. 2005. p.15.

⁷⁵ Idem, p.16.

pensamiento de formar um Círculo Católico de Obreros, tomo posesión de estrados uma comisión provisória compuesta de los señores D. Francisco Bauzá, como presidente, y prebítero D. Andrés Torrielli, Dr. Antonio J. Ríus y D. Vicente Ardoino como Vocales, quienes dijeron faltar de entre ellos por ausência notoria del país el Dr. Mariano Soler.⁷⁶

El motivo que había determinado la convocatoria de los presidentes para el local del Club Católico, y trazó la cuadro de las vicitudes porque pasaba la clase obrera em el país y la necesidad urgente de organizar las tareas de la cooperación industrial asegurando al mayor numero el pan de cada dia. Se extendió sobre estos tópicos largamente, concluyendo por declarar abierta la sesión preliminar del Círculo Católico de Obreros.⁷⁷

O círculo estava direcionado ao trabalhador e às questões das más condições de vida que eles enfrentavam, não só no Uruguai, mas também no Brasil e na Europa. O Círculo de los Obreros assistia os operários através da formação de escolas e cursos profissionalizantes, farmácias sociais. Uma larga atuação na área médica e jurídica em favor do trabalhador foi observada pelo Círculo de los obreros, sempre ancorados na doutrina cristã do trabalho, visão de emprego do mutualismo e sindicalismo cristãos. Em 1935, por exemplo, ao completar suas “bodas de ouro”, a instituição já tinha, em sua sede própria, uma imprensa que editava diversos jornais e revistas, como o *El Amigo*, o boletim oficial do movimento.

Os Obreros del Uruguai tiveram grande participação junto aos congressos católicos e à comunidade católica uruguaia. O primeiro que contou com o apoio do movimento foi realizado entre 25 a 30 de abril de 1889. Os temas centrais foram: a imprensa católica, a união católica e os círculos católicos de trabalhadores. Todavia, alguns anos mais tarde, em assembléia, datada de 14 de junho de 1895, regulamentou-se a participação da mulher, tanto na área de sócios quanto como parte de sua diretoria e demais funções dentro dos círculos.

O Dr. Francisco Bauzá, presidente do Círculo Católico de Obreros, enviou correspondência para diversas paróquias, pedindo estímulo junto aos seus fiéis para o desenvolvimento da idéia do movimento. Outros círculos foram fundados em bairros da mesma cidade. Pouco tempo depois, já se fundavam os primeiros núcleos do interior do Uruguai em cidades como: Guadalupe, Rivera, Santa Rosa, Canelones,

⁷⁶ Ata de fundação do Círculo Católico de Obreros del Uruguay. Montevideú, 21 de junho de 1885.

⁷⁷ Idem.

entre muitas outras, onde permaneciam até a atualidade em funcionamento. Podemos ver nas imagens abaixo os primeiros obreros do Uruguai, o senhor Bauzá e o padre Torrielli.

Figura 01



Primeiro presidente do C.C.O.U., Dr. Francisco Bauzá. Extraído: FENOCCHI, Rodolfo. *Círculo Católico. 120 Años acompañando el desarrollo del país.* Montevideú: s/ed. 2005. p. 80A.

Figura 02



Assistente eclesiástico e fundador do C.C.O.U. padre Andrés Torrielli. Extraído: FENOCCHI, Rodolfo. *Círculo Católico. 120 Años acompañando el desarrollo del país.* Montevideú: s/ed. 2005. p. 80A.

O senhor Francisco e o padre Andréas, como já foi mencionado, foram os fundadores da atuação circulista no Uruguai e os pioneiros da ação social junto aos operários, com bases no cristianismo.

Ao contrário do Uruguai, o *Círculo Católico de Obreros*, na Argentina, nasceu baseado na encíclica do papa Leão XIII, a *Rerum Novarum*. A primeira tentativa séria de aproximação com os trabalhadores por parte dos católicos, na área social, foi a do padre Frederico Grote, redentorista alemão no ano posterior à publicação da encíclica de 1891. Fundado no ano de 1892, o *Círculo Católico de Obreros de Buenos Aires* foi inspirado pelo movimento social católico e espalhou-se rapidamente por todo o país, e em 1912 veio a alterar seu nome para *Círculo Católico de Obreros*. Como um dos núcleos mais importantes, a Argentina teve o *Círculo de San José* na cidade de Salto. Assim, em 22 de abril de 1897, foi constituído na cidade de Salto o “*Círculo Católico de Obreros de San José*”, baseado nos ensinamentos de Leão XIII. Isso representou

uma importante etapa junto ao operariado, além do posicionamento contra o estado liberal e o socialismo, ao adicionar um programa de ação social que se propôs ser a solução dos conflitos da época.⁷⁸

O artigo primeiro do estatuto de fundação dos círculos definiu seu alvo preliminar: “defender y promover el bienestar material y espiritual de la clase obrera en marcada oposición de la funesta propaganda del socialismo”.⁷⁹ Suas intenções eram, não somente impedir a difusão das doutrinas anarquistas e socialistas entre os trabalhadores, mas também impor uma ação mutualista que salientasse as urgências dos salários e exigisse também do Estado uma legislação do trabalho. O círculo era uma associação de caráter mutualista e seu presidente, como toda a administração, estavam a cargo de um conselho diretor, eleito em assembléia pelos sócios. Também contou com a imprensa, para chegar até os associados e demais trabalhadores o jornal semanário *Democracia*.

Segundo o regulamento, os círculos de obreros tiveram de impedir a difusão entre os trabalhadores dos princípios perniciosos do socialismo através da atenção na área da saúde, a recreação dos trabalhadores e suas famílias e de instrução contínua e religiosa. Para ser sócio do círculo, era exigido ao trabalhador ter entre 15 e não mais de 50 anos uma profissão honesta, não sofrer de nenhuma doença crônica, não participar de nenhuma sociedade secreta e ter reputação e comportamento idôneos. Contudo, não apenas isso completava as exigências para ingresso no círculo, era necessário, serem apresentado por outros sócios, que atestariam a veracidade das informações expressadas. Mesmo com tantas exigências o candidato ainda estaria sujeito à aprovação por parte da comissão de sócios.⁸⁰ Entre os deveres dos sócios constava: uma vida moral, pagamento de taxas para ter acesso aos benefícios; não praticar jogos perigosos, ou ilícitos e assistir às reuniões e às conferências dos Círculos. Em contrapartida, teriam o direito de dispor: de médico, auxílio-doença

⁷⁸ RECALDE, Héctor. **La Iglesia y la cuestión social (1874-1910)**. Buenos Aires: C.E.A.L., 1985. p. 66-67.

⁷⁹ CAIMARI, Lila. Perón y la Iglesia católica. Religión, Estado y sociedad en la Argentina (1943-1955). Buenos Aires: Ariel, 1995. p. 41.

⁸⁰ Reglamento de los Círculos de Obreros. Buenos Aires: **Tipografía Salesiana**, 1982. IN: VALLE, Michel, Azucena del. Del “Círculo Obrero de San José” a la sindicalización en los inicios del peronismo salteño. *Revista Escuela de Historia*. (Salta): año 6, v. 1, n° 6, 2007.

durante o período de repouso por causa da enfermidade, mesmo que a doença não fosse crônica, contribuição para despesas de enterro e descontos no comércio conveniado com a instituição.⁸¹

A figura principal do catolicismo social argentino, a partir dos anos de 1920, foi monsenhor D. Andréa. O ideal de organização social, segundo Dom Andréa, era o corporativismo democrático, fórmula que buscava ordenar a sociedade e evitar conflitos políticos. Seguidor dos ensinamentos da Doutrina Social da Igreja Católica, sendo que a doutrina tinha por base as orientações contidas nas encíclicas e pronunciamentos dos papas, que eram era profundamente anticomunista e antiliberal. Porém, mesmo com o apoio dos laicos e da Igreja na entrada do presidente Perón e sua atuação junto à classe trabalhadora. Isso causou o declínio tanto dos sindicatos cristãos quanto dos Círculos.

Apontar a história dos Círculos Católicos de Obreros, tanto do Uruguai quanto da Argentina, se faz necessário para esse trabalho por serem movimentos muito parecidos com o Círculo Operários do Brasil. Entretanto, não se pode dizer idêntico pelo pequeno diferencial no nome. No caso argentino, foi um dos primeiros movimentos voltados ao operário, baseado na encíclica papal, fundado logo após sua emissão. Possuem princípios semelhantes aos do circulismo brasileiro principalmente quanto à assistência médica, porém apresentavam um caráter discriminatório, por exigirem que outros já sócios fossem avalistas da moralidade dos candidatos, que aceitavam apenas os sócios com até 50 anos e sem doenças crônicas. Tais características não eram levadas em conta pelo movimento brasileiro, ou pelo menos essa exigência não se fazia visível.

Entretanto, o Círculo Católico de Obreros del Uruguay teve fundamentos e formas características de atuação junto ao trabalhador muito parecidas com as dos círculos brasileiros, mas sua fundação era anterior a encíclica. Foi um movimento pioneiro, antes mesmo da *Rerum Novarum* já estava estruturado e em pleno

⁸¹ Reglamento de los Círculos de Obreros. Buenos Aires: **Tipografía Salesiana**, 1982. IN: VALLE, Michel, Azucena del. Del “Círculo Obrero de San José” a la sindicalización en los inicios del peronismo salteño. *Revista Escuela de Historia*. (Salta): año 6, v. 1, n° 6, 2007.

funcionamento. Contudo, não se pode afirmar que tenha sido o modelo para inspiração de Leão XIII, nem mesmo para os Círculos Católicos do Brasil por não se ter achado nenhum indício deste fato.

Muitos circulistas acham que o Círculo Católico de Obreros del Uruguay teria sido o precursor do movimento brasileiro. Porém, em revistas comemorativas da fundação do Círculo Operário Caxiense, como também o Círculo Operário Porto Alegre, fornecido pelo senhor Pedro, representante do COPA, um ofício (com o timbre da instituição) contendo um pequeno resumo da história do Círculos Operários, ao informar que os primeiros círculos teriam surgido em 1846 da Alemanha, e seu mentor era o padre Kolping.⁸² Logo após o término da Primeira Guerra Mundial, imigrantes oriundos da Europa, em sua maioria jovens, que na pátria não conseguiam trabalho, trouxeram o ideal Kolping para América Latina. Em Buenos Aires, Argentina, no dia 9 de maio de 1923, formou-se o 1º grupo que se orientou no ideal de Adolf Kolping. Em São Paulo, no dia 22 de junho de 1923, formou-se a 1ª comunidade Kolping do Brasil.

No entanto, como podemos ver, no Brasil, as propostas das encíclicas foram básica e especificamente para a formação do circulismo e por isso fundamentais para a compreensão do processo de aproximação entre o Estado e a Igreja Católica.

No esforço em recuperar um lugar de prestígio dentro do país, a hierarquia católica buscou se aproximar cada vez mais do governo, e ela ofereceu sua colaboração na defesa da ordem diante dos movimentos de contestação, principalmente junto aos trabalhadores, conforme analisaremos a seguir.

⁸² Adolfo Kolping começou sua obra em maio de 1849, com um pequeno grupo de jovens, a Associação dos Artífices que viria a ser a semente que leva hoje o nome de Obra Kolping. Nos anos seguintes, Adolfo Kolping viajando, estabelecendo contatos, dando palestras, escrevendo, orientando, organizando, conseguiu fundar 418 associações de trabalhadores similares às de Colônia, com um total de 24.600 associados, em sete países da Europa. Ver mais em: <http://www.kolping.com.br/primeira.html> (11/04/2008 -13h35min).

2.2 “Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti”⁸³

Relação do Estado Novo com a Igreja Católica

Com a Revolução de 1930, o grupo vencedor não era homogêneo, a única coisa que o unia era o fato de que sozinhos eram fracos e não poderiam se impor frente aos adversários. Sua fragmentação tornaria o grupo⁸⁴ liderado por Getúlio Vargas no levante contra o governista Júlio Prestes sem representação política para a legitimação do governo. Ciente disso, Dom Leme, por ocasião da inauguração do Cristo Redentor em 1931, ato que movimentou um número significativo de católicos de todo o país, afirmou: “O nome de Deus está cristalizado na alma do povo brasileiro, ou o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhecerá o Estado”.⁸⁵ Assim, a desunião entre o mundo temporal e o eclesiástico transformou-se numa aproximação progressiva, pelo fato da Igreja apresentar idéias compatíveis com os pensamentos autoritários e assistencialistas que o Estado estava implantando. Sendo assim, a Igreja se tornou uma grande aliada do regime e com o apoio dos fiéis e da Ação Católica combateu o comunismo em prol da moralidade.⁸⁶

Durante o período de 1937 a 1945, a atuação da Igreja torna-se cada vez mais incisiva, junto ao operariado através do circulismo. A Igreja ampliou sua relação com a comunidade e com o Estado através da imprensa. Diante da constante perda de fiéis, a imprensa foi um importante instrumento nas mãos da Igreja no processo de reversão deste quadro. A sua aproximação com o Estado possibilitaria à Igreja Católica uma

⁸³ Salmo 91, v. 7.

⁸⁴ Os grupos liderados por Getúlio Vargas que se uniram em torno do levante podemos destacar os políticos: Oswaldo Aranha, Flores da Cunha, Lindolfo Collor, João Batista Luzardo, João Neves da Fontoura, Virgílio de Melo Franco, Maurício Cardoso e Francisco Campos. Entre os tenentes que haviam participado do movimento tenentista, os maiores destaque eram: Juarez Távora, João Alberto e Miguel Costa. E os dissidentes da velha oligarquia: Artur Bernardes, Venceslau Brás, Afrânio de Melo Franco, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Pessoa, entre outros. Ver mais em: A REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional / Brasília: Ed. Universidade de Brasília, c1982. 722p. il. (Coleção Temas Brasileiros: 54) Seminário sobre a Revolução de 1930 / Organizado pelo CPDOC. Rio de Janeiro, 22-25 set.1980.

⁸⁵ SALEM, Tânia. **Do Centro D. Vital à Universidade Católica**. In: SCHWARTZMAN, Simon (org). Universidades e Instituições Científicas do Rio de Janeiro. Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). 1982. p.107.

<http://www.schwartzman.org.br/simon/rio/tania.htm> (28/03/2008-19h: 07 min.).

⁸⁶ Idem, p. 97-134.

ampliação de sua base social e daria a ela segurança ao seu temor em relação à difusão do comunismo ateu e à propagação de outras religiões, como a maçonaria, o espiritismo e o protestantismo.

A atuação da imprensa católica junto ao governo nos levou a questionar como essa, estabeleceu seu “jogo de interesses”. Afinal, qual seria a intenção de apoiar um presidente que se dizia ateu que tinha entre seu corpo político, membros declaradamente comunistas?

Embora a Constituição outorgada de 1937 anulasse as conquistas católicas alcançadas em 1934, o Estado Novo tendeu a manter e aumentar os favores governamentais à Igreja, e segundo Artur César Isaia, “baseando-se em um ‘pacto moral’,⁸⁷ garantido pela amizade entre o Cardeal D. Leme e o presidente Getúlio Vargas, a igreja teria sofrido com isso. segundo Lustosa, o ‘contágio’ do populismo getulista, tornou-se um instrumento de colaboração, objetivando o povo e torná-lo útil às metas governamentais”.⁸⁸ Isso se deu também porque o episcopado brasileiro viu no regime autoritário de Getúlio a defesa do cristianismo e o fim das ameaças comunistas.

Assim, o episcopado chegou a ser solidário com as práticas coercivas do Estado Novo. Ele passou a apoiar o desenvolvimento da política varguista. Na prática, essa aliança entre a Igreja e o Estado funcionava como uma vitória a mais do regime que projetava a hegemonia nacional, e o episcopado seria de grande ajuda para este fim.

Como diz Jesse Vieira:

Com Getúlio Vargas, a Igreja retomou alguns dos mais importantes espaços perdidos com o advento da República. Neste período, a Igreja, através de suas lideranças, adotou posições que reforçaram a intervenção estatal através de um governo forte apoiado na ação e na formação de um consenso. Até 1943, a relação entre os dois poderes aqui comentados inseriu-se nesta perspectiva. O clero se posicionou como coadjuvante de uma política que buscava a harmonia social; sua ação entre os assalariados urbanos era centrada na questão da regulamentação das relações trabalhistas e, ao mesmo

⁸⁷ CAVA, Ralph Della. In: ISAIA, Artur César. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p.151.

⁸⁸ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. In: ISAIA, Artur César. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 151.

tempo, em uma organização corporativa e das instâncias hierárquicas necessárias a um trabalho voltado para diferentes intervenções culturais.⁸⁹

A Igreja pregava a ética cristã, valorizava a família, pregava uma moral, o bom comportamento, o trabalho como símbolo de dignidade e a obediência ao Estado com a ordem vigente, tudo com o objetivo de alcançar a regeneração moral da sociedade. Segundo as palavras do presidente Getúlio Vargas, desde seu descobrimento, a nação brasileira nascera sob o símbolo da cruz:

O Brasil nasceu sob o símbolo da cruz, e entre os que primeiro lhe percorreram o território virgem, constam-se os missionários cristãos. Enquanto colonizadores buscavam tesouros materiais, preparando o advento de uma nação forte, extensa, capaz de resistir no futuro às mais duras vicissitudes, trabalham os apóstolos de Cristo as almas, unindo-as pela fé, aperfeiçoando-as pela moral, infundindo-lhes sentimentos de paz e de solidariedade humana, gravando em cada coração brasileiro o divino preceito do mestre: Amai-vos uns aos outros.⁹⁰

No discurso, Vargas abordou vários símbolos e palavras da História do catolicismo, aproximando-se da instituição salientando sua importância para o povo brasileiro. Neste mesmo discurso, pronunciado pelo presidente da República, no banquete oferecido, por ele ao Episcopado Brasileiro, por ocasião do Concílio Plenário Brasileiro, abordou a relação entre Igreja e Estado.

Apesar de separados os campos de atuação do poder político e do poder espiritual, nunca entre eles houve choques de maior importância, respeitaram-se e auxiliaram-se. O Estado deixando a Igreja ampla liberdade de pregação, assegura-lhe ambiente propício a expandir-se e a ampliar o seu domínio sobre as almas; os sacerdotes e missionários colaboram com o Estado, timbrando em ser bons cidadãos, obedientes à lei civil, compreendendo que sem ela, sem ordem e sem disciplinas, portanto, os costumes se corrompem. Tão estreita cooperação jamais se interrompeu; afirma-se de modo auspicioso, nos dias presentes e há de intensificar-se certamente no futuro. Assim procedendo, continuar, na nossa esfera de ação, a trabalhar pelo engrandecimento da Pátria.⁹¹

O presidente caracterizou o Brasil a partir do catolicismo e do nacionalismo, a Terra de Santa cruz, essas duas palavras aparecem no texto quase como sinônimas. A Igreja buscava em seu passado as raízes da nacionalidade, e com isso oferecia ao

⁸⁹ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários e a invenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil: uma discussão historiográfica**. 2005. p. 07.

http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/jessie_jane_circulos.pdf (29/04/2007- 03h: 09 minutos).

⁹⁰ VARGAS, Getúlio. **Estado Novo e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: S.I.P.S., de 18 de julho de 1939. Ref. AGV. GV-95f. CPDOC/FGV-RJ.

⁹¹ Idem.

Estado brasileiro a possibilidade de lançar-se, não à recristianização da sociedade, mas à ordenação e à disciplina da juventude, do operariado e dos intelectuais cristãos. No discurso católico, nenhum poder temporal teria força suficiente para governar um país se não fosse auxiliado pela religião.⁹² Essa premissa foi reconhecida pelo governo de Getúlio Vargas e possibilitou um bom relacionamento com a Igreja e seus representantes. Assim, desenvolveu-se de maneira harmoniosa a afinidade e cooperação entre os poderes, o espiritual e o temporal.

Em prol desta aliança, a instituição religiosa contava com o apoio de muitos membros da sociedade brasileira, que defendiam os ideais católicos e usavam seu prestígio e suas posições dentro da sociedade. Em correspondência de julho de 1938, a seu filho, a senhora Luísa de Freitas Vale Aranha, mãe do Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, relatou o pedido que fez ao presidente Getúlio Vargas sobre a inclusão à constituição dos cinco itens reivindicados pela Igreja Católica. Nas suas palavras, pediu ao filho para apoiar e tentar concretizar, mais uma vez as reivindicações dos católicos:

Lendo hoje no jornal que o presidente vai assinar vários decretos, tive receio de que um deles fosse o que me interessa grandemente, porque dele dependerá a felicidade da família brasileira. Talvez, Alsira já tenha te posto a par do que eu pedi ao Dr. Getúlio, ser integrado na nova constituição, os 5 itens que com tanto trabalho foram conseguidos em benefício de nossos lares. Peço-te e espero meu filho, que nos dê a mão mais uma vez, para serem respeitados no Estado Novo, as nossas reivindicações, achando eu, que foi a maior vitória da revolução de 30! Algumas são indispensáveis, como a assistência religiosa nos quartéis [...], casamento religioso com efeitos civis [...]. Tirarem o nome de Deus da constituição, o que é prenúncio de proteção e felicidade, e que tem até em todas as nações protestantes!⁹³

O documento em questão segue com a demonstração de descontentamento com a atitude do presidente e a de Francisco Campos: “O Dr. Getúlio tinha compromisso formal com as mães brasileiras e deixou passar”, e o Dr. Francisco de Campos que é católico também, diz a ela: “ não o perdôo por não ter advogado a grande causa, é a

⁹² SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma nova civilização brasileira: o projeto católico e o paradigma modernizador no período Estado-Novista**. Anais da XXII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba: SBPH, 2003. p. 196.

⁹³ Telegrama destinado ao senhor Oswaldo Aranha, por sua mãe, de 9 de julho de 1938. AOA. Ref. AO 38.07.09. CPDOC/FGV-RJ. Em anexos.

única barreira contra o comunismo”.⁹⁴ Assim, pede que o filho (Oswaldo Aranha) faça “mais uma vez um grande serviço pelo Brasil, conseguindo que sejam incluídas todas as medidas religiosas da antiga constituição”.⁹⁵

A Igreja atendia os problemas dos proletários e cobria lacunas deixadas pelo Estado. Por sua vez, o Estado legitimou os movimentos laicos da instituição religiosa católica como sua atuação junto à sociedade. Conforme discurso de Dom João Becker.

Efetivamente, a religião católica contribuiu de modo poderoso e decisivo para a formação da nacionalidade brasileira. Os inúmeros templos, os costumes e tradições, sobretudo a constituição da família provam, brilhantemente, esta verdade inconcussa. Dessa maneira os ensinamentos da Igreja formam vigas mestras da estrutura social da Nação.⁹⁶

A defesa da Nação reclama o auxílio da Igreja Católica que abençoou os valores de sua existência e sua emancipação política. Ela continua pela Ação Católica a cristianizar as classes da elite e impedir a descristianização das outras classes sociais, transformando umas e outras em elementos indispensáveis e valores imensos para a Nação e o Estado.⁹⁷

Com seu discurso, Dom João Becker reforça os laços entre o Estado e a Igreja Católica, a instituição religiosa teria sido a “viga” para o arcabouço na área social do Brasil, mostrando toda a sua importância para a organização e transformação das classes sociais em valores para o país.

Concluimos esta abordagem inicial com a afirmação de que, do final do século XIX até meados do XX, o sentido da palavra “trabalho” passou por diversos significados, e em três esferas distintas (Política, Teológica e Social). Talvez pelas inúmeras transformações por que o mundo passou, e nisto se incluem duas grandes guerras mundiais, em tão curto espaço de tempo, esta palavra adquiriu novos sentidos. Na esfera política, o trabalho significou centralização de poder, modelo de nação, propaganda de governo. Pelo viés teológico, expressava influência, retomada de prestígio, respeito. Contudo no social, trabalho, para o homem simples, chefe de família, significava “ganha pão”.

⁹⁴ Telegrama destinado ao senhor Oswaldo Aranha, por sua mãe, de 9 de julho de 1938. AOA. Ref. AO 38.07.09. CPDOC/FGV-RJ. Em anexos.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ BECKER, João. **Discurso**. *Unitas*, Porto Alegre, ano XXVIII, n. 1-3, 1939. p. 60.

⁹⁷ Idem, p. 62.

O carisma pessoal de Vargas passou para a história de forma positiva, como o patrono da legislação social, pai dos pobres, benfeitor, estadista que outorgou os direitos ao trabalhador brasileiro. Essa política, voltada para as classes populares desenvolveu-se como proposta do controle social através da presença de um Estado forte.⁹⁸

O trabalho se torna mistificado pelo Estado através do qual o trabalhador se tornava parte do desenvolvimento nacional, ao contrário do “malandro” que não trabalhava e vivia à custa da exploração do homem honesto. Da mesma forma que o estado varguista, a Igreja Católica via no trabalho e nas questões sociais a forma de se fazer necessária. Porque, neste momento, os pensamentos do Estado e da Igreja convergiam e suas metas eram as de alcançar o trabalhador. Esse que fazia agitações, greves e causava tumulto, queria benefícios, queria o seu trabalho respeitado. A partir do momento em que o Estado passou a prover suas necessidades, uma instituição, como a dos Círculos Operários, valorizava o operário, não tinha mais por que lutar, o tornou cidadão ordeiro e respeitável e cumpridor de seus compromissos com o governo.

Para auxiliar o Estado na formação desse modelo de trabalhador cidadão, a Igreja legitimou o movimento operário dos Círculos Operários, formador do trabalhador como o pilar da nação e árduo combatente do comunismo. No capítulo que segue, analisaremos a história, a formação dos Círculos Operários e seu desenvolvimento, durante o governo do presidente Getúlio Vargas mais especificamente a gênese do movimento no Rio Grande do Sul.

⁹⁸ D'ARAÚJO, Maria Celina. *Estado, classe trabalhadora e políticas sociais*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. p. 215.

Capítulo III

“Bem-aventurados aqueles que têm puro o coração, porque verão a Deus”⁹⁹

Vós sois a luz do mundo.

Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens,

para que vejam as vossas boas obras¹⁰⁰

3.1 “Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração”

Estado Novo e Igreja Católica: no mundo do trabalho

Diversos foram os olhares dos historiadores sobre o Estado Novo. Porém, poucos voltaram sua atenção para a relação entre o Estado ditatorial do ‘pai dos pobres’ com o catolicismo e, menos ainda, para as suas atuações nos Círculos Operários.

O circulismo foi um dos vários movimentos católicos, que começou a surgir no Brasil a partir de 1930, mas ele se destacou por possuir uma característica específica: estava voltado ao trabalhador. Num primeiro momento, em nível gaúcho e, posteriormente, em nível nacional, que também era a bandeira empunhada pelo governo do presidente Getúlio Vargas principalmente no Estado Novo.

A Igreja confirmou sua adesão ao Estado Novo através dos seus ritos e símbolos religiosos, como forma de ajudar na manutenção do regime. Rogério Souza enfatizou que foi na ritualização dos atos cívico-religiosos que se demonstrou uma atitude de aliança e de credibilidade sagrada nas ações defendidas pelo Estado e pela Igreja.¹⁰¹ A comemoração em torno dos atos cívicos e religiosos tornou-se um dos símbolos deste período. Com ampla participação popular, vistos como importantes para o regime, o

⁹⁹ Evangelho de Mateus, capítulo 5, v.8.

¹⁰⁰ Idem, v. 14 e 16.

¹⁰¹ SOUZA, Rogério Luiz de. **As Imagens do Renacer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945)**. FRONTEIRAS: Revista Catarinense de História. Florianópolis, n.11, 2004. p. 31-43.

governo se empenhava, para que a sociedade participasse dos festejos organizados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda e pelo Ministério da Educação e Saúde. A presença dos colégios de entidades esportivas, bandas, corais, grupos de dança, teatro, escoteiros, sindicatos, como também Marinha, Exército e Aeronáutica, garantiam o espetáculo de participação ampla, até porque, muitas organizações eram obrigadas a participar nos eventos.¹⁰² Desta forma, salientamos, na figura nº 03, a missa campal em homenagem à bandeira.

Figura 03.



Fonte: Oração à bandeira. In: LAUERHASS JR, Ludwig. Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 100.

Segundo Claudia Schemes¹⁰³, o caráter pedagógico da festa é que possibilitava a transmissão dos valores do novo regime, ou seja, as festividades eram as responsáveis pela manutenção da lembrança e, como tais, representavam instrumentos adequados para vincular na massa os ideais que pretendiam perpetuar. A autora ainda salientou

¹⁰² SHEMES, Claudia. **Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)**. Nova Hamburgo: FEEVALE, 2004. p. 22.

¹⁰³ Idem.

que as festas eram permeadas por imagens ideológicas, com o objetivo de manter a harmonia social, criar uma idéia fraterna de ordem e moralidade e ocultar a repressão e opressão do regime ditatorial. Para ela, “a festa cívica reforça a imagem do poder, que comemora a morte do passado, o velho e a instituição do novo, o futuro”.¹⁰⁴

Isso se apresenta muito significativo junto ao trabalhador, principalmente porque este Estado o sentia como pessoa humana e vital para a organização da pátria e não apenas como uma máquina de produtividade.

A “doutrina” Vargas, como forma de obter o apoio e a simpatia das massas operárias, pregava que o trabalho não era apenas uma forma de ganhar a vida, sobretudo de servir à Pátria. No Brasil desde o início do século, os trabalhadores começavam a perceber seu poder de barganha através dos movimentos grevistas. Dessa forma, o trabalho e o trabalhador ganhavam visibilidade e começaram a ser perseguidos pelo Estado e pelos seus patrões como peças-chave nas engrenagens da vida industrial e principalmente para a nova política brasileira.¹⁰⁵

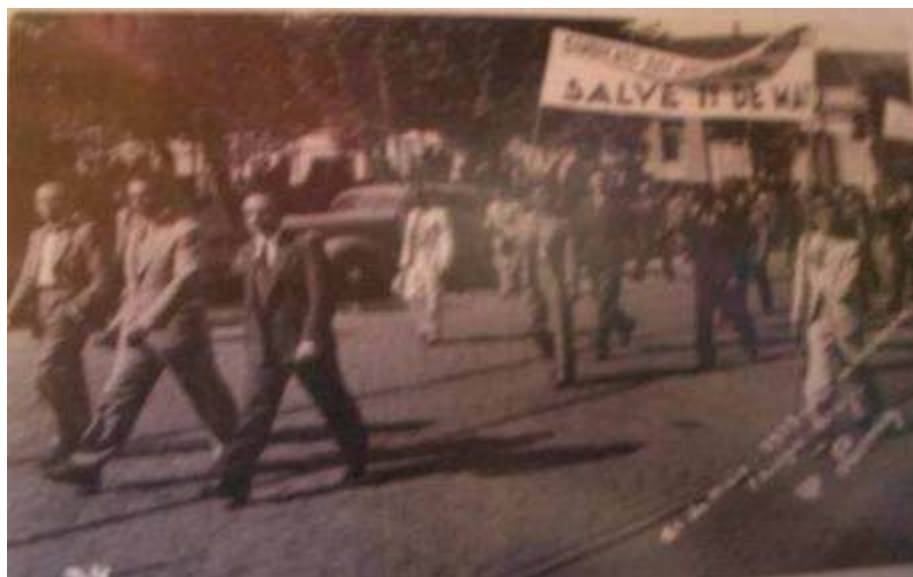
A propaganda trabalhista de Vargas, sutilmente, transformou um dia destinado a celebrar o trabalhador no dia do trabalho. Em 1940, o próprio presidente Vargas discursou na tribuna contra os males provocados pelo comunismo e liberalismo e abriu as comemorações oficiais do 1º de maio. Proferiu seu discurso com o mesmo entusiasmo com que dirigiu suas relações com o proletariado.¹⁰⁶ A legalização e incorporação do dia do trabalho ao calendário oficial mudou a relação dos operários com a simbólica data. Até, então, marcado por piquetes e passeatas. Desta forma, o Dia do Trabalho passou a ser comemorado com festas populares, desfiles e celebrações similares. Assim, como exemplifica a figura nº 04:

¹⁰⁴ SHEMES, Claudia. **Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)**. Nova Hamburgo: FEEVALE, 2004. p. 31-35.

¹⁰⁵ GOMES, Ângela Maria de Castro. **O trabalhador brasileiro**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. Estado Novo: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. p. 151-156.

¹⁰⁶ CARONE, Edgard. **Brasil: anos de crise (1930-1945)**. São Paulo: Ática, 1991. p. 313.

Figura 04.



Fonte: Arquivo João Batista Marçal de História Operária. 1º de maio de 1939.

Na foto, figura nº 04, podemos ver um manifesto dentro do desfile do Dia do Trabalho, por conta da “transformação” do dia do trabalhador em dia do trabalho pelo governo do Estado Novo. Liderado pelos senhores: Celestino Costa, Israel Berlle (diretor do Instituto de Ensino Comercial) e o Francisco M. Vieira (presidente do sindicato dos trabalhadores no comércio de Porto Alegre). Infelizmente, na foto, não fica muito nítida a escritura da faixa. O pequeno texto, saúda o 1º de maio do trabalhador.

Assim, criou-se toda uma série de rituais, como nas festividades do Dia do Trabalhado, antes do dia do trabalhador, para garantir o sentido de fidelidade entre o chefe do Estado e o povo.¹⁰⁷ Podemos assim identificar toda uma política de ordenação do trabalho, concretizada pela legislação trabalhista e o “trabalho” e a ‘cidadania’ , que se tornaram cada vez mais sinônimos. Desta forma, o operário podia de cabeça erguida desfilar junto aos seus sindicatos organizações, ou associações de classe nos festejos, as quais comemoravam o trabalho e a nação.

¹⁰⁷ MARTINHO, Francisco Carlos Palomares. *O populismo sindical: um conceito em questão*. In: REIS, Elisa. ALMEIDA, Maria H. Tavares de. FRY, Peter. **Política e Cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996. p. 33.

A presença de eclesiásticos nas paradas e festas cívicas, como o aniversário do Estado Novo, 7 de Setembro e 1º de Maio, era constante. Juntamente com suas organizações como: a *Juventude Operária Católica*¹⁰⁸, *Juventude Operária Católica Feminina* e o próprio *Círculo Operário* participavam efetivamente. Da mesma forma, o Estado se fazia presente através da figura dos interventores estaduais, nas festas religiosas e romarias, como a de Nossa Senhora de Medianeira, que, além desse, também contava com a presença de algumas autoridades do estado e da federação, ou representantes enviados pelo presidente da república, no caso do Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, por exemplo, Vargas se fazia presente pessoalmente nos desfiles, em estádios de futebol, lotados de operários, os “trabalhadores do Brasil”. Abaixo na figura nº 05 vemos:

Figura 05.



Fonte: Comemoração do Dia do Trabalho, Campo de Vasco, RJ, 1942. In: LAUERHASS JR, Ludwig. Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 111.

¹⁰⁸ A Juventude Operária Católica (JOC) surgiu na Bélgica, criado pelo Padre Leon Joseph Cardijn, em 13 de dezembro de 1882. No Brasil, os primeiros grupos foram criados na metade da década de 1930 e independentes da Ação Católica Brasileira, que só veio a fazer parte da mesma, que passou a ter maior visibilidade. Ver mais em: MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

A foto no Campo do Vasco, conforme figura nº 05, é um dos exemplos das paradas cívicas, durante o governo Vargas, que contou com a presença pessoal do presidente e de outras autoridades do governo. Assim mostravam-se junto ao operário e à população como iguais.

Dom João Becker, fiel e voraz representante do clero, foi presença marcante tanto no Rio Grande do Sul quanto também nos demais Estado da federação, e sempre comparecia às comemorações com discursos, que assinalava a posição da Igreja aos diversos momentos da nação, como o discurso que segue por ocasião do Dia do Trabalho:

Milhares de pessoas acham-se aqui empregadas. As mais altas autoridades civis e militares do nosso Estado e representantes conspícuos do governo federal participam desta solenidade religiosa que inicia as imponentes comemorações do Dia do Trabalho.

Os expoentes máximos do nosso glorioso exército do Rio Grande do Sul e governo do Estado, o Ministério do Trabalho, a defesa nacional e as instituições públicas reuniram-se ao Círculo Operário e aos sindicatos para desta maneira cimentarem os seus mútuos sentimentos de solidariedade cristã e da bandeira da Pátria comum.¹⁰⁹

O discurso prossegue:

O dia 1º de Maio é destinado à glorificação do trabalho, pois marca igualmente o início do mês da Maria Santíssima, legítima pátria do Brasil e progenitora do Filho de Deus, humanizado que retaria o conceito do trabalho e dignificou a classe operária. O trabalho enobrecido pela Igreja e abroquelado pelo Estado é uma forte e inevitável de benefício para os povos.¹¹⁰

Em seu discurso, Dom João Becker une um dos símbolos da Igreja Católica como a Virgem Maria e as comemorações religiosas em torno desta figura. As comemorações do Dia do Trabalho é que reforçavam o pensamento do “trabalho” valorizado pela Igreja e pelo Estado Novo.

Segundo a Igreja, o trabalho era um direito fundamental, tinha um valor de dignidade e era também uma necessidade para o homem, sua formação e manutenção de sua família viabilizava o direito à propriedade e a contribuição para o bem comum,

¹⁰⁹ BECKER, João. **1 de Maio, Missa Campal no Parque Farroupilha**. *Unitas*, Porto Alegre, ano XXVIII, n. 11-12, 1939. p. 259.

¹¹⁰ Idem.

“o homem seria feito para trabalhar como os pássaros para voar”.¹¹¹ O dever do Estado neste campo deveria estar voltado, preferencialmente, para as políticas que criassem condições e garantissem ocasiões de trabalho, estimulassem a atividade das empresas onde fosse necessário e as apoiassem nos momentos de crise.

O Estado procurou, desta forma, constituir uma relação de troca com a classe trabalhadora. De um lado, dava aos trabalhadores toda uma legislação protetora e de benefícios, de outro lado, os trabalhadores conferiam-lhe legitimidade.

Para a promoção do direito ao trabalho, era considerado relevante permitir e incentivar o processo de livre auto-organização dos diversos setores produtivos da sociedade, empresariais e sociais, a cooperação e a autogestão e outras formas de atividade solidária. Seu principal intuito era de educar as massas para o nacional-desenvolvimentismo.

Ângela de Castro Gomes salientou que a doutrina social da Igreja convergia com o discurso oficial da democracia social, uma vez que se afastava do individualismo liberal, exigindo a cooperação e a ordem. A tradição cristã se colocava como forma de inspiração e legitimidade, para a valorização humana, e por isso se atualizava de forma inquestionável diante dos problemas dos tempos modernos.¹¹²

Ambos os poderes, o temporal e o espiritual, durante o Estado Novo, erguiam a mesma bandeira, o trabalhador brasileiro. O trabalhador tornou-se um dos elos entre eles, tanto para a Igreja Católica, com sua atuação social, desde a encíclica *Rerum Novarum*, quanto para o Estado Novo. Em diversos momentos, a Igreja justificou a atuação de Vargas, que se baseava na encíclica papal, já que os benefícios da legislação trabalhista do governo deveriam ter tido inspiração na mesma. O trecho do discurso, que seguiu, foi pronunciado em Caxias do Sul por

¹¹¹ ROLLET, Henri. **O trabalho, os trabalhadores e a Igreja**. São Paulo. Editora Flamboyant. 1963.p. 12.

¹¹² GOMES, Ângela Maria de Castro. **O trabalhador brasileiro**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. p. 142

ocasião de uma missa festiva em comemoração ao aniversário do Presidente Getúlio Vargas, dia 19 de abril de 1942:

Nos regimes que procederam, foi dito que reivindicações do operário não passam de casos policiais, que se resolviam sobre a pata de cavalo. Getúlio Vargas ouviu o clamor dos proletários, reconheceu a justiça da causa dessa classe, digna de consideração tanto como as demais, e tornou-se o advogado e defensor dos seus direitos. Havia duas soluções para o magno problema: uma bárbara, subversiva e truculenta: a comunista, e outra nobre, humana e conservadora: a cristã. Getúlio Vargas não vacilou, escolheu a segunda. Plasmou a legislação trabalhista, aliás, reconhecida como uma das melhores do mundo, colocando-a nos ensinamentos de Leão XIII, contidos na monumental encíclica “*Rerum Novarum*”.¹¹³

Convém salientarmos no texto que Getúlio Vargas teria se aliado aos pensamentos da Igreja, principalmente na questão trabalhista, como foi abordado nos capítulos anteriores. Porém, a tentativa de implantar o “novo”, de implantar a figura do “salvador do operariado”, não anulava os velhos inimigos, muito pelo contrário, era no inimigo em comum o comunismo, que se fortalecia a aliança entre o Estado varguista e o catolicismo. A Igreja via o “perigo vermelho” presente e atuante junto à sociedade:

Por isso, chamar a atenção dos filhos obedientes da Igreja para a impiedade e iniquidade do comunismo, contudo não é sem uma dor profunda, que vemos a apatia dos que parecem desprezar perigos tão iminentes, e com desleixo pasmos deixam propagar por toda a parte doutrinas, que porão a sociedade a ferro e fogo. Sobretudo digna de censura é a inércia daqueles, que não tratam de suprimir ou mudar um estado de coisas, que, exasperando os ânimos, abre caminho à subversão e ruína completa da sociedade.¹¹⁴

Pio XI expressava nessa citação seu pensamento em relação às pequenas aberturas, que poderiam se tornar grandes fendas para a dominação dos ideais subversivos, perante a sociedade; porém a instituição religiosa, neste momento no Brasil, estava mais confortável, aliado ao governo e à nação. Em meio ao

¹¹³ BAREA, Dom José. **Discurso durante missa festiva celebrada por S. Excia. na intenção do sr. Presidente da República, no dia de seu aniversário natalício em 19 de abril, na presença de autoridades civis e militares e de grande multidão de povo.** *Unitas*, Porto Alegre, ano XXXI, n. 3-4, 1942. p. 118-124.

¹¹⁴ PIO XI. **Carta Encíclica “Quadragesimo Anno”.** *Sobre a restauração da ordem social.* Juiz de Fora: Editora Lar Católico. 1944 p. 64-65.

movimento anticomunista, encabeçado pelo governo e pela Igreja, foi decretado o golpe do Estado Novo em 10 de novembro de 1937.

3.2 “Jesus disse-lhes: ‘Vinde após mim, eu vos farei pescadores de homens’”¹¹⁵

Os Círculos Operários

Como foi discutido anteriormente no capítulo II, baseado no exemplo da Alemanha, ou das formações circunistas no Uruguai e na Argentina, foi em 15 de março de 1932 que o padre Leopoldo Brentano fundou o Círculo Operário Pelotense.

O padre Brentano já trabalhava junto ao operariado pelotense através da escola criada pela Congregação Mariana de Moços¹¹⁶, que teve como base as já mencionadas, encíclicas papais de Leão XIII em 1891 e de Pio XI em 1931. Propõe soluções para a questão operária, lutando por justiça social e sugeriu um corporativismo socioeconômico, o qual poderia estar aliado aos interesses dos empregados aos dos patrões como se mostrou no capítulo anterior.

¹¹⁵ Evangelho de Marcos, 1. v. 17.

¹¹⁶ BARRETO, Álvaro. **Propostas e contradições dos círculos operários**. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL, 1995. p. 34.

Figura: 06



Fonte: Padre Leopoldo Brentano. Arquivo João Batista Marçal História Operária.

Nessa foto, figura nº 06, o padre Leopoldo Brentano em pronunciamento aos operários através de missa campal, como era de seu costume em atos de fundação de algum novo núcleo, ou até mesmo nas comemorações cívicas.

Todavia, os Círculos Operários foram a opção mais concreta e organizada com que o operariado gaúcho pôde contar. A proposta do padre Leopoldo Brentano, em grande parte, nasceu por causa da oposição ao comunismo. O comunismo tinha ação popular, falava no mesmo tom do povo e do trabalhador, do operário. Os católicos não podiam ficar insensíveis a isso. Pio XI através do *Quadragesimo Anno*, pretendia instigar os sacerdotes a irem ao povo, aos trabalhadores: “Ide ao povo, ide ao trabalhador”.¹¹⁷

Os círculos não foram aceitos, logo no seu início, pois adversários às suas idéias viam perigo no movimento, dirigiram um panfleto ao Ministério do Trabalho contra os círculos, conseguindo com isso uma proibição ao funcionamento dos Círculos

¹¹⁷ RAUSCH, Urbano. **Uma vida dedicada ao Círculo Operário. Brasília.** Brasília: CBTC, 2003.p. 53.

Operários sendo enviados, por duas vezes, inspetores do ministério a Porto Alegre, porém acabaram por apoiar o movimento e tornaram-se o ponto de partida para que o governo visse com bons olhos os círculos operários.¹¹⁸

A Igreja via nos círculos um elo forte junto ao Estado getulista, pois atingiam o mesmo objetivo que este movimento, os operários. Diehl ainda ressalta que:

Os Círculos foram associações, cuja organização inibiu o movimento reivindicatório dos operários requer uma visão ampla do problema. A radicalização política diminuiu a discussão do primado econômico, abrindo espaços a atuação do Estado na legislação social, na mesma proporção aumentou a limitação reivindicatória ou política das classes, cujo poder de barganha e capacidade de pressão sucumbiram ante o corporativismo e a burocratização do sindicato no Brasil.

É nesse quadro conjuntural que os Círculos Operários se inserem como componentes importantes na legitimação das posições políticas da Igreja e da LEC¹¹⁹. Os Círculos Operários, além da sustentação doutrinária, realimentaram pela base operária o regime político.¹²⁰

Em pouco tempo, o movimento se expandiu não só no Rio Grande do Sul, mas por todo o Brasil. Foram intensas as formas de atuação da Igreja junto ao operariado; porém a mais significativa e que, rapidamente, se difundiu por todo o país, foi o movimento dos Círculos Operários. Eles buscavam ser assistencialistas e formadores da classe operária, como também, articuladores junto ao operariado contra as idéias do comunismo que eram os interesses da Igreja Católica.

O Estado só passou a ter um interesse mais significativo pela questão operária em meados da década de 1930, fazendo com que a Igreja Católica voltasse mais, efetivamente, suas atenções aos trabalhadores, porque diante do inimigo “vermelho” a classe operária seria a mais sugestiva para a propagação das idéias comunistas, já que o Estado não o fazia presente neste momento. Como refere Astor Diehl,

ante a ineficiência do Estado, a Igreja toma para si a pauta de motivar o Estado para que ele assumisse a tarefa de solucionar o problema social, toma posições definidas como forma de não ficar marginalizada no processo histórico. Porém, a ausência do Estado e a crescente proliferação da

¹¹⁸ BRENTANO, Leopoldo. **O fundador dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos.** In: Copa em Revista. 20 Anos do Círculo Operário Porto Alegrense. Porto Alegre, n. 24. 1954. p. 07.

¹¹⁹ Liga Eleitoral Católica.

¹²⁰ DIEHL, Astor Antonio. **Estado Novo: corporativismo e círculos operários.** Estudos Ibero-americanos, v.13, n.1, 1987 Porto Alegre. EDIPUCRS. p.19-35 .

organização socialista, traduz na Igreja a responsabilidade de educar a elite capitalista e promover a organização operária dentro de uma perspectiva mutualista.¹²¹

Sobre o papel social assumido pela Igreja frente aos operários, Álvaro Barreto, traz as palavras do padre Brentano:

Era de urgente o lançamento de um movimento operário cristão que dando ao operariado, a par de uma assistência social imediata, uma formação espiritual e colaborando com os esforços do governo, pusesse um dique à infiltração comunista e completasse a obra do Ministério do Trabalho.¹²²

Assim, conforme as citações, a Igreja assume como sendo seu dever a educação da elite, para a formação de intelectuais cristãos, a organização dos operários de forma que seguissem o governo e suas leis, e conter o avanço comunista.

Contra o comunismo, os Círculos possuíam uma tática especial: repudiavam a luta sistemática das classes e o liberalismo econômico estabelecia a necessidade de intervenção moderada do Estado na questão social, no sentido de controlar e regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.¹²³

Um dos principais motivos que levavam os trabalhadores a filiarem-se ao movimento circulista era a política assistencial que eles desenvolviam junto aos seus sócios que se beneficiavam de assistência médico-jurídica, escolas noturnas, educação profissionalizante, creches, facilidades para a compra de casa própria, organização dos sindicatos, como também organização de atividades voltadas ao lazer.

Destinava-se a proteger o operariado envolto na luta do dia-a-dia, sob todos os aspectos, em todas as circunstâncias e lugares, que abrangia a pessoa, a família e todos os seus interesses¹²⁴, porque, em sua maioria, os circulistas eram trabalhadores sem atuação sindical ou política. O diagrama abaixo demonstra os objetivos quanto as

¹²¹ DIEHL, Astor Antonio. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: 1990. p. 18.

¹²² BARRETO, Álvaro. **Propostas e contradições dos círculos operários**. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL, 1995. p. 34.

¹²³ **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C.- VIII, 1942. p. 43-45.

¹²⁴ **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C.- VIII, 1942. p. 24.

diversas áreas de atendimento aos trabalhadores, oferecidos pelos Círculos Operários.¹²⁵



Todavia, o maior objetivo do movimento circulista era coordenar as atividades de seus associados, que visava uma organização forte e perfeita, para assim prestar-lhe todo o gênero de benefícios e defesa.¹²⁶ Esse organograma apresentava não só os objetivos em benefício dos circulistas, mas abrangiam toda a família dos associados.

Com cinco princípios básicos que regiam as leis e atividades dos Círculos Operários, sendo que os três primeiros constavam desde sua fundação:¹²⁷

¹²⁵ BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações.** Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p.2. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ. Em anexos

¹²⁶ **Cartilha Circulista.** Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C.- VIII, 1942. p. 24-25.

¹²⁷ **Idem**, p. 25.

- A moral e doutrina de Cristo, código inigualável de justiça, respeito mútuo e amor;
- As Encíclicas, *Rerum Novarum* de Leão XIII e *Quadragesimo Anno* de Pio XI, que constituem a carta magna da sociologia cristã e encarnam a aplicação da moral e doutrina cristã sobre a questão social;
- Repúdio à luta sistemática de classes;
- O direito natural e sagrado da propriedade legitimamente adquirida, considerando, todavia, a riqueza como função social, devendo ser empregada para o bem da coletividade;
- O direito e a necessidade da intervenção do Estado na questão social, no sentido de regular o justo salário, à justa produção e o justo preço;

O circulismo pretendia não só lutar pelos direitos dos trabalhadores, mas buscava educação, integração entre trabalhadores de diferentes áreas, momentos de lazer, para si e sua família que se tornava, assim, influente e um dos movimentos com mais apoio por parte da Igreja. Desenvolvia também muitas atividades culturais e sociais, e marcava presença no cenário trabalhista da época. As diversas atividades oferecidas pelos círculos tinham um intuito a mais: o de apenas amparar os trabalhadores, ofereciam uma vida social ao operário e a sua família de forma que o envolvesse cada vez mais com o movimento que permanecia sob os olhares atentos dos dirigentes e do clero, não só durante o horário de trabalho, mas também no horário de lazer. Como foi apresentado pelo padre Brentano:

O Círculo Operário ensina aos trabalhadores a fazer bom uso das horas de lazer, fugindo ao jogo e ao álcool e ocupando-se útil e agradavelmente em casa ou na sede, com jogos, música, teatro, etc. ou mesmo com algum esforço em prol do movimento, em que também acham prazer e trabalham com orgulho.¹²⁸

O movimento circulista tinha respeito às demais classes sociais, às leis e autoridades, assim como, as instituições que contribuíssem para a cultura cristã.

¹²⁸ BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações**. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p.16. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

Visava praticar também todo o projeto da sociologia católica traçado nas encíclicas papais, mobilizando e envolvendo em sua ação todas as pessoas e instituições capazes de cooperar na realização desse programa: operariado, empregadores, clero, homens com recursos financeiros, ou com o préstimo de sua profissão.

Segundo a *Cartilha Circulista*, os sindicatos constituíram-se a partir de pessoas que exerciam a mesma profissão e se ocupavam, sobretudo, com causas que diziam respeito ao aperfeiçoamento na profissão, defesa dos seus interesses no exercício da profissão, quanto às condições de trabalho e poderia para isso servir-se da proteção das leis trabalhistas. Abrangia, assim, os trabalhadores de todas as profissões com todos os interesses e necessidades do operário e de sua família, de ordem material, intelectual e espiritual, porque ensina, orienta e moraliza no sentimento cristão. Com um trabalho de colaboração e auxílio, completando a obra dos sindicatos e do próprio Ministério do Trabalho, pois são um movimento unificador e coordenador do operariado, formam bons chefes, legítimos líderes, preparam o ambiente favorável ao cumprimento das leis sociais.¹²⁹

Os círculos, segundo o padre Brentano, teriam exercido certa influência sobre o sindicalismo que dava uma orientação construtiva e de colaboração com os chefes de empresas e autoridades, livrando os trabalhadores dos cruéis chefes comunistas, que tiranizavam os operários e criavam um ambiente permanente de intranquilidade pública.¹³⁰ Além de advogar em prol do trabalhador também reivindicava salário mínimo, melhores condições de trabalho. Os Círculos Operários ofereciam, em sua maioria, assistências médica, jurídica, farmacêutica, habitações, amparo mútuo, como também atividades de lazer no âmbito de cinemas, bibliotecas, imprensa, grupos cênicos, escotismo, creches, escolas.

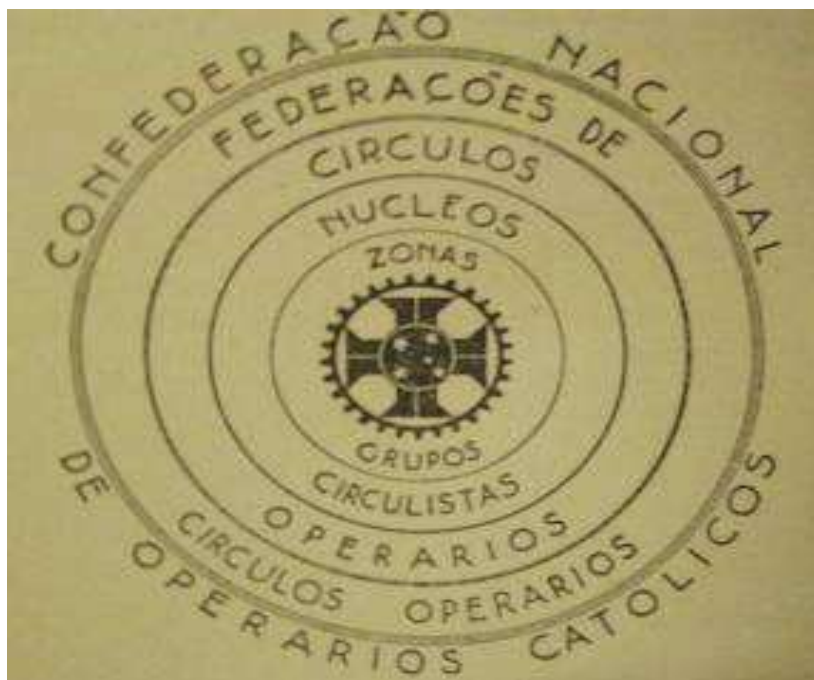
Por sua natureza, era um movimento operário nacional, de direção democrática, baseado nos princípios da Doutrina Social Cristã, pois cada círculo era uma associação de trabalhadores, sob a direção eleita pelos próprios membros, com personalidade jurídica própria de direito civil. Tinha seu raio de ação limitado a uma cidade ou a um

¹²⁹ **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C.- VIII, 1942. p. 33-35

¹³⁰ BRENTANO, Leopoldo. op. cit. P.15.

município, como mostra a imagem da estrutura organizacional do movimento dentro da federação.¹³¹

Figura 07.



Fonte: Estrutura dos Círculos Operários. Extraído da Cartilha Circulista. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C- V, 1942. p. 22.

Os círculos, conforme a figura nº 07, estavam estruturados em cinco níveis hierárquicos. As zonas ou grupos pertenciam aos núcleos circulistas, que compunham e respondiam ao círculo. Para exemplificar, usaram a cidade de Porto Alegre, onde havia vários grupos de estudos de formação profissional, entre outros, promovido pelo circulismo, localizado na mesma região que estavam sobre a coordenação do núcleo circulista que abrangia todo o bairro onde estava localizado. Quase todos os bairros de Porto Alegre tinham um núcleo, que respondia diretamente ao C.O.P.A. (Círculos Operários Porto Alegrense). Assim, a Federação aglutinava e respondia por todos os Círculos Operários de cada cidade do Rio Grande do Sul. E, por último, a federação de cada Estado do país estava subordinada à Confederação Nacional de Operários Católicos.

¹³¹ **Cartilha Circulista.** Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C- V, 1942. p. 22.

Não fazia discriminação de sexo, partido político ou religião, desde que o trabalhador aceitasse os princípios democráticos, mesmo vivendo dentro d uma ditadura do Estado Novo, e a moral cristã, podia ser admitido como sócio. “Admitindo praticamente, todo operário bem intencionado e honesto, respeitador da família e da religião. Portanto, só não pode ser sócio quem tem vícios inveterados, ou adota ideologias subversivas e contrárias às bases das tradições cristãs”.¹³² Visava essencialmente à promoção e valorização da classe operária, assistia e formava os trabalhadores urbanos e rurais, “e queria que o trabalhador fosse cada vez mais respeitado e também ver o seu esforço mais apreciado e melhor recompensado”.¹³³

Segundo a revista do *Círculo Operário Caxiense*, os círculos se propunham, baseando-se no pensamento dos papas Leão XIII e Pio XI, atuar em três pontos fundamentais:¹³⁴

I - Harmonia e cooperação entre as diversas classes profissionais e coletivas, para assim facilitar a assistência social junto às classes mais necessitadas e a organização racional do trabalho;

II – Sindicalização, ou organização dos trabalhadores, não por sua categoria no mercado de trabalho, mas sim pelas funções sociais que desempenha;

III - Reforma dos costumes (cristianização), tudo que se estaria desempenhando em prol da ordem social de nada valeria sem a reforma do costumes.

Com a implantação completa destes três pontos, os operários obteriam maior conforto (pela cooperação), força (pela organização profissional) e virtudes cristãs (pela religião católica).

¹³² **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C.- VIII, 1942. p. 51.

¹³³ *Idem*, p. 44.

¹³⁴ Primeiros Benefícios. In. *Círculo em Revista. Comemorativa aos 60 anos do COC*. Caxias do Sul. Setembro/Octubro, Ano I, n. 03, 1994. p. 8.

Figura 08.



Fonte: BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações.** Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 03. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

O organograma, figura nº 08, ilustra a organização e o programa de ação dos Círculos Operários. Baseado em quatro departamentos centrais, que atendiam a áreas distintas: Ensino e Educação (11 áreas), Cooperativista (3 áreas), Saúde (9 áreas) e Beneficência e Defesa (11 áreas). Assim, supria várias necessidades dos trabalhadores.

O movimento tinha como bandeira o símbolo da cruz e traz no jornal *O Trabalho* a seguinte explicação sobre seu significado:

A bandeira e o distintivo em suas cores e seus conteúdos são o símbolo e o sinal do caráter sensível da nossa organização. O fundo azul da bandeira, a cor do firmamento representa o idealismo e a amplitude do nosso movimento em seus objetivos e em sua extensão, enquadra-se ele no movimento operário cristão de todo o mundo. A cor branca significa a pureza de nosso ideal e a paz que queremos trazer ao mundo, harmonizando o trabalho. Em geral o vermelho é a cor do sangue e do fogo, simboliza a vida, a atividade o entusiasmo, o dinamismo a luta, o sacrifício, o martírio, tudo a serviço do

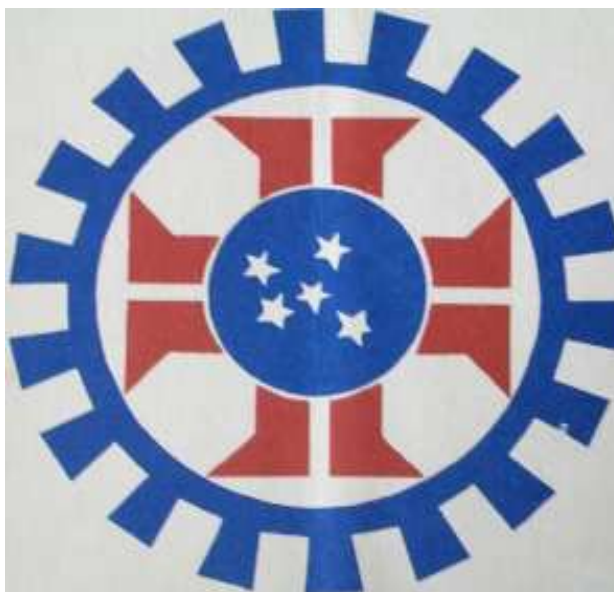
amor ou do ódio. Em nossa bandeira a cruz rubra define o nosso dinamismo.¹³⁵

Segue a explicação.

Somos um movimento construtivo e não destruidor; nossa atividade e luta é para o bem dos trabalhadores, processaram-se dentro da lei cristã, cujo grande mandamento é o amor. “Nós trazemos um lema que encerra um programa de paz e amor”, diz o nosso hino. A engrenagem que a bandeira encerra e que contorna o distintivo é o símbolo do trabalho. A esfera azul com o cruzeiro que a engrenagem abrange, é tomada da bandeira nacional e simboliza o Brasil: significa isto, que queremos uma organização de todos os trabalhadores brasileiros, de qualquer profissão e de ambos os sexos. O conjunto - engrenagem, cruz, esfera na cores azul, branco e encarnado - simboliza: “os trabalhadores brasileiros cristãos construindo com entusiasmo e amor uma nova era de bem estar e paz social”.¹³⁶

A bandeira dos Círculos Operários era o símbolo máximo do movimento onde cada ponto e cada cor é carregado de significado como vimos através da explicação citada.

Figura 09.



Bandeira dos Círculos Operários

Figura 10.



Símbolo do Núcleo Circulista de Bento Gonçalves

¹³⁵ **Nossa Bandeira e Distintivo.** *O Trabalho*. Porto Alegre, 1938. p. 1.

¹³⁶ **Idem.**

Como podemos notar através das figuras nº 09 e 10, a bandeira é a singularidade de cada núcleo, como foi o caso de Bento Gonçalves que uniu em sua bandeira o símbolo da cidade com o do movimento. Aliás, a bandeira dos circulistas da cidade de Bento Gonçalves, por sua tradição vinícola, traz o desenho de uma pipa de vinho.

Além da bandeira os círculos também possuíam seu próprio hino.

Companheiros, cerremos fileiras, olhos fitos no ideal que reluz!
 Empunhemos a nossa bandeira, cujas cores abraçam a cruz!
 Ardorosos na luta, queremos o operário fazer respeitar.
 Contra as forças do mal defendemos nosso Deus, nosso pão, nosso lar!
 Nós trazemos um lema que encerra um programa de paz e de amor;
 Pois queremos que acabem na terra a opressão, a injustiça, o terror!
 Pois queremos que acabem na terra a opressão, a injustiça, o terror!
 Nós não somos mendigos ou escravos, mas pioneiros de um grande porvir;
 Nós iremos com audácia de bravos nova ordem social construir.
 Vencerá nossa marcha gloriosa. Vem depressa marchar, meu irmão!
 Surgirá da jornada afanosa um Brasil operário e cristão!¹³⁷

O hino reporta ao ideal do exército cristão que combateria o mal. As palavras como fileiras, bandeiras, luta, lema, reportam também ao nacionalismo e reforçam a imagem de aliança entre o Estado e a Igreja.

Sob os símbolos do seu hino e da sua bandeira, o circulismo desenvolveu-se rapidamente durante o Estado Novo. Roque Lauschner acredita que os circulistas “deixaram-se instrumentalizar pela ideologia dominante: defendiam a união trabalho-capital e assumiam energeticamente a luta anticomunista”.¹³⁸ Ampliaram-se ao máximo no período áureo da ditadura de Getúlio Vargas e alcançavam trezentos mil associados. Com a colaboração do governo e dos empresários, constituíram notáveis

¹³⁷ **Hino dos Círculos Operários.** *O Trabalho*, 14 de dezembro de 1937. p. 01

¹³⁸ LAUSCHNER, Roque. *A nova carta dos princípios doutrinários e programáticos do movimento circulista e a Doutrina Social da Igreja.* In: SCHÜHLY, Günther. KÖNIG, Hans-Joachim. SCHNEIDER, José Odelso. (Org). **Consciência social: a história de um processo através da doutrina social da igreja.** São Leopoldo: Unisinos, 1994. p. 219.

patrimônios.¹³⁹ Assim, serviam de suporte físico para a expansão do movimento, posteriormente, por todo o país.

Neste sentido, padre José Odelso analisa em seu texto *Identidade Circulista*¹⁴⁰ a existência de três tipos de Círculos Operários. O primeiro seria justamente o vinculado ao patrimônio, pois preservam e mantinham o patrimônio circulista de suas localidades, suas sedes e instalações estão voltadas ao benefício do lazer e do encontro comunitário. Muitas sedes circulistas foram conhecidas nas respectivas cidades, não só como locais de grande valor imobiliário, mas também como locais de práticas esportivas, lazer, diversão, próprios de um clube recreativo.

O segundo tipo de Círculos Operários, além das finalidades de lazer, recreação e jogos, colocavam a estrutura do núcleo para a prestação de assistência médico-social, farmacêuticos e de laboratório de análises clínicas, quanto de assistência judiciária gratuita, ou a preços mais condizentes com a renda dos setores populares. E o último tipo, estavam mais próximos das finalidades definidas nos estatutos do Circulismo, eram os círculos que “não só dão o peixe, mas dão o anzol e ensinam o povo a pescar”.¹⁴¹ Situavam-se nesta linha os que, além dos serviços anteriormente citados, ofereciam cursos de formação humana, cursos técnico-profissionalizantes de toda ordem, além de atividades artísticas e culturais como instrumento de formação política e, sobretudo, cursos de liderança e ética.

Ressaltamos, como primeira prioridade para tais Círculos Operários, a formação de “militantes circulistas” que seriam mais que meros “usuários” dos diversos serviços oferecidos pelos núcleos circulistas e consistiam-nos que mais desenvolveram durante o Estado Novo. Assim, partimos para a análise específica de sua atuação e História em alguns núcleos do Rio Grande do Sul

¹³⁹ LAUSCHNER, Roque. *A nova carta dos princípios doutrinários e programáticos do movimento circulista e a Doutrina Social da Igreja*. In: SCHÜHLY, Günther. KÖNIG, Hans-Joachim. SCHNEIDER, José Odelso. (Org). **Consciência social: a história de um processo através da doutrina social da igreja**. São Leopoldo: Unisinos, 1994. p. 219.

¹⁴⁰ SCHNEIDER, José Odelso. **Identidade Circulista**. Artigo fornecido pelo próprio autor.

¹⁴¹ Idem.

3.3 “*Aquele dentre vós que estiver sem pecado, lhe atire a primeira pedra*”¹⁴²

O Circulismo no Rio Grande do Sul: fundação e atuação até 1945

Como mencionado anteriormente, a fundação e organização dos círculos se deu, em 1932, na cidade de Pelotas, sob orientação do padre Leopoldo Brentano, que visava, além dos objetivos materiais de assistência e formação espiritual e social dos operários também colaborar com o recém-criado Ministério do Trabalho, supria e complementava naquilo em que a legislação trabalhista era deficitária. Pretendia ainda tentar conter a influência e a infiltração comunista, que se valia da situação social, econômica e das possibilidades de politização proporcionados pelos novos sindicatos, e queria atrair o operário para os seus fins.

Com a fundação do Círculo Operário em Pelotas, e, por conseqüência, a dos círculos, a educação sempre esteve entre as prioridades do movimento. Destacava-se a escola noturna para os operários (1932). A escola diurna, para menores entregadores de jornais (1936-1941), o semi-internato para meninos, filhos de sócios e não-sócios entre 7 e 13 anos de idade (1945), sem contar os inúmeros cursos destinados às senhoras circulistas, como os de corte e de costura. Vemos nessas atividades a importância dada pela Igreja, inserida nos ensinamentos circulistas, como instrumento de formação desses novos operários.

O C.O.P. teve como ponto principal, junto à sociedade pelotense, a construção da Vila Operária. Este projeto se destinava, exclusivamente, ao operário circulista que recebeu suas primeiras casas apenas 6 meses antes do golpe do Estado Novo (1º de maio de 1937). Eram casas de material, que seriam alugadas, ao invés de doadas aos operários, por temor do COP, em caso de doação de que acabassem sendo vendidas por seus beneficiários na primeira necessidade.

¹⁴² Evangelho de João. Capítulo 8, v.7.

No período de 1938 a 1942, o C.O.P. passou a construir casas de madeira e ampliava suas extensões de terras, com aquisição de uma chácara do banco do Rio Grande do Sul, por um preço muito menor do que seu real valor. Da mesma forma, a primeira chácara, em que se deu a construção das primeiras casas, foi cedida pelo prefeito da época, senhor Joaquim Assumpção ao padre Brentano em troca de benefícios no local. Em vários planos de expansão, a vila operária que se chamou Vila Operária General Flores da Cunha e, posteriormente, passou a ser chamada de Vila Nossa Senhora de Medianeira, chegou a ter mais de 60 casas.¹⁴³ Porém, com a implantação do Plano de Habitações Populares, com recursos superiores aos do C.O.P. e, com a vantagem da venda e não mais o aluguel, o projeto dos Círculos Operários, perdeu sua força.

Na figura nº 11, destaca-se uma das fotos clássicas do movimento circulista, por ocasião da recepção oferecida ao ministro do trabalho Salgado Filho, na cidade de Pelotas, pelo Círculo Operário Pelotense em 1934, onde centenas de trabalhadores circulistas reuniram-se para prestigiar o ministro.

Figura 11.



Fonte: Extraído do BARRETO, Álvaro. *Propostas e contradições dos círculos operários*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 1995.

¹⁴³ BARRETO, Álvaro. **Propostas e contradições dos círculos operários**. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL, 1995. p. 80-82.

Por convite de Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre, o padre Leopoldo Brentano organizou, a partir do final do ano de 1933, os Círculos Operários Porto-Alegrense (COPA), onde em 27 de janeiro de 1934, funda-se o primeiro núcleo no bairro Petrópolis, que era formado, basicamente, por casas de famílias operárias. O vigário do bairro, o padre Alberto Hickmann, convidou o padre Leopoldo Brentano para pregar na festa do padroeiro da paróquia São Sebastião, em consideração ao pároco e pelo bom espaço físico de que a paróquia dispunha a expor os princípios da doutrina social católica e do circulismo. Seguiu-se a fundação de diversos núcleos, pela cidade, como também a fundação da creche Nossa Senhora dos Navegantes, no bairro operário de mesmo nome, com as maiores fábricas, como: Renner, Neugebauer, Gerdau, e com isso maior trânsito de trabalhadores.¹⁴⁴ Na figura nº 12 vemos a formação da primeira diretoria do C.O.P.A.

Figura 12



Fonte: Primeira diretoria do Círculo Operário Porto-Alegrense 1934. Arquivo João Batista Marçal de História Operária.

¹⁴⁴ BRENTANO, Leopoldo. **O fundador dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos.** In: Copa em Revista. 20 Anos do Círculo Operário Porto Alegre. Porto Alegre, n. 24. 1954. p. 7-8.

Três anos após sua fundação, possuía dez núcleos e cinco mil sócios.¹⁴⁵ Posteriormente, chegou-se a 14 núcleos, todos com diretoria estruturada, dava mais de uma centena de pessoas e reuniam-se semanalmente, participavam da doutrinação social que era a base dos ideais circulistas, e de todo o programa proposto pelo Manual dos Círculos Operários. A partir da capital, a organização foi em direção ao interior, formava uma espécie de barreira contra o comunismo, que já não estava apenas na área industrial, mas dirigindo-se ao interior do estado.¹⁴⁶ Segundo o padre Leopoldo Brentano, que ainda salienta:

Após visitarmos todos os bairros da capital, fazendo o estudo da situação e das possibilidades de cada setor. Resolvemos então cercar um cinturão circulista, promovendo uma grande organização constante de um só círculo operário, integrado por núcleos em bairros operários.¹⁴⁷

Nessa citação, o padre exemplifica seu plano de ação, que seria “cercar” os operários pela proposta circulista, através da fundação de várias unidades dos círculos, distribuídos por bairro.

Dentro desta ótica, destacamos uma figura muito importante para o movimento circulista, o assistente eclesiástico. Os Círculos Operários não eram organizações eclesiásticas, tanto que seu estatuto não precisava ser aprovado pelo clero, nem seus filiados eram católicos (aceitavam-se pessoas de outras religiões), faziam com que o movimento fosse extremamente atraente aos operários. Porém, uma série de medidas tomadas pelos circulistas, em conjunto com os clérigos, mostravam a influência do clero católico nas ações dos Círculos Operários, e um assistente eclesiástico seria um representante da Igreja junto ao movimento e teria o poder de vetar qualquer iniciativa ou decisão. Na figura 13, vemos a missa campal de 1940.

¹⁴⁵ DIEHL, Astor Antonio. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Dissertação (Mestrado) PUCRS, Porto Alegre, 1986. p.93-95.

¹⁴⁶ BRENTANO, Leopoldo. **O fundador dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos**. In: Copa em Revista. 20 Anos do Círculo Operário Porto Alegrense. Porto Alegre, n. 24. 1954. p. 7.

¹⁴⁷ Idem, p. 7.

Figura 13



Fonte: BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações.** Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 13. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

O C.O.P.A. participava de todas as comemorações cívicas, como podemos observar através figura nº 13, da missa campal em homenagem ao Dia do Trabalhador de 1940, onde estava presente sua diretoria juntamente com o grupo de escoteiros ocupando a primeira fila junto ao palco.

Figura 14.



Fonte: Comemorações do Dia do Trabalho de 1939, no Teatro São Pedro. Arquivo de João Batista Marçal de História Operário.

A figura nº 14 refere-se às comemorações do Dia do Trabalho de 1939, que teve início com desfiles e discursos no parque Farroupilha, em Porto Alegre e terminou com grandioso ato solene no Teatro São Pedro, com a presença de autoridades civis e religiosas, juntamente com os representantes dos Círculos Operário. Todavia o que nos chama a atenção é a elitização das comemorações referentes ao 1º de maio, pois o Teatro São Pedro, não era um dos locais mais freqüentados, pelos operários da capital gaúcha.

Em todas as atividades para os quais os trabalhadores eram convidados, os círculos estavam presentes, inclusive durante os anos de guerra. Quando o Brasil declarou guerra contra os países do eixo, os Círculos Operários fizeram campanha em solidariedade aos soldados, salientavam a importância dos soldados da produção, tinham como front os parques industriais e os campos.¹⁴⁸ Assim, não estavam apáticos com o cenário mundial e seus irmão de pátria que estavam em nome do Brasil, na Guerra.

Segundo o padre Leopoldo Brentano, ofereceu-se em cerimônia cívica, missa campal do dia 1º de maio de 1943, celebrada no parque Farroupilha, uma espada ao General Cordeiro de Farias, que deixava a interventoria do Estado, para juntamente com outros soldados brasileiros unir-se na Europa às tropas aliadas.¹⁴⁹ Da mesma forma, faz referência às mobilizações contra a Aliança Nacional Libertadora:

Quando ainda nos primeiros anos de sua existência surgiu um movimento político camuflado em cores deferentes, para não deixar transparecer o vermelho de suas idéias, com o nome enganoso de Aliança Nacional Libertadora, o círculo saiu a campo e lhe deu combate firme, pela imprensa, pela palavra de seus oradores, pondo-lhe a calva à mostra, dando-lhe o apelido que lhe era conveniente de “Aliança Nacional Tapeadora”. A grande iniciativa rubra caiu por terra como o colossal ídolo de pés de barro.¹⁵⁰

Na citação a cima, vemos o combate às idéias comunistas, pois a ANL deixaria transparecer o vermelho de suas idéias “que seriam tapeadoras”, novamente a Igreja

¹⁴⁸ BRENTANO, Leopoldo. **O fundador dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos.** In: Copa em Revista. 20 Anos do Círculo Operário Porto Alegrense. Porto Alegre, n. 24. 1954. p. 16.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Idem.

posicionada contra o perigo comunista, tanto nessa proposta junto aos operários e que ia ao encontro aos interesses do Estado.

Todos os núcleos, tanto os que estavam em atividade durante o Estado Novo quanto os fundados após este período têm em seus assistentes eclesiásticos como a figura principal do movimento. A eles, nada se negava, tinham a confiança plena e o respeito de todos os associados, como a comunidade em geral. Barreto salienta em *Propostas e contradições dos círculos operários*, que entre as funções dos assistentes eclesiásticos cabiam aos que participavam das reuniões da diretoria velar pela orientação doutrinária, afastar os membros que julgasse nocivos ao grupo, podendo vetar qualquer atitude ou decisão, sendo que para a diretoria poderia derrubar este veto, e o caso seria avaliado pela Federação ou pela confederação.¹⁵¹ Como também,

na sua atividade de doutrina social, assuntos de fé moral e assistência religiosa, o Assistente Eclesiástico está acima da diretoria da entidade e tem plena autoridade. O mesmo não vale para assuntos econômicos e de administração. O assistente, obviamente é o único cargo não eletivo da diretoria e sua indicação, bem como tempo de atividade, é prerrogativa do Bispo diocesano. A diretoria e a assembléia geral não podem recusar aquele que for nomeado.¹⁵²

Segundo Dinara Paixão, os assistentes eclesiásticos que auxiliavam a federação circulista gaúcha eram quatro padres jesuítas: Ignácio Valle, responsável por todos os núcleos, que compunham a COPA (onde também morava) e também fazia algumas visitas ao interior do estado; padre Cláudio Mascarello, residia no Seminário São José, em Santa Maria, e se responsabilizava também pelo atendimento ao Círculo Operário de Santa Maria e ao Círculo Operário Ferroviário, inclusive dirigindo 80 escolas mantidas pela cooperativa dos ferroviários; Emílio Schneider, responsável pelo Círculo Operário Ferroviário, atendia todo interior mais especificamente a fronteira com o Uruguai; e o padre Urbano Rausch, a região metropolitana.¹⁵³

Sem dúvida alguma, foram os assistentes os que mais impulsionaram e se empenharam para o desenvolvimento do circulismo; da mesma forma, os clérigos

¹⁵¹ BRENTANO, Leopoldo. **O fundador dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos.** In: *Copa em Revista. 20 Anos do Círculo Operário Porto Alegrense.* Porto Alegre, n. 24. 1954. p. 58.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ PAIXÃO, Dinara Xavier. **Padre Ignácio Valle S.j. e a devoção à Nossa Senhora de Medianeira.** Santa Maria: Palloti, 2003. p. 47-49.

assistentes dos núcleos se tornaram personagens ativos nas demais cidades. Também o padre Tronca teve importante atuação nos Círculos Operários Caxiense, iniciando em 1944 até o dia do seu falecimento em 1993, como também em diversos segmentos da sociedade de Caxias do Sul. Porém, houve dois assistentes anteriores ao padre Tronca que abriram o caminho que ele solidificara e que permanece até a atualidade.

Padre Orestes Silvio Valeta foi o primeiro assistente eclesiástico (1934-1940) e fundador do Círculo Operário Caxiense. Em 1934, padre Valeta procurou o padre Leopoldo Brentano, residente em Pelotas, e trouxe a idéia do circulismo para Caxias do Sul. Padre Ernesto Mânica, que assumiu a orientação dos circulistas caxienses de 1940-1944, lembra que as reuniões dos associados ao C.O.C. eram realizadas no salão paroquial, existente na parte de baixo da catedral. “Estávamos semeando a semente”.¹⁵⁴ Lembramos que, em sua maioria, os núcleos formaram-se de forma muito humilde de patrimônio e de pessoas para auxiliar, contavam essencialmente com esses “trabalhadores de batina”, que eram incansáveis em nome do circulismo.

O padre ainda lembra que os C.O.C. foram criados para resolver os problemas dos operários sob a ótica cristã. “No início, havia muita exploração ao trabalho operário”, conta ele. Os Círculos pregam colaboração de patrões e empregados com justiça social.¹⁵⁵ Na figura nº 15 vemos a foto dos assistentes eclesiásticos do Círculo Operário Caxiense, no período de sua fundação até o ano de 1993.

¹⁵⁴ VALETA, Ernesto. **O passado contado hoje por padre Mânica, aos 83 anos**. Entrevista a Círculo em Revista. Comemorativa aos 60 anos do COC. Caxias do Sul. Setembro /Outubro, Ano I, n. 03, 1994. p. 15.

¹⁵⁵ VALETA, Ernesto. **O passado contado hoje por padre Mânica, aos 83 anos**. Entrevista a Círculo em Revista. Comemorativa aos 60 anos do COC. Caxias do Sul. Setembro /Outubro, Ano I, n. 03, 1994. p. 15.

Figura 15



Fonte: Assistentes Eclesiásticos do Círculo Operário Caxiense. Extraído do Círculo em Revista. **Comemorativa aos 60 anos do COC.** Caxias do Sul. Setembro /Outubro, Ano I, n. 3, 1994. p. 14.

Podemos dizer que o Círculo Operário Caxiense era o mais ortodoxo, seguia o estatuto e estava muito ligado aos ensinamentos da Igreja Católica. Ali o ato de se envolver em brigas ou conflitos com os patrões era motivo de expulsão do movimento. Era um dos núcleos mais ligados ao clero, no qual seguido dos princípios religiosos, onde em ata de reunião do início da década de 1940 se apresentava como motivo de expulsão de uma mulher por ter filhos e não ser casada, por exemplo. Porém, estavam mais voltados para a política regional de Caxias e não tanto, à nacional.

Figura 16



Fonte: Diretoria do Círculo Operário Caxiense, 1936. Extraído do Círculo em Revista. **Comemorativa aos 63 anos do COC.** Caxias do Sul. Setembro /Outubro, Ano IV, n. 20, 1997. p. 7.

A figura nº 16, se refere a diretoria do Círculo Caxiense, no ano de 1936, em sua formação constava a presença dos membros leigos e do assistente eclesiástico Orestes Valeta.

O núcleo circulista caxiense foi instalado no dia 12 de agosto de 1934, com a presença do Padre Leopoldo Brentano, e se misturam com a história da própria diocese de Caxias do Sul, que foi criada em 8 de setembro de 1934, quando foi nomeado Dom José Barea como responsável.

Padre Ignácio Valle¹⁵⁶, grande idealizador da romaria de Nossa Senhora de Medianeira, tornou-se o assistente religioso do movimento circulista, pois atuava intensamente nos núcleos de Porto Alegre e no interior do estado, principalmente quando o Padre Leopoldo Brentano vai para outros estados com a missão de fundar novos núcleos do movimento circulista e auxiliar os que já haviam sido fundados. Foi presença permanente junto ao operário circulista até o seu falecimento em 1963.

Segundo o atual assistente eclesiástico da federação dos círculos operários, o padre Odelso Schnaider¹⁵⁷ o padre Inácio Valle tinha o sonho de fazer a universidade do trabalho. E no terreno que queria construir um prédio, ele enterrava uma medalhinha de Nossa Senhora de Medianeira de todas as graças e dizia que naquele local seria construído o prédio “X” da universidade do trabalho. Lenda ou não, o certo é que logo vinha a doação, ou a concessão daquela área para os círculos.

No final da década de 1930 e nos anos de 1940, o C.O.P.A. atuou, de forma permanente, desde a mobilização junto com os núcleos do interior do estado para as paradas cívicas (7 de setembro, etc.) e das comemorativas (aniversários do Estado Novo e do presidente da República) quanto na organização de grupos de escoteiros, creches, grupos de teatro, cursos como corte e costura e datilografia, imprensa, farmácia, clínica médica, colônias de férias. Serviços, que eram oferecidos aos trabalhadores vinculados aos núcleos do movimento na capital.

¹⁵⁶ Para saber mais sobre a vida e as obras do padre Inácio Valle, como também sobre a romaria de Nossa Senhora de Medianeira, ver: PAIXÃO, Dinara Xavier. **Padre Ignácio Valle Sj. e a devoção à Nossa Senhora de Medianeira**. Santa Maria: Palloti, 2003.

¹⁵⁷ Assistente Eclesiástico da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul e professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Os circulistas estavam presentes junto à sociedade porto-alegrense, sempre prontos a ajudar, não apenas os sócios, mas quem necessitasse como ocorreu durante a grande enchente de 1941, onde as águas do rio Guaíba invadiram a cidade, deixando 70 mil flagelados. O C.O.P.A. mobilizou seus dirigentes, sócios, médicos e escoteiros, para auxiliar no atendimento de mais de 800 pessoas que estavam refugiadas no ginásio Anchieta, 200 refugiados em um dos seus prédios, que na ocasião encontrava-se em construção, e nos demais pontos da cidade.¹⁵⁸

Em Passo Fundo, a presença circulista não se fez diferente. Um ano antes de sua inauguração, o Círculo Operário de Passo Fundo já era trabalhado e estudado pela categoria. Foi em 19 de setembro de 1934, em reunião realizada no salão nobre da Sociedade Italiana, que os operários passofundenses iniciaram os trabalhos de instalação e a fundação do Círculo Operário. Na oportunidade, o Padre Paschoal Librelotto era encarregado pela fundação dos Círculos em toda região serrana, como também delegada geral de diversos círculos do estado; fez um pronunciamento enumerando as vantagens das associações operárias, e após o pronunciamento, foi eleita a diretoria do C.O.P.F., que tinha na direção do movimento o operário João dos Santos Souza.¹⁵⁹

No cenário nacional, o presidente Getúlio Vargas já articulava o golpe do Estado Novo, quando o sindicalismo chegava à cidade de Passo Fundo. Por conta deste fato, a diretoria do Círculo Operário solicitou a presença de membros da Federação, para em uma sessão tratar da sindicalização dos associados. Sendo assim, o Círculo Operário foi fundamental para o sucesso da política de sindicalização em Passo Fundo empreendida pelo governo federal, pois até então não havia nenhum sindicato reconhecido na cidade.

Com a presença de um representante do Ministério do Trabalho, o senhor João de Andrade, que além de representante do ministério era presidente do Sindicato dos

¹⁵⁸ MACEDO, Belmonte de. **Os 20 anos de atividades do Círculo Operário Porto-Alegrense**. In: Copa em Revista. 20 Anos do Círculo Operário Porto Alegrense. Porto Alegre, n. 24. 1954. p. 17.

¹⁵⁹ BATISTELLA, Alessandro. **Entre a Cruz e o Martelo: as disputas político-ideológicas entre comunistas e católicos no movimento operário de Passo Fundo na década de 1930**. Artigo apresentado no Seminário de História Regional. PPGH/UPF, 2006. Fornecido pelo autor.

Barbeiros e Cabeleireiros, também era presidente do Círculo Operário e os trabalhadores de Passo Fundo que se reuniam para formar seus sindicatos e tiveram a partir de então a proteção da lei e a orientação (sadia) do movimento no campo material e espiritual. Dos 603 circulistas pertencentes a este núcleo, 266 estavam filiados aos sindicatos.¹⁶⁰ A diretoria do C.O.P.F. trabalhava na fundação de um colégio dirigido por duas irmãs do Colégio Notre Dame para os filhos dos circulistas e, posteriormente, para adultos no período noturno, como também no atendimento médico hospitalar e sempre mantinha sob seu olhar os sindicatos locais.

Segundo Batistella, João de Andrade conciliou pelo menos três interesses: o da Igreja Católica, através do C.O.P.F., o do Ministério do Trabalho e o dos trabalhadores sindicalizados, que tinham seus sindicatos duplamente tutelados, mas esperavam receber em troca os benefícios da legislação trabalhista. Assim, pode-se apontar neste líder circulista um exemplo de “pelego” mencionado em capítulo anterior.

No ano de 1939, quatro sindicatos de classe, que funcionavam juntamente com o próprio Círculo Operário, começaram a desligar-se e a trabalhar por conta própria. Isso gerou o protesto da direção da entidade posta de lado após ter colaborado na formação desses sindicatos. Vale mencionar que voltamos assim para a educação dos circulistas e de seus filhos até o final do governo Vargas, como continua fazendo até a atualidade para a comunidade de Passo Fundo.

Na figura nº 17 vemos, um hábito muito presente nos núcleos circulistas, que foi o churrasco promovido pelas festividades do Dia do Trabalho. O almoço festivo reunia todos os associados, juntamente com suas famílias.

¹⁶⁰ BATISTELLA, Alessandro. **O movimento operário e sindical em Passo Fundo (1900-1964): história e política**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Passo Fundo, 2007. p. 125

Figura 17.



Fonte: Churrasco de 1º de Maio, promovido pelo Círculo Operário Passofundense (década de 1940). Extraído de BATISTELLA, Alessandro. **O movimento operário e sindical em Passo Fundo (1900-1964): história e política.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Passo Fundo, 2007. p. 139.

Pouco se sabe sobre a atuação do Círculo Operário Bento-Gonçalvensense durante os anos de 1937 a 1945. Contudo, este núcleo foi fundado basicamente às vésperas da implantação do Estado Novo. O círculo de Bento Gonçalves foi fundado no dia 7 de setembro de 1937. Teve como sua primeira sede um anexo da Paróquia de Santo Antônio, partindo do seu pároco o padre Antônio Zattera, que idealizou e coordenou a implantação de um núcleo circulista na cidade. Posteriormente, aliou-se às suas idéias o padre Ernesto Sbrissa. No dia da fundação, contou com a presença e apoio do assistente eclesiástico da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul o padre Ignácio Valle e o senhor João Lottuada, representante do Ministério do Trabalho.

Nos anos que se seguiram, o maior triunfo do C.O.B. foi se estruturar e legitimar perante a sociedade de Bento Gonçalves, aos poucos conquistava a comunidade com auxílio jurídico, o atendimento médico, odontológico e de medicamentos. Padre Davi Picolli, ex-assistente eclesiástico do C.O.B., ressaltou que um dos apoiadores do

círculo de Bento foi o senhor Luís Matheus Todeschini, proprietário da fábrica de acordeões, atual fábrica de móveis Todeschini. Por muitas vezes, o senhor Todeschini teria sido o responsável financeiro pelas despesas do padre em ir a Porto Alegre comprar as primeiras remessas de medicamentos para os circulistas.¹⁶¹

Como a maioria dos núcleos circulistas, o Círculo Operário Pratense foi fundado e teve como sede inicial o salão paroquial, no dia 19 de março de 1941, com a presença do representante do Ministério do Trabalho, Caetano Reginatto, o assistente eclesiástico da região, Cônego Antonio Zattera, juntamente com alguns vigários, sob a presidência do senhor Serafim Cherubini e mais uns sessenta operários, como consta na ata de fundação lavrada no cartório do município. A atuação do círculo pratense se direcionou mais à questão do lazer do trabalhador circulista, porque oferecia esportes em diversas áreas, que os levaram à conquista de muitos títulos, como também cursos de corte e costura para as senhoras.

Em 17 de junho de 1944, Cerillo Frainer lavrava a ata da primeira entidade sindical de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, e no dia 15 de agosto do mesmo ano, fundou-se o Círculo Operário em uma assembléia para oficializar a instalação desta entidade, onde o então presidente Vicente de Freitas Lopes convidou para fazer parte da mesa de trabalho algumas autoridades do movimento circulista, Padre Inácio Valle, assistente eclesiástico da Federação dos Círculos do RS, Padre Ângelo Tronca, assistente eclesiástico do C.O.C., Dom José Baréa, bispo de Caxias do Sul, Rogério Galeazzi, Prefeito de Alfredo Chaves, Luiz Rigo, presidente do Círculo Operário Pratense, que divulgou no diário oficial o primeiro edital do estatuto do círculo em 18 de novembro de 1944.

Criaram-se, em 1946, as subdivisões, em zonas de núcleos do circulismo, formadas pelas comunidades do interior do município, e assim foram se desenvolvendo, posteriormente, com a aquisição de uma farmácia, cursos de corte e

¹⁶¹ PICOLLI, João Davi Picolli. **Círculo Operário Bento-Gonçalvense**. [setembro de 2006] Círculo Operário Bento-Gonçalvense, São Marcos. Ex-assistente eclesiástico do Círculo Operário Bento-Gonçalvense. Este material foi cedido pela Comissão Pró-Memorial do Círculo Operário Bento-Gonçalvense, para esta pesquisa.

costura etc. Na figura nº 18 temos a foto da diretoria do Círculo de Alfredo Chaves, atual cidade de Veranópolis.

Figura 18



Fonte: Diretoria de Círculo Operário de Alfredo Chaves, atual município de Veranópolis, 1944. Extraído http://www.jornalpanoramaregional.com.br/gal_circulo.htm02/02/2008-23h:30min.

3.4 “Bem-aventurados os que não viram e creram”¹⁶²

O circulista e o círculo no Rio Grande do Sul

A criação dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul integrava o projeto de hegemonia do pensamento e da ação da Igreja sobre as bases operárias, do regime e da sociedade. Os elementos da organização do operariado católico, colocados em prática, em primeiro momento, abriram caminho ao Estado, para fazer uma centralização sindical ligada à legislação trabalhista e, posteriormente, espalhando-se por todo o Brasil, pela Igreja.

¹⁶² Evangelho de João, capítulo 20, v. 29.

Fernando Catroga conclui “ser necessário aceitar os limites do fazer histórico e de que haja sempre uma negociação entre a história e a memória, para que não haja interpretações dualistas, mas sim complementares, já que as duas podem ser concebidas como ‘expressões da condição histórica do homem’”.¹⁶³ Neste sentido, complementam-se as informações até aqui apresentadas com o relato do senhor Ruduite, o qual nasceu em 1926 e desde os 13 anos, quando sua mãe associou-se ao núcleo do Monte Serra dos Círculos Operários Porto-Alegrense (1939), começou a trabalhar para o círculo fazendo cobranças, e já em 1942, aos 17, tornou-se subdelegado circulista.

Segundo ele, os circulistas tiveram grande significado dentro do cenário político gaúcho. Destacamos a figura, já tantas vezes mencionada, do padre Ignácio Valle. Além de assistir espiritualmente os sócios, detinha grande respeito e confiança dos políticos da época. A utilização da fonte oral¹⁶⁴ traz um pouco da visão de quem fez parte da organização desde a infância quanto da presidência do C.O.P.A. Ruduite falou da pessoa com quem mais teve convívio dentro do movimento, o padre Valle.

O padre Valle, ele se dedicava como assistente eclesiástico dos círculos operários, só esse trabalho, então ele dedicava todo o tempo dele. Ele tinha acesso livre no governo, tinha um cartão azul que ele podia entrar a hora que quisesse falar com o governador, ele conseguia tudo isso, porque o trabalho era um trabalho importante na época para arregimentar, organizar e orientar os trabalhadores, então ele tinha acesso livre no governo.¹⁶⁵

Na fala do senhor Ruduite, podemos perceber a afirmação, conforme viemos trabalhando, da relação entre Igreja e governo. No entanto, ele ainda nos alerta para o fato de que essa relação era mais estreita do que pensava. Prossegue falando dos empresários gaúchos:

conseguia verba com os empresários, por exemplo, a policlínica, se tu entrar, hoje ali, na Santo Inácio 325, tu vai ver uma placa onde tem dezenas de

¹⁶³ CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001. p. 66.

¹⁶⁴ Fonte oral é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe pareça necessário possuir. VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In. AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 36.

¹⁶⁵ RUDUITE, Osvaldino. **Os Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945)**. [24 de setembro de 2007] Carla Xavier dos Santos, Porto Alegre. Ex-presidente do Círculo Operário Porto-Alegrense.

empresários que ajudaram a fazer a policlínica e assim eram os lucros, ele buscava dinheiro e auxílio para redundar em que... Auxílio ao operário.¹⁶⁶

Mas, como o depoimento reforça a atuação da Igreja adentrava, também, os espaços privados, os empresários.

Padre Valle tinha passagem livre no palácio Piratini, assim como com autoridades, de jeito simples e sereno, por onde andava, ia distribuindo suas medalhinhas de Nossa Senhora de Medianeira e balinhas. Assim ia arrecadando recursos para financiar seus projetos junto aos Círculos Operários. As palavras de sua sobrinha, Benta Tonini, esboçadas por Dinara Paixão, demonstram a forma de atuação do padre Valle:

Eu nunca vi meu tio criticar governantes. Podia até ser ateu. Ele era muito discreto. E assim conseguia ajuda para as obras dele. Ele nunca se posicionou político-partidariamente. Ele não era de falar, era de trabalhar. Ele perseguia o objetivo até conseguir.¹⁶⁷

Essa “liberação de acesso” não se destinava a todos os circulistas, muito pelo contrário, esse atendimento era, exclusivamente, ao representante eclesiástico junto ao movimento, fato que não ocorria aos demais representantes da diretoria laica. Claro que detinham seu reconhecimento, mas não ao mesmo nível do padre Valle. Além de ser a bandeira erguida pela Igreja Católica junto aos operários, os círculos eram compostos por muitos “sonhadores”, como o assistente eclesiástico da Federação. Mas também levaria pessoas alheias às políticas e alianças do período que acreditavam nos ideais do circulismo.

¹⁶⁶ RUDUITE, Osvaldino. **Os Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945)**. [24 de setembro de 2007] Carla Xavier dos Santos, Porto Alegre. Ex-presidente do Círculo Operário Porto-Alegrense.

¹⁶⁷ PAIXÃO, Dinara Xavier. **Padre Ignácio Valle S.j. e a devoção à Nossa Senhora de Medianeira**. Santa Maria: Palloti, 2003. p. 52.

Figura 19



Fonte: Padre Inácio Valle. Arquivo do Santuário de Medianeira.

Padre Inácio Valle, na figura, dedicou sua vida ao circulismo e ao movimento operário cristão. Realizava duas grandes metas para a doutrina cristã, a romaria de Nossa Senhora de Medianeira e a construção da Escola Técnica Santo Inácio, que originalmente era para ter sido a Universidade do Trabalho.

Os trabalhadores circulistas estavam subordinados aos mandamentos tanto da legislação trabalhista quanto do regimento circulista estavam por, assim dizer, vigiados por dois olhares distintos. Colaboravam com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, restauravam a paz no mundo do trabalho pelo respeito aos direitos recíprocos e pelo restabelecimento de relações harmoniosas entre operários e patrões, como também o repúdio à luta violenta de classes,¹⁶⁸ são artigos do estatuto dos Círculos Operários, sob pena de exclusão definitiva do quadro de sócio. Cultivar as virtudes que dignificam sua classe: assiduidade ao trabalho, espírito de ordem, sobriedade, economia, etc. são deveres obrigatórios dos circulistas, bem como comunicar por escrito à diretoria quando tiver de se retirar temporariamente para fora da cidade ou do Estado.¹⁶⁹

O trabalhador gaúcho, em sua imensa maioria, era analfabeto e sem o preparo técnico exigido. Quando os poderes públicos ainda não tinham despertado,

¹⁶⁸ BRENTANO, Leopoldo. **Modelo dos Estatutos para Círculos Operários**. C.N.O.C., 1941. p. 8-9.

¹⁶⁹ Idem. p. 14-15.

suficientemente, para o problema da instrução e educação das massas, o fundador e os primeiros dirigentes circunistas já tinham reconhecido a urgente necessidade dessa orientação.

Sabiam que o operário, sem instrução e sem formação profissional, teria fechado todos os canais de acesso a um melhor nível de vida e a melhor posição social. Formaram, assim, escolas, cursos em diversas áreas, entre tantos benefícios já mencionados neste trabalho, que arregimentaram cada vez mais sócios aos núcleos, tanto da capital quanto do interior, que se subordinavam aos estatutos e mandamentos circunistas, por condições oferecidas aos trabalhadores, que até então não se havia visto, nem oferecido por nenhum movimento, sindicato ou associação.

Nas cidades do interior, contou com o auxílio dos prefeitos de alguns municípios, como o senhor Ruduite diz:

Não vou dizer assim que desenvolveu a cidade, mas ajudava muito a criação do núcleo e atendimento ao operário, sempre ajudou [...]. Porque se formou lá o núcleo de auxílio ao operário, logo era amparado pela igreja e especialmente pela prefeitura, porque a prefeitura tinha interesse nisso, até doava terreno para fazer os núcleos, pra botar um médico ali em cima, então isso era muito importante, não só o lado religioso, mas a assistência.¹⁷⁰

O grande idealizador do circulismo encontrou muitos desafios com a concretização do movimento circunista, ainda mais quando o movimento tomou dimensão nacional, principalmente no que diz respeito à “falta de jeito” que o corpo eclesiástico tinha junto às massas operárias. Diante disso, padre Leopoldo Brentano, já no comando da Confederação Nacional de Operários Católicos, emitiu diversas cartilhas e livros destinados aos novos padres de como se conduziriam frente ao mundo do trabalho, como veremos no próximo capítulo.

¹⁷⁰ RUDUIE, Osvaldino. **Os Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945)**. [24 de setembro de 2007] Carla Xavier dos Santos, Porto Alegre. Ex-presidente do Círculo Operário Porto-Alegrense.

Capítulo IV

“Na casa de meu pai há muitas moradas”¹⁷¹

*Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim,
também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas,
porque eu vou para meu Pai¹⁷²*

4.1 “Ide, fazei discípulos de todas as nações”¹⁷³

Livros para os Círculos Operários

A proposta deste capítulo vem ao encontro da idéia de transmissão dos ideais eclesiais ao operariado, como ao corpo clérigo, por meio de alguns livros impressos pela Confederação Nacional de Operários Católicos, que contava, nesse momento, com a coordenação nacional do Padre Leopoldo Brentano.

Como foi analisado nos capítulos anteriores, a atuação da Igreja Católica e o governo do Estado tiveram uma representatividade muito intensa junto ao meio operário, ao contar com o movimento circulista para o ensino e a doutrinação dos trabalhadores gaúchos. Porém, um dos maiores desafios deste processo de cooptação, ensinamento e formação do circulista foi transpor as barreiras dentro do próprio clero estadual.

Já mencionamos que o padre Leopoldo Brentano, muitas vezes, foi chamado de “comuna de saia” por seus colegas clérigos, que não viam com “bons olhos” a relação do padre como o movimento operário. Este estranhamento, em parte, vinha da própria formação sacerdotal, que não os preparava para um contato maior com as classes operárias. Por conta disto, o próprio padre Leopoldo, juntamente com a Confederação

¹⁷¹ Evangelho de João, capítulo 14. v. 2.

¹⁷² Idem, v. 12.

¹⁷³ Evangelho de Mateus, capítulo 28. v. 19.

Nacional de Operários Católicos, escreveu, traduziu e editou diversos livros, com o intuito de uma melhor formação para os padres, para que estes, ainda seminaristas, pudessem desenvolver o gosto pelo trabalho junto aos operários e suas famílias, quanto para os próprios circulistas.

A Confederação Nacional de Operários Católicos publicou alguns títulos como: *Código Social* (codificação em capítulos, artigos e parágrafos da doutrina social católica, monumento de sabedoria divina e humana: um livro para pregadores, escritores, professores, administradores, diretores de obras sociais, C.N.O.C.), *O Clero e a Ação Social* (livro para os clérigos e os em formação sacerdotal sobre a atuação social), *A Legislação Social Brasileira e a Encíclica Rerum Novarum* (confronto da legislação social com a célebre encíclica de Leão XIII), *A Doutrina Social da Igreja* (comentários das encíclicas sociais, destinada a estudos e doutrinação), *A Questão Social* (exposição da questão social e do programa social católico, com refutação das soluções falsas, destinada a estudos e doutrinação), entre outros. Ao final de cada edição, que nem sempre eram assinadas pelo padre, vinha uma lista de obras úteis para o estudo “teórico” e “prático” dos assuntos sociais.

Haviam também publicações destinadas diretamente ao circulista e ao núcleo, entre as quais se destacam os títulos: *Guia do Assistente Eclesiástico do Círculo Operário* (orientações sobre as funções, obrigações e atuação dos padres dentro do circulismo), *Manual do Círculo Operário* (todos os dados e diretrizes para a organização dos Círculos Operários), *Cartilha Circulista* (iniciação amena na organização circulista), *Estatutos do Círculo Operário* (regulamentos e normativas para os sócios, diretoria e demais membros de cada núcleo) e o *Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas realizações* (livro explicativo sobre a origem e atuação do movimento circulista).

Para este estudo, analisamos primeiramente os seguintes títulos, destinado ao circulismo: *Cartilha Circulista*, *Manual do Círculo Operário*, *Modelo de Estatutos para Círculos Operários*, *Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas*

realizações. Posteriormente também os livros: *Código Social* e *O Clero e a Ação Social*, destinados ao clero.

A motivação para a edição de obras viria da crença de que as formas mais eficazes de espalhar os ideais do movimento circulista seriam os livros e as palestras ou conferências. Porém, a linguagem de muitos livros, às vezes, “escapava da capacidade intelectual do trabalhador, quanto da econômica, quando chega apenas nas mãos de poucos”¹⁷⁴, o que restringia sua divulgação e seu acesso. Assim, a confederação começou a lançar estas obras sob a supervisão do padre Leopoldo Brentano, com uma linguagem extremamente acessível e com distribuição entre os circulistas.

Segundo a nota introdutória da *Cartilha Circulista*, o autor¹⁷⁵ afirmou que era a primeira vez, na história das reformas sociais do Brasil, que uma organização de operários fazia a editoração de livros-brochura com a intenção de levar estudos e debates temáticos sérios para seus membros.¹⁷⁶ Isso se fez necessário, porque os Círculos Operários teriam conseguido o “milagre”, segundo o autor, de reunir milhares de trabalhadores, com o mesmo ideal, que faziam as transformações sociais debaixo do signo cristão.¹⁷⁷

A *Cartilha Circulista*, destinada diretamente aos membros dos círculos nos parece uma das publicações mais interessantes para compreendermos as propostas e os diálogos da Igreja com os operários. Essa obra estruturada a partir do diálogo entre dois amigos, que apresentavam o movimento circulista, suas finalidades, organizações, normas e vantagens dos operários em serem sócios. Abaixo, vemos a capa da *Cartilha Circulista*, figura nº 20.

¹⁷⁴ **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 7.

¹⁷⁵ Na *Cartilha Circulista* não consta autor, apenas a nota introdutória assinada com as letras P. T.

¹⁷⁶ **Cartilha Circulista**. op. cit. P. 7.

¹⁷⁷ Idem.

Figura 20.



Fonte: Cartilha Circulista. Arquivo particular de Carla Xavier dos Santos.

O objetivo principal da cartilha era apresentar aos candidatos a sócios uma idéia sobre a organização circulista, a partir de uma espécie de “exame” sobre a doutrina circulista. Ao final da cartilha, estava incluso um questionário com 50 perguntas referentes aos Círculos Operários. Isso serviria para a atração de sócios conscientes, firmes e integrados ao movimento.

O bate-papo entre os dois personagens, o Pedro da Silva, um secretário circulista, e o outro, o João Teimoso, quer dizer, um operário que não conhecia o circulismo, se passava na casa do secretário, em meio a uma reunião dominical entre amigos e familiares. Pedro se preparava para dar uma palestra no núcleo circulista, onde desempenhava as atividades de secretário, e falava ao amigo João Teimoso sobre a atuação do movimento junto ao Estado.

Nesse cenário da trama, João perguntou ao amigo circulista: “O que valem perante o Governo os Círculos”?¹⁷⁸ Como resposta, João recebeu de Pedro a seguinte explicação:

Tem-nos apreciado grandemente. Diversos Ministros do Trabalho pronunciaram palavras de grande elogio sobre os Círculos. No congresso circulista nacional em 1940, numa audiência concedida aos delegados circulistas, o próprio presidente da república afirmou que acompanha com grande simpatia a atividade dos Círculos Operários e que os considerava como um movimento construtivo e um trabalho de colaboração com o governo. Conseqüente nos seus gestos concedeu à Confederação Nacional de Operários, coordenadora dos Círculos, por decreto de 12 de maio de 1941 a prerrogativa de colaborar como órgão técnico e consultivo com o Ministério do Trabalho.¹⁷⁹

Nesse diálogo, vemos o reconhecimento obtido pelo circulismo junto ao governo. Três são as afirmativas da citação que demonstram a aproximação entre as propostas do Estado e da Igreja: a primeira foi o reconhecimento dos benefícios dados ao Estado pelos círculos que se deu no congresso nacional de 1940 com a presença do Presidente da República. A segunda afirmação seria a consideração por parte desse movimento como construtivo de colaboração com o governo. Terceira e última afirmação era a concessão, por decreto de 12 de maio de 1941, denominada de Confederação Nacional dos Operários Católicos, ou seja, uma prerrogativa de colaboração com o governo, como órgão técnico, ligado ao Ministério do Trabalho.

Ao continuar a conversa, João Teimoso prosseguiu. “Naquele dia os Círculos Operários tiraram a sorte grande, hein? Mas por que será que o presidente chamou os círculos de ‘movimento construtivo’”?¹⁸⁰ Pedro responde:

É porque são de proveito à sociedade inteira: são uma grande defesa e amparo, não só dos operários, mas também um movimento de respeito às demais classes sociais, às leis e autoridades, a todos os bens e instituições que perfazem a nossa cultura cristã, porque eles, tendo pleno êxito, produzirão este respeito de harmonia e solidariedade cristã que unindo entre si os homens de todas as classes terá como resultado final a paz e a ordem social: a Idade Nova pela qual todos nós suspiramos.¹⁸¹

¹⁷⁸ **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 39.

¹⁷⁹ *Idem*.

¹⁸⁰ *Idem*.

¹⁸¹ *Idem*.

Nessa citação, não apenas vemos a afirmação da aproximação entre Igreja e Estado, como também o apelo à ordem, à subordinação ao governo e à cultura cristã.

Confabulações como estas permeiam todo o texto, a fim de passar ao leitor impressões sobre o posicionamento do governo em relação aos Círculos Operários, conforme as citações, e quanto à postura da Igreja Católica dentro do movimento. Nessa direção, indagou mais uma vez nosso personagem João. “Sempre ouvi dizer que a religião e o clero não estão ao lado do operariado”.¹⁸²

Somos do lado da justiça. Quem diz que a Igreja é contra os operários e que aprova as injustiças do capitalismo, ou não conhece a história e a doutrina da Igreja, ou é inimigo do catolicismo.¹⁸³

A resposta de Pedro é contundente, retoma a mentalidade cristã de opção pelos pobres, e, mais ainda, criminaliza ataques que não concordam com a nova postura assumida pela Igreja. Pedro continua sua resposta.

Podes crer que, todas as modernas legislações estão consagrando as recomendações dos Pontífices sobre a situação dos operários. Os Círculos Operários, a obra de muitos católicos em prol do operariado, tudo isso vem confirmar que os constantes apelos dos Papas têm sido ouvidos em todo o mundo. Aqui mesmo, no Brasil, a primeira lei sindical foi inspirada pelo insigne cristão social Carlos Alberto de Menezes. Aliás, esse homem extraordinário era um patrão católico. [...]. Quando Marx lançou, em 1848, seu primeiro manifesto comunista, o bispo alemão von Ketteler pronunciou uma série de discursos nos quais reivindicava para os operários tudo quanto de moderno há nas mais adiantadas legislações de amparo ao trabalhador.¹⁸⁴

A partir da linguagem própria dos operários, a resposta do personagem Pedro procura justificar, validar e exaltar a postura da Igreja no meio do movimento operário. Primeiro, vemos a palavra “todas”, ou seja, o leitor é levado a pensar que os Estados modernos, sem exceção, estão subordinados à Igreja e que todos os benefícios recebidos pelas modernas legislações são frutos de luta católica. Essa idéia é validada pela afirmação de que tudo isso vem confirmar os constantes

¹⁸² **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 46.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ Idem, p. 47.

apelos dos Papas. Nessa direção, as conquistas sindicais na história teriam seu berço gerado na própria Igreja. O Brasil seria um exemplo, segundo a cartilha, com a liderança sindical do cristão Carlos Alberto de Menezes.

O personagem Pedro, além disso, explica ao amigo João Teimoso:

não tomamos o operário como deveria ser, mas como é de fato. Não somos compartimento estanque, mas homens de braços abertos, acolhedores como Cristo no Corcovado. Cumprimos o que Leão XIII nos recomenda na “*Rerum Novarum*”, falando dos operários que foram “joguete de esperanças enganosas e de aparências mentirosas”, que nas sociedades que os aliciaram, em lugar de caridade e do amor. Só encontraram discórdias intestinas, e que com a alma embotada e o corpo extenuando, desejariam sacudir um jugo tão humilhante.¹⁸⁵

Assim, o circulista ressalta, no texto, que apenas o movimento cristão valorizava os operários e os destinava à devida atenção e carinho, seguindo a inspiração da formação dos Círculos Operários, isto é, a encíclica *Rerum Novarum*. Porém, segundo a cartilha, os operários eram ludibriados por movimentos que só desejavam a discórdia. Ao impor em seu discurso, de forma sutil e indireta, que a atuação comunista, por exemplo, junto ao meio operário, seria exclusivamente por interesse próprio, sem a menor preocupação com os operários e, sim, de usá-los para causar tumulto e desavenças. E essas exposições da cartilha vão ao encontro do teor das demais obras publicadas pela confederação.

Com a colaboração do intelectual católico Alceu de Amoroso Lima, padre Brentano formulou e editou, em 1939, o *Manual do Circulo Operário*, documento que serviu de guia para difusão e implantação do Movimento Circulista Nacional. Segundo o Manual, a missão do movimento circulista foi a de instrumentalizar o ser humano (sócio), moral, técnica, cultural e materialmente, para que ele fosse o agente do seu próprio desenvolvimento, da sua comunidade. Dentro deste conceito, um dirigente circulista teria liberdade de encontrar em sua comunidade o que deveria e poderia ser feito dentro dos princípios do Movimento.

¹⁸⁵ **Cartilha Circulista**. Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 53.

No *Manual dos Círculos Operários* eram descritos seus objetivos centrais, que podemos resumir em cinco pontos principais já apresentados no desenvolvimento dos capítulos anteriores, mas que vale a pena ser ressaltados mais uma vez: O primeiro ponto, seria a prestação de assistência espiritual, moral, intelectual, física e profissional aos associados e aos trabalhadores em geral, por meio de escolas, colégios, cursos, ambulatórios, clínicas, hospitais, cooperativas, caixas de mutualidade, departamentos recreativos e esportivos; o segundo ponto do manual dos círculos operários, objetivou proporcionar aos trabalhadores formação adequada, para que pudessem ativamente, e conscientemente, assumir suas responsabilidades na ação social e sindical; o terceiro ponto seria a instauração, no país, de uma ordem social cristã; o quarto ato seria colaboração para a harmonização das relações entre empregados e empregadores; o quinto e último ponto se concentrava na colaboração com o Ministério do Trabalho, naquilo que dizia respeito aos legítimos interesses dos trabalhadores.¹⁸⁶

O manual continha todas as informações mais importantes para a fundação de um novo círculo, como a organização de reuniões, convocação dos sócios, formulação das atas, entre outras. Desta forma, “para preparar a fundação do Círculo Operário, deve-se conseguir um grupo, embora pequeno de operários bem intencionados e interessados pelo bem-estar de sua classe. Com eles se fazem algumas reuniões, não muitas, pois operário é imediatista”.¹⁸⁷

Essa literatura também abordou o pensamento do movimento sobre o comunismo.

Nascidos e firmados na luta contra o comunismo organizado em partido internacional, os CC.OO. sustentaram sempre e, em toda parte, esse combate, não apenas desmascarando os embustes da astuciosa propaganda bolchevista social católico.¹⁸⁸

Era de urgente necessidade o lançamento de um movimento operário cristão que dando ao operariado, a par de uma assistência social imediata,

¹⁸⁶ BRENTANO, Leopoldo. **Manual dos Círculos Operários**. Rio de Janeiro: CNOC, 1939. p. 26-30.

¹⁸⁷ Idem. p. 204.

¹⁸⁸ Idem. p. 32.

uma formação espiritual e colaborando com os esforços dos governos, pusesse um dique à infiltração comunista e completasse a obra do Ministério do Trabalho.¹⁸⁹

Nessa citação o papel dos Círculos foi declaradamente manifesta como um movimento de repressão ao comunismo entre aos operários como foi tratado.

Desta forma, o manual foi mais um suporte para a organização dos círculos e principalmente de coordenação e normatização dos trabalhadores associados aos Círculos Operários, segundo o modelo do estatuto circulista.

O *Modelo de Estatuto para Círculos Operários*¹⁹⁰, publicado em 1941, apresentava as normas e exigências básicas para a formação, o desenvolvimento e a solidificação dos núcleos. Este modelo era destinado aos Círculos Operários nacionais, pois teria seu embasamento nos estatutos já formulados e retocados, conforme as peculiaridades de cada região, que eram as mais variadas possíveis do Rio Grande do Sul. Com 16 capítulos e 67 artigos, sem contar com os sub-artigos, tentava abranger qualquer tipo de circunstância que poderia ocorrer dentro da organização, da hierarquia do movimento, como o regimento para a organização da diretoria, os direitos, os deveres e as penalidades dos sócios, a organização financeira, assembléias e reuniões, até os procedimentos para a dissolução do núcleo, se um dia, fosse o caso.

Recebiam este modelo, já no ato de sua fundação, faltavam apenas incluir particularidades do núcleo, como sigla, nome e localidade, para a impressão final. A seguir, vemos a imagem do modelo de Estatuto, figura nº 21.

¹⁸⁹ BRENTANO, Leopoldo. **Manual dos Círculos Operários**. Rio de Janeiro: CNOC, 1939. p. 223.

¹⁹⁰ Em anexos.

Figura 21.



Fonte: Segunda capa do Manual de Estatutos do Círculo Operário. Arquivo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea / FGV Ref. GC-1298f.

A importância do estatuto foi a de manter uma uniformidade entre os regulamentos dos Círculos Operários, principalmente no caso de mudança de cidade do sócio. Sendo assim, o estatuto tinha uma base central imutável. Variavam apenas aqueles artigos que apontavam para especificidades locais. Podemos observar na capa do estatuto, figura nº 21, que havia locais em branco para serem preenchidos, conforme a localidade a que estava destinado aquele exemplar.

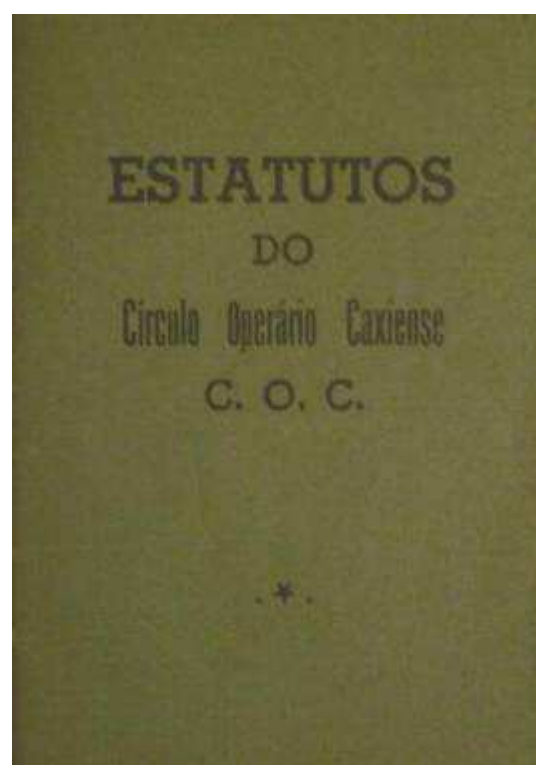
Assim, este modelo era seguido como molde para os demais estatutos a serem feitos, acrescidos apenas de informações características de cada núcleo requerido e com o formato padrão de 8x11cms. Todavia, as diretrizes sobre a atividade e colaboração da Confederação Nacional de Operários Católicos com o Ministério do Trabalho e os órgãos a ele coordenados, em especial da organização sindical corporativa, encontravam-se elaboradas em um plano de ação especial, destinado,

particularmente, aos assistentes eclesiásticos.¹⁹¹ Observamos, mais uma vez, a ponte entre os operários circulistas com o governo federal, feita através da Igreja Católica, na figura do assistente eclesiástico.

Figura 22.



Figura 23.



Fonte: Arquivo pessoal de Carla Xavier dos Santos

As figuras nº 22 e 23 exemplificam o que afirmamos sobre o uso do Estatuto do Círculo Operário como modelo. Nelas destacam-se as singularidades de dois estatutos circulistas de núcleos diferentes. Por exemplo, o estatuto do Círculo Operário Caxiense era um modelo antigo, quer dizer, contava apenas com o nome e a sigla do núcleo. Já o estatuto do Círculo Operário Pratense trazia em sua capa o símbolo da bandeira circulista, além do seu endereço e da data de fundação. Aliás, a utilização do símbolo em todos os impressos circulistas se tornou padrão a partir da implantação do Estado Novo. Pois semelhante ao governo, o movimento

¹⁹¹ BRENTANO, Leopoldo. **Modelo do Estatuto para Círculos Operários**. Rio de Janeiro: CNOC, 1940. p. 7.

circulista, como outros movimentos católicos laicos, ou eclesiásticos, tinha um hino e uma bandeira, que ao mesmo tempo os distinguia das demais organizações, e os uniam sob os mesmos símbolos.

Nesse sentido, nos passos de Pierre Bourdieu, podemos perceber o papel dos círculos como o exército de um exemplo de poder ligado à propriedade de “fazer ver” e “fazer crer” do capital simbólico, que a grosso modo, seria uma medida do prestígio e do carisma que um indivíduo, ou uma instituição possuíam em determinado campo.¹⁹² Assim, os Círculos Operários reforçavam por signos distintivos sua identidade frente aos demais movimentos ligados aos operários.

Outro documento importante para a nossa análise é o livro *Círculos Operários: sua origem, sua organização e suas realizações*, de apenas 20 páginas, onde não havia muitas explicações sobre o movimento. Este livro apresentava o desenvolvimento dos círculos pelo país e era distribuído de forma gratuita, lembrava mais um álbum do que propriamente um livro. Chamava a atenção pelas fotos e pelos desenhos, como o de dois amigos operários, na primeira página do livro. Neste desenho, figura nº 24, um dos homens, um circulista aponta, ao mostrar para o amigo, um operário não-sócio em direção ao texto sobre os estatutos do movimento circulista. Termina a frase afirmando: “Companheiro atenção! Leia, decida-se e inscreva-se”!¹⁹³

¹⁹² BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 14-15.

¹⁹³ BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas realizações**. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 2. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ. Em anexo.

Figura 24.



Fonte: BRENTANO, Leopoldo. *Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas realizações*. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 2. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

Todavia, a utilização deste desenho fazia lembrar jornais comunistas e anarquistas, ou de conotação subversiva como os denominava a Igreja Católica. Como exemplo, a figura nº 25 foi extraída do jornal *Folha do Povo*, de linha editorial anarquista. Aliás, este jornal circulava em Santa Maria, em 1920, e se denominava o “órgão das classes trabalhadoras”.¹⁹⁴ Deste modo, o movimento circulista tentava aproximar-se do meio operário, ao adotar particularidades que possibilitassem uma abertura por parte dos trabalhadores.

Figura 25.



Fonte: MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: s/editora, 2004. p. 76.

¹⁹⁴ MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: s/editora, 2004. p. 239.

Em suas publicações, relatava os objetivos, os princípios, como também a composição de seus departamentos com textos pequenos, privilegiava, principalmente, as fotos de todos os Círculos Operários do país, como desfiles dedicados às comemorações do 1º de maio (Dia do Trabalho), com a participação do grupo de escoteiros do C.O.P.A., em Porto Alegre, e a participação dos núcleos circulistas de São Paulo, como podemos ver na figura nº 26.

Figura 26.



Fonte: BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações.** Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 14. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

O livro procurava chamar a atenção do leitor, principalmente pelas imagens que continha, talvez com a intenção de mostrar que o movimento era concreto e estava em pleno desenvolvimento na maioria das capitais da federação. Com maior ênfase nas imagens que estavam relacionadas com a família, como: as escolas, os cursos para as senhoras circulistas e assistência à saúde. Em sua maioria, eram fotos sem a presença de padres, ou religiosos, em grande parte, pela falta de afinidade e desconfiança que os operários tinham em relação à Igreja.

Com o mesmo enfoque, destacavam-se as fotos, como as da escola dos Círculos Operários de Carazinho (figura nº 27) e da escola circulista de arte culinária de Recife

(figura nº 28), como a inauguração das casas destinadas aos operários pelo C.O.P em Pelotas e dos congressos operários de Pernambuco, da Paraíba, de Fortaleza, de Curitiba e do Rio Grande do Sul.

Figura 27.



Fonte: Escola do Círculo Operário de Carazinho. BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações.** Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 6. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ

Figura 28.



Fonte: Escola de arte culinário do Círculo Operário de Recife. BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações.** Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 7. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ

Os textos exaltavam a atuação dos membros nesse processo de expansão e realização dos círculos, ainda, na mesma direção, eram destinados aos não-sócios e demonstravam a solidez dos Círculos Operários, e afirmavam que para se fazerem parte do “mundo promissor do circulismo”, bastava apenas tornarem-se sócios. Através da utilização de fotos, fazia com que o leitor se sentisse refletido naquele cenário, em que o personagem central poderia ser ele, em um lindo desfile em comemoração ao Dia do Trabalho, em atividades familiares, ou em uma grande assembléia circulista.

Nesse sentido, Bourdieu abordou em sua obra *O poder simbólico*, conceito que nos ajudou a compreender como demonstrado pelas imagens das cartilhas produzidas para os operários, que tanto a Igreja Católica quanto o Estado Novo, utilizaram-se de símbolo e signos como forma de legitimarem seus ideais. O governo getulista também adotou práticas e ritos como forma de consolidação das leis sociais, por exemplo, principalmente, com o operariado, como vimos no terceiro capítulo.

Neste momento, ao analisarmos a literatura católica, observamos a utilização, pela Igreja Católica, de “sistemas simbólicos”, que segundo Bourdieu, se “distingue, fundamentalmente, conforme os sistemas são produzidos e, ao mesmo tempo, apropriados pelo conjunto do grupo, ou pelo contrário, produzidos por um corpo de especialistas e, mais precisamente, por um campo de produção e de circulação relativamente autônomo”.¹⁹⁵ Dessa forma, a Igreja Católica se apropria, como já mencionado, anteriormente, da linguagem mais utilizada no meio operário, de uma bandeira que estaria estendida juntamente com a bandeira da pátria nas comemorações cívicas e religiosas.

Ao analisarmos a capa do livro *Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações*, figura nº 29, vemos como já acontecera nas figuras anteriores, que havia diversas simbologias.

¹⁹⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.p.12.

Figura 29.



Fonte: *Círculos Operários: sua origem, sua organização e suas realizações*. Arquivo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea / FGV Ref. GC-1298f.

O símbolo que é a cruz vermelha,¹⁹⁶ para os Círculos Operários, representava o “dinamismo de um movimento construtivo”,¹⁹⁷ as bandeiras dos Círculos Operários e a do Brasil aparecem cruzadas, uma servindo de suporte para outra, sugerindo que o movimento circulista se tornou um dos “suportes” da nação. Entre as bandeiras, estavam ressaltados dois parágrafos do hino circulista. Citavam o primeiro parágrafo:

Companheiros cerremos fileiras!

Olhos fitos no ideal que reluz,

levantemos a nossa bandeira

cujas cores abraçam a cruz!¹⁹⁸

¹⁹⁶ A figura em questão originalmente, apresenta sua cruz em vermelho, azul no centro e o círculo em amarelo. Porém este é um xerox do livro, fornecido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea / FGV Ref. GC-1298f, daí a falta das cores originais.

¹⁹⁷ **Nossa Bandeira e Distintivo**. Porto Alegre, Jornal o Trabalho, 1938. p. 01.

¹⁹⁸ BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas realizações**. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 1. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

Conclamavam os trabalhadores circulistas a possuir uma postura ordeira, que levantassem a mesma bandeira que era o símbolo que os unia e os reconheciam como grupo. Também citavam o último parágrafo do hino circulista que abarcavam os versos mais enfáticos

Vencerá nossa marcha gloriosa!

Vem depressa marchar, irmão!

Surgirá da jornada afanosa,

um Brasil operário e cristão.¹⁹⁹

Nessas linhas, a repetição da palavra “marcha” enfatizava um ato militar, como se fossem soldados, para tornar os trabalhadores da pátria brasileira direcionados ao sentido cristão do trabalho. Abaixo às bandeiras, encontrava-se a figura de homens posicionados em filas ordenadas, reforçando o discurso.

Assim, a persuasão expressa pelos símbolos, ritos, palavras de ordem e, principalmente, pela crença nas palavras e nos discursos enfatizados por quem as proferia, eram “formas transformadas e legitimadoras de poder”,²⁰⁰ como a exercida pelo governo de Getúlio Vargas, juntamente com a Igreja Católica no meio operário.

Portanto, os livros, destinados ao movimento circulista tinham uma dupla função: a primeira, de informar e compartilhar os ideais do movimento dos Círculos Operários, isto é, “popularizaram-no”, para chegarem mais próximos dos operários, e a segunda seria, puramente, a transmissão dos pensamentos da Igreja Católica. Ao demonstrarem sua relação com Estado Novo que embutiam no discurso dessa literatura, principalmente seu aspecto anticomunista, era visto como endossando a ordem do governo vigente e cristão.

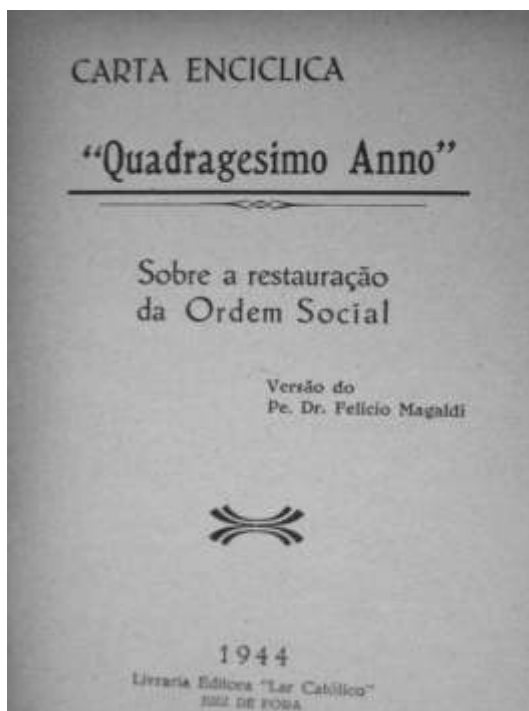
A literatura, destinada aos operários circulistas era composta de livros que serviriam para a formação do seu caráter como cristãos e operários. Entre estes livros,

¹⁹⁹ BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas realizações**. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p.1. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

²⁰⁰ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 15.

destacava-se a encíclica *Quadragesimo Anno*, editada em formato de livro e amplamente distribuída nos núcleos circulistas.

Figura 30.



Fonte: Carta encíclica "Quadragesimo Anno". Arquivo particular de Carla Xavier dos Santos

Como apresentado no capítulo II, esta encíclica, foi emitida em 1931, pelo papa Pio XI, em comemoração ao cinquentenário da *Rerum Novarum*. Aliás, a encíclica, ao contrário dos livros anteriores, não foi editada pela Confederação Nacional dos Operários Católicos e, sim, pela editora *Lar Católico*, que publicava diversas obras católicas.

Este documento apenas se diferenciava de sua linha editorial cristã por acrescentar o símbolo do movimento dos Círculos Operários. No texto, reafirmava as posições do papa Leão XIII sobre a situação social da época e da crise social, porque o mundo passava (conflitos, críticas à situação de miséria e pobreza a que os trabalhadores estavam submetidos em razão de padrões desumanos de trabalhos). Os trabalhadores estavam sendo vítimas da cobiça e de uma concorrência desenfreada da ganância e de leis que haviam abandonado o sentido e os princípios cristãos. Era

necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das “classes inferiores”.

O texto em si, não possuía alteração alguma por ser destinado aos círculos, trazia a restauração do princípio dirigente da economia que se baseava na unidade do corpo social. Esta unidade não poderia basear-se na luta de classes e nas coisas banais que traziam o esquecimento ao caráter social e moral da vida.

Ao lerem esta obra, os operários poderiam, por sua própria conta, interpretar as palavras do papa, todavia era a forma de mostrar ao operário, que de tinha liberdade de pensar e agir, pois era um dos suportes da ação da Igreja junto aos trabalhos. A encíclica, no seu texto, reiterava o repúdio ao comunismo, já anteriormente feito pelos documentos pontifícios que a precederam, e condenou também as praticas subversivas motivadas por esses ideais.

Nessa perspectiva, a Igreja não produzia literatura, como já citado, apenas voltada ao operariado, mas principalmente para os padres e seminaristas, que dariam continuidade aquele trabalho com os círculos, a seguir, analisamos esse material.

4.2 “[...] tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”²⁰¹

Livros da Igreja para a Igreja

O livro *Código Social* foi uma tradução e também edição do Padre Leopoldo Brentano,²⁰² publicado em 1942 pela confederação nacional. Apresentava uma síntese social sob o ponto de vista católico, elaborado a partir das idéias versadas

²⁰¹ Evangelho de Mateus, capítulo 16. v. 18.

²⁰² No livro não consta autor, apenas a nota introdutória da obra está assinada pelo padre Leopoldo Brentano que também faz agradecimento ao senhor Davidoff Lessa e a sua esposa, a senhora Marina C. da Cunha Lessa, pelo auxílio e conhecimento da doutrina social e dos idiomas em questão.

nos estudos sociais e princípios cristãos que formaram, sob o comando do Cardeal Mercier, bispo de Malinas, a União Internacional de Estudos Sociais, que ficou conhecida como União de Malinas.

Este documento, originalmente, foi lançado na Bélgica (Malinas), em 1925. Segundo a nota introdutória de Brentano, era de grande valor, por conter, em poucas páginas, toda a doutrina social cristã que estava exposta nas encíclicas sociais dos papas Leão XIII e de Pio XI, principalmente, por ser uma obra de fácil acesso, que servia tanto para os estudiosos da questão social quanto aos educadores, pais de família, chefes de associações, etc.²⁰³ A seguir, vemos a imagem da capa do *Código Social* na figura nº 31, que apresentava, como os livros anteriores, o símbolo do movimento dos Círculos Operários; porém, com um diferencial, a edição desta obra fazia parte de um conjunto de obras editadas, especialmente, em comemoração ao cinquentenário da encíclica *Rerum Novarum*, como aparece escrito acima do símbolo.

Figura 31.



Fonte: Código Social. Arquivo pessoal de Carla Xavier dos Santos.

²⁰³ **Código Social: esboço de uma síntese social católica.** Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 8.

Conforme o proposto pelo do padre Leopoldo, percebemos a preocupação com a necessidade de estudos voltados à assistência social e pela falta de obras semelhantes feitas no país. Essa carência o teria levado a buscar em estudos estrangeiros e na tradução dessas obras a solução para a lacuna na comunidade católica.

De acordo com *O Código Social*, o Estado seria o administrador do bem comum, como tal, deveria proteger e garantir os direitos individuais e coletivos. Da mesma forma, a relação da Igreja com o Estado era distinta, conforme apresentado no código:

A Igreja e o Estado não têm a mesma finalidade. A Igreja proporcionava aos homens vida sobrenatural da graça, na terra, e a da glória, no céu. O Estado proporciona aos homens paz e progresso temporais. A Igreja e o Estado dispõem, igualmente, de todos os poderes próprios ao fim que desejam atingir. São freqüentes e necessárias as relações entre a Igreja e o Estado, pois governam ambos os mesmos indivíduos no mesmo território e a atividade deles tem certos objetivos comuns.²⁰⁴

De fato, conforme afirmado pelo texto, seriam dois poderes distintos, porém, que atuavam na mesma sociedade, cada um em suas áreas específicas. Por possuírem “todos os poderes”, as relações entre Igreja e Estado eram fundamentais para o governo dos indivíduos e, mesmo sem citá-las diretamente, podemos compreender que para isso os círculos foram criados. Novamente, vemos enfatizada a função dos Círculos Operários como um instrumento agregador das forças espirituais e temporais. Ainda sob este viés, a obra abordava questões como a propriedade privada, a herança, a nacionalização das empresas, a formação dos sindicatos e as greves.

Também abordava a questão do socialismo e do comunismo, como vemos na citação a seguir:

o comunismo visa uma implacável luta de classes e o desaparecimento completo da propriedade privada: por causa razão injusta e ímpia do comunismo, a autoridade pública deve reprimir a sua propaganda e, sobretudo, suprimir os abusos que exaltaram as massas e preparam o

²⁰⁴ *Código Social: esboço de uma síntese social católica*. Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 30.

terreno da revolução. O socialismo é menos intransigente que o comunismo no que toca a luta de classes e a supressão da propriedade e proporciona a esses falsos princípios atenuações mais ou menos notáveis.²⁰⁵

Nessa citação, de enfática crítica, vemos a aceitação do socialismo²⁰⁶ em detrimento do comunismo, que de razão injusta e ímpia, somente causava abusos e revoltas, pela pregação de seus falsos princípios, enquanto o socialismo era considerado menos intransigente.

A crítica ao comunismo não apenas comungava com todo o pensamento da Igreja Católica, expresso ao longo deste trabalho, mas também era o elo mais forte entre o pensamento da instituição com o governo de Getúlio Vargas.

Este documento também abordou as questões relacionadas ao ensino e à educação. Afirmava que a Igreja tinha, em matéria de ensino, direitos transmitidos por seu fundador, que disse: “ensinai a todas as nações”.²⁰⁷ Neste mesmo sentido, afirmou:

A Igreja tem, pois, direito exclusivo de ensinar em público todas as verdades religiosas. Tem também direito próprio de ensinar as matérias filosóficas, históricas e sociais, relacionadas com dogma e a moral.

Quanto aos outros conhecimentos, a Igreja goza do direito que todos os indivíduos e associações, de comunicar a outros a verdade, fundando escolas de todos os graus, elementares, médias, superiores.

Além do mais, tem direito de fundar escolas de todos os graus, a título especial em consequência das relações estreitas e necessárias que há entre ensino profano e religioso entre a instrução propriamente dita e a educação moral e religiosa.²⁰⁸

Ainda neste mesmo enfoque, discorreu:

É preciso que este direito seja consagrado por todas as legislações e que os fiéis contribuíssem para a sua execução pela generosidade e solicitude em assegurar freqüência às escolas católicas e particularmente às universidades católicas. Além disso, nas escolas freqüentadas por seus fiéis, a Igreja tem direito de se certificar de que o ensino de matérias,

²⁰⁵ **Código Social: esboço de uma síntese social católica.** Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 68.

²⁰⁶ Considerando que a doutrina social da Igreja Católica, apresentava pontos de culminância com as propostas socialistas.

²⁰⁷ **Código Social**, op. cit, p. 68

²⁰⁸ **Idem**, p. 18.

mesmo profanas, que se relacionam com dogma e a moral, quando ministrado por professores não escolhidos pela Igreja, não atenta contra as verdades religiosas.²⁰⁹

Conforme os textos apresentados, a Igreja era responsável tanto pela educação pública fornecida pelo Estado (profana) quanto pela particular nas instituições coordenadas pela Igreja Católica (religiosa). Ora, detentora de uma “verdade suprema”, deixava claro, em suas afirmações, a imposição da sua figura no meio educacional, porque seria a única capaz de ensinar “todas as verdades religiosas”, como se o ensino passado aos alunos pelos professores nas escolas não fosse tão verdadeiro quanto os ensinados dentro de uma instituição eclesiástica com religiosos. Convém lembrar que este livro foi publicado em 1942, e os “poderes” da Igreja Católica no Brasil foram suspensos através do artigo 72 da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 24 de fevereiro de 1891. Desse modo, o ensino nas escolas públicas era leigo, e a Igreja não poderia exercer nenhuma forma de atuação, ou imposição nestas instituições. Todavia na Constituição de 1934, a Igreja Católica voltou a ter alguns benefícios, como o casamento e a educação religiosa, porque no artigo 153, da Constituição Federal de 16 de julho de 1934, o ensino religioso seria de frequência facultativa e ministrada de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis, nas escolas públicas, primárias, secundárias, profissionais e normais. Dessa forma, a Igreja contou com o privilégio de ser a religião oficial da maioria da população brasileira, no período. No entanto, a Igreja, segundo esta obra, se via no direito e dever de ampla participação na vida dos seus fiéis, inclusive podia opinar nos ensinamentos ministrados pelos professores, principalmente se estes não tivessem sido escolhidos pela instituição.

Dentre a literatura produzida para os círculos e para o clero, o livro *O clero e a ação social*, também escrito pelo padre Leopoldo Brentano, foi diretamente destinado ao clero, em especial para a formação dos ainda seminaristas, como o próprio autor se referiu na nota introdutória do livro na figura nº 32.

²⁰⁹ **Código Social: esboço de uma síntese social católica.** Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942. p. 18.

Figura 32.



Fonte: O Clero e a Ação Social. Arquivo pessoal de Carla Xavier dos Santos.

Afirmou:

Dirijo-me ao clero secular como regular e aos que nos seminários e casas de formação se preparam para a nobre missão de ‘salvar as bases da fé e da civilidade cristã’. A exposição é de ordem prática, aproveitando a experiência que adquiri, errando muitas vezes em dez anos de ação social e de contato com toda a espécie de obras sociais em todo o Brasil.²¹⁰

Conforme a citação, o padre Leopoldo Brentano partiu de suas experiências pessoais, junto aos movimentos destinados aos trabalhadores, para, assim, poder orientar o clero e os seminaristas. Segundo seu texto, ao desenvolver suas habilidades sacerdotais também para o trabalho operário, isso poderia também ser considerado como uma forma de pedido dele para que o clero também tivesse a mesma atenção para com os operários, ou, pelo menos, que mais religiosos abraçassem a causa, como ele fez por toda a sua vida.

Assim, Brentano afirmou nessa obra:

Sem dúvida, quando se trata de um sacerdote “santamente moderno”, atualizada nos assuntos do dia interessante à religião, cresce o seu

²¹⁰ BRENTANO, Leopoldo. **O clero e a ação social**. Rio de Janeiro: C.O.N.C.,1942. p. 7.

prestígio, sua simpatia e a coragem e entusiasmo dos católicos. O operário em especial, se o padre souber conversar com ele sobre o sindicato, a fábrica, o salário, as condições de trabalho, a máquina, mostrando um pouco interesse, logo lhe abrirá o coração.

Acresce que hoje em dia, mais e mais são regulados os assuntos do trabalho, de modo que todos os sacerdotes e religiosos que ocupam lugar de direção e, portanto, têm que lidar com operários e empregadores.²¹¹

Verificamos neste texto a postura tomada pelo sacerdote que deveria ser de interação com o trabalhador, que, por sua vez, também se faz presente tanto junto ao operário quanto ao seu patrão, para que assim pudesse defender os direitos de ambos, privilegiando a justiça. Tudo dependeria da forma em que os religiosos entrariam em contato com esses trabalhadores, de como abordariam questões de extrema importância em seu meio. São temas não explorados até o lançamento da encíclica *Rerum Novarum*, mas foram amplamente utilizados pelo comunismo, anarquismo e socialismo. Desta forma, Brentano percebeu que não bastavam as encíclicas para que o corpo eclesiástico se alinhasse ao meio operário. Era preciso que estes trabalhadores tivessem confiança nas palavras dos religiosos. Portanto, a fala e a conduta dos padres deveriam ser tão simples quanto era a dos seus “inimigos vermelhos”.

O padre Leopoldo Brentano lembrava as palavras de Leão XIII: “não são tanto os patrões que precisam de defesa, mas sim, os operários, pois os patrões ‘fazem de suas próprias riquezas um baluarte de defesa’”.²¹²

Ainda nesta perspectiva, os seminaristas deveriam ter formação não apenas teórica, mas também, prática de modo que “dedicassem, ardorosamente, suas forças e atividades aos trabalhadores, quando saíssem dos seminários”.²¹³ Por este viés, padre Leopoldo Brentano defendia a presença de um sacerdote devidamente preparado e que tivesse se dedicado aos estudos da ação social, em cada diocese, destinados às obras religiosas e sociais dos operários.

²¹¹ BRENTANO, Leopoldo. **O clero e a ação social**. Rio de Janeiro: C.O.N.C.,1942. p. 17.

²¹² Idem.

²¹³ Idem, p. 18.

Em sua visão, isso se fazia necessário, por julgar importante a promoção do bem e justiça de modo mais intenso em todas as classes da sociedade. A formação social, correspondente aos diversos graus de “cultura intelectual” ampliava, assim, os ensinamentos da Igreja e também a classe operária, pois estes estavam mais vulneráveis aos pensamentos que a instituição católica julgava subversivos, como o do comunismo.

Este livro trazia os anseios do autor, ao mostrar para os demais sacerdotes que deveriam sair das Igrejas, santuários, paróquias, sacristias, sacramentos, pregação, e que fossem ao encontro dos operários, pois não adiantava somente o estudo da ação social, era preciso ir também ao centro do problema, ao salientar, no texto, as palavras dos sumos pontífices Leão XII (“sair da sacristia e ir ao povo com audácia e ardor, para prestar-lhe serviço”) e Pio XI (“ide aos operários, especialmente, ao operário pobre e, em geral, ide aos pobres”).²¹⁴ Usava tanto as palavras dos papas como justificativa quanto versículos da Bíblia, numa tentativa de convencimento dos leitores em relação à necessidade de mobilização e assistência às massas populares. Ainda citou palavras de um protestante: “escreveu Gregoróvius, historiador protestante, portanto insuspeito, que a ‘história da beneficência é a história da Igreja Católica’”;²¹⁵ como instrumento de validação de suas palavras.

Ainda criticou a imprensa católica, “se os jornais e outras publicações periódicas católicas do Brasil e os jornalistas católicos se unissem e coordenassem suas atividades em um plano geral, seriam a maior força da imprensa no país e atingiriam todos os recantos da terra”.²¹⁶ Nessa citação deixou, transparecer a falta de direção dos projetos relativos à imprensa e o mau uso dela. Nesse sentido, em artigo publicado na revista *Vozes*, de Petrópolis, de 1940, o jornalista João Gonçalves de Souza fez referência à imprensa católica que “havia em circulação interrupta 6 diários, uns 250 semanários ou periódicos, além de umas 10 revistas de cultura. Isto a julgar por dados que tinham em mão. A cifra poderia ser muito mais

²¹⁴ BRENTANO, Leopoldo. **O clero e a ação social**. Rio de Janeiro: C.O.N.C., 1942. p. 39.

²¹⁵ Idem, p. 41.

²¹⁶ Idem, p. 28-29.

elevada ainda”.²¹⁷ Dessa forma, através da imprensa, a Igreja pôde alargar seu discurso moral, anticomunista e assistencialista, que reforçava o apoio à intervenção estatal de um governo forte. Era uma imprensa que se coloca como transmissora das idéias cristãs, todavia, segundo o documento, era extremamente, mal utilizada e não servia aos interesses, principalmente, da ação social. No Rio Grande do Sul, houve uma grande expansão da imprensa no período estadonovista, com diversos semanários e diários, difundindo as idéias católicas para os mais diversos segmentos da sociedade gaúcha. Principalmente por incentivo do padre Leopoldo Brentano, que foi escritor freqüente dos jornais e das revistas dos Círculos Operários, no Estado e, posteriormente, em diversos núcleos no Brasil. Por este motivo, fundamentavam-se as críticas do padre, pois poucos diários, ou semanários cristãos eram destinados aos operários. Em sua maioria, eram somente os do movimento circulista.

Entretanto, um dos pontos principais do livro *O clero e a ação social* era a abordagem do referido padre sobre as causas que teriam propiciado a inação do clero no campo social. Padre Leopoldo Brentano avaliou através de sua experiência como sacerdote, voltado aos movimentos operários, três equívocos ou preconceitos fundamentais cometidos ao tratar da ação social. O primeiro consistia no fechamento dos sacerdotes em suas Igrejas, ausentes das necessidades do seu “rebanho”, limitados à emissão dos sacramentos e nas partes mais formais das tarefas clericais, não prestavam a devida atenção àqueles que recebiam esses sacramentos, principalmente aos das camadas mais simples da sociedade, que os recebiam, ou não. O segundo erro listado era o fato de ficarem esperando pela ação dos outros, esperavam que outras pessoas, organizações, associações leigas tomassem para si a função social; aliás, o último equívoco cometido pelo corpo

²¹⁷ SOUZA, João Gonçalves de. “**A imprensa católica em cadeia**”. Vozes de Petrópolis, dezembro de 1940, p. 776. In: GOMES, Pedro Gilberto. **Escola Superior de Jornalismo**. http://www.comunica.unisinos.br/aciesti/arquivos/aciesti/forum/escola_de_jornalismo.doc (26/12/2006-15:06)

eclesiástico seria querer agir, mas para isso, esperavam que o povo fosse ao seu encontro, porém seria o sacerdote que deveria ir de encontro ao seu povo.²¹⁸

Ao explicitar os erros cometidos pela Igreja, o autor assumiu um pensamento “moderno” para uma Igreja que possuía uma ramificação ortodoxa muito forte. Entretanto, mais que modernidade, seu posicionamento seria uma resposta direcionada aos ideais da encíclica *Rerum Novarum* e aos ensinamentos da *Quadragesimo Anno*. Padre Leopoldo Brentano assumiu a ação junto aos operários, como Leão XIII propôs, e foi até o operário como Pio XI ensinou, através dos Círculos Operários, e sua consolidação como movimento católico em prol dos trabalhadores.

Seria no campo das organizações classistas, que segundo o autor, deveria desdobrar-se a atividade do clero²¹⁹, porque era ali que estava a grande massa do povo. Ainda apresentou a seguinte argumentação:

É urgente a ação do clero neste assunto, pois se nos conservarmos apáticos acontecerá o que lemos no “Plano de Ação Sindical”: no Brasil o governo quer e promove a sindicalização e o corporativismo. Vença esta, ou aquela grande corrente, a sindicalização continuará e no Brasil como em toda a parte os salarizados organizados vão ter uma real importância. Se os católicos não se interessarem como até agora, pela organização dos trabalhadores, serão eles sindicalizados por outros (comunistas, socialistas, fascistas, mações liberais, etc.).

Acontecerá, então, que os proletários virão a gozar justas vantagens e influencia, graças a outros, que não são católicos.²²⁰

A dura argumentação feita pelo autor neste texto, reforçou o seu intuito de tentar mostrar que os “proletários” são tão importantes que se os católicos não percebessem, iriam perder uma área de atuação muito importante para a Igreja. Assim deveriam escolher fazer parte desse processo, ou ficar à margem dele. Principalmente, porque segundo o padre Leopoldo Brentano, o governo sindicalizaria os operários, independente da atuação da Igreja²²¹, na tentativa de mostrar que mesmo as ligações com o Estado sendo férteis, ele não deixaria de manter o “controle” sobre os

²¹⁸ BRENTANO, Leopoldo. **O clero e a ação social**. Rio de Janeiro: C.O.N.C., 1942. p. 47.

²¹⁹ Idem. p. 85.

²²⁰ Idem, p. 90.

²²¹ Idem.

movimentos operários, que esperava pela atuação dos religiosos, dessa forma, poderia, perfeitamente, aliar-se com outras ideologias, que não a cristão, para isso.

Este documento referiu-se ao movimento circulista como a grande solução para todos os problemas em relação ao “mundo do trabalho”. Um dos frutos da célebre encíclica *Rerum Novarum*, no Brasil, foram às organizações circulistas em todo o país. A organização dos Círculos Operários, segundo padre Brentano, seria a forma mais eficaz de combater o comunismo que se espalhava, não só pelo país, mas internacionalmente. Assim, fazia-se necessário um movimento operário católico. Além disso, era preciso um movimento forte o bastante, para além de conter as investidas dos ideais vindos do marxismo, unifica todos os movimentos destinados aos operários espalhados pelo Brasil, conforme citado, anteriormente, no capítulo II. Promoveu, por todo o Brasil, recomendações generalizadas, expressivas e de caráter prático com participação do clero, do governo, dos intelectuais, da imprensa e das classes trabalhistas.²²²

Padre Leopoldo Brentano concluiu:

Concluindo, podemos afirmar, sem exagero, que, no Círculo Operário, o clero, principalmente, o que paróquia em zonas mais, ou menos operárias, encontra um meio relativamente fácil de acudir ao apelo do papas: “Ide ao povo, ide ao pobre, para lhes prestar serviços e trazê-lo a Cristo”. No C.O. o padre, com relativamente pequeno dispêndio de tempo, presta, auxiliado pelos chefes e dirigentes, serviços variados ao povo, põe-se desta maneira em contato com ele, conquista-lhe o coração e abre um vasto campo para desempenho de sua missão espiritual. E esta tarefa se lhe facilita cada vez mais, à medida que o movimento circulista de serviços sociais bem articuladas entre si e transformando o ambiente operário.²²³

Conforme a citação, o autor buscou as palavras de Pio XI, para tentar chegar ao coração e ao bom censo dos eclesiásticos. Ao chamá-los para irem ao povo, aos que, realmente, precisariam dos olhares atentos da Igreja Católica. Era a tentativa de trazer o clero, não só para trabalho e convívio com os trabalhadores, mas padre Brentano tentava, com suas atitudes, atrair a atenção do clero, para que seguissem as palavras dos sumos pontífices.

²²² BRENTANO, Leopoldo. **O clero e a ação social**. Rio de Janeiro: C.O.N.C.,1942. p. 98.

²²³ Idem, p. 100.

Capítulo V

“... todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó”²²⁴

Considerações Finais

O período do governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945) foi considerado um dos períodos de maior agitação da História do Brasil. Getúlio Vargas foi levado ao governo da nação com a Revolução de 30, enfrentou a Revolução Constitucionalista (1932), a Intentona Comunista (1935), deu o golpe do Estado Novo (1937), manteve-se no poder, entrou na Segunda Grande Guerra Mundial (1942), e por fim foi deposto, em 1945. Deu-se por encerrado o primeiro governo de Getúlio Vargas.

Nesse cenário, se desenrolou a aliança entre dois poderes, o espiritual da Igreja Católica e o temporal do governo do presidente Getúlio Vargas. A Igreja, que não era mais considerada a religião oficial do Brasil desde a proclamação da República, passou as primeiras décadas do século XX na tentativa de recristianizar a sociedade, e para isso ela contou com movimentos laicos. O governo varguista tomou o poder em 1930, e permaneceu por 15 anos no poder. Com um rastro de polêmica, muitos o consideraram um ditador, outros, um político sensível à questão social, mas não deixou as pessoas indiferentes ao seu governo.

Esses dois poderes não foram totalmente harmônicos, muitas vezes se confrontaram, todavia, a aliança entre o Estado e a Igreja, prevalecia, em outras palavras, os interesses que os uniam eram mais importantes do que qualquer divergência, principalmente por possuírem amigos e inimigos em comum.

A Igreja Católica uniu-se ao Estado getulista para se manter atuante junto à sociedade brasileira, para difundir os ideais católicos e impedir o desenvolvimento dos pensamentos comunistas, fascistas, socialistas e a atuação, ou o reconhecimento, de outras religiões no país. Já o governo, em especial durante o Estado Novo, viu na

²²⁴ Eclesiastes, capítulo 3, v. 20.

Igreja a possibilidade de um aliado forte, por contar com muitos fiéis, inimigos em comum, como o comunismo, mas, principalmente, havia em comum a questão dos trabalhadores brasileiros. As bases religiosas dessa questão vinham das encíclicas de Leão XIII e Pio XI, que reivindicavam melhores condições para os trabalhadores. Já por parte do Estado, o desenvolvimento da Igreja nesta questão, possibilitaria o controle do meio operário, para que, assim, se pudesse acabar com as revoltas, com as greves e qualquer forma de subversão da ordem nacional.

A fundação dos Círculos Operários veio com o intuito de assistir aos trabalhadores brasileiros nas áreas de saúde, educação, moradia, entre outros benefícios, além de uma formação cristã e patriota. Os círculos aglutinaram pessoas das mais variadas etnias, das diversas regiões do Rio Grande do Sul e, posteriormente, do Brasil. E o trabalho de cada núcleo se refletiu sobre a comunidade, ao cumprir seus estatutos e o manual do movimento, pois cada um atuou mais significativamente em alguma área específica. Por exemplo, o C.O.C desenvolveu mais a área da saúde, o C.O.P, a área da habitação, o C.O.P.A. o ensino profissionalizante. Assim, durante o Estado Novo, os Círculos Operários se desenvolveram-se muito, e não só em quantidade de núcleos, mas em capacidade física e financeira. Para o operário que procurava os Círculos, era a oportunidade de superar as dificuldades e proporcionar para sua família, não só assistência fornecida pelos círculos, mas também atividades de lazer e convívio em um grupo social sadio e sem um jogo político explícito a permear seus lares.

As relações entre a Igreja Católica e o Estado Novo passavam pelos Círculos Operários. A apologia ao governo e à figura do presidente Getúlio Vargas estava presente desde o Estatuto Circulista, de cada núcleo, até as paradas cívicas e religiosas, nos discursos e pronunciamentos aos trabalhadores, feitos pelos padres tanto no estado gaúcho quanto nos outros Estados da Federação.

Entretanto, o discurso era muito diferente da prática. Tão implacável quanto a batalha anticomunista, foi a pró-operário enfrentada pelo idealizador e fundador do movimento circulista, padre Leopoldo Brentano, porque, simplesmente, os padres não

estavam preparados para atuar junto aos trabalhadores. Existia um abismo entre eles. Desse modo, Brentano teve de “catequizar” os operários e os religiosos. Quiçá o maior desafio enfrentado pela Igreja, para chegar aos trabalhadores foi a conscientização do seu próprio corpo eclesiástico, para que se interessasse e reconhecesse a devida importância de sua participação no meio operário.

Quem participava plenamente do “mundo do trabalho” foi o próprio padre Leopoldo Brentano, que, muitas vezes, foi taxado de comunista, por ser um verdadeiro apaixonado pelo trabalhador. Ele queria cristianizar o trabalho, como estava escrito na encíclica *Rerum Novarum*, e reforçada na *Quadragesimo Anno*, e não querendo subverter a ordem. Porém, a Igreja estava mais vinculada às classes mais elevadas de nossa sociedade e deixavam à margem os trabalhadores, como o próprio governo o fez durante muito tempo.

Este movimento de trabalhadores cristãos não era apenas um movimento de repressão, era um movimento composto de pessoas com rostos, nomes, histórias, e isso não fazia parte da politicagem da época. Sujeitos que acreditavam nos ideais do movimento, que desfilavam em fileiras ordenadas no Dia do Trabalho, depois de horas de viagem até a capital gaúcha, apenas pelo orgulho de saudar a nação, elas representavam os Círculos Operários. Pois, do núcleo de Pelotas, por exemplo, até o núcleo de Fortaleza tinham a mesma linguagem, os mesmos interesses e as mesmas posturas se refletiam uns nos outros.

Na comunidade circulista, destacaram-se entre os eclesiásticos, além do padre Brentano, o padre Inácio Valle, que sonhava com a fundação da sua Universidade do Trabalho, que possibilitaria uma formação adequada aos trabalhadores e, com isso, melhores empregos e o ensino de ofícios dignos aos jovens. O Padre Valeta, que era tão apaixonado pelo Círculo Operário quanto pela comunidade caxiense, tornou-se um dos ícones da cidade. Estes homens de batina foram os exemplos para todos os assistentes eclesiásticos do Brasil. Os padres Valeta e Valle prepararam e ajudaram na fundação da maioria dos Círculos Operários do Estado, juntamente com Brentano. Este, no início do governo do Estado Novo, foi convidado por Dom Sebastião Leme, e

apoiado pelo presidente Getúlio Vargas, para assumir a coordenação da Confederação Nacional dos Operários Católicos, unificando na bandeira e nos ideais circulistas os operários cristãos.

Assim, padre Leopoldo Brentano, ao assumir a confederação, promoveu a edição de uma série de livros destinados aos operários circulistas, para serem condutores e normatizadores do pensamento de todos os Círculos Operários. Entre essas literaturas havia algumas diretamente destinadas ao clero. Brentano incentivou através do livro *O clero e a ação social* a aproximação entre operários e clérigos. Expôs suas experiências, no meio dos trabalhadores, sua visão “moderna” em relação à Ação Social, mas, principalmente, mostrou suas críticas em relação à Igreja Católica, ao apontar seus erros e nas discriminações introjetados nos religiosos desde o seminário.

Portanto, com o fim do governo de Getúlio Vargas, em 1945, a aliança com o clero se desfez. A Igreja Católica não mais deteria os mesmos privilégios políticos, ainda que contasse com o auxílio dos movimentos laicos, de intelectuais e políticos católicos, seu trânsito político no governo presidencial acabou. Porém, os Círculos Operários não morreram. Ao contrário da opinião de alguns pesquisadores, este movimento não acabou com o fim do governo estadonovista - seria incoerência tal afirmação. Pois os círculos possuem, ainda hoje (ano de 2008, pelos dados da Confederação Brasileira dos Trabalhadores Circulistas), 156 entidades circulistas em todo o Brasil, sendo 45 na região sul do país, e dessas, 40 se encontram no Rio Grande do Sul. São detentores de diversas propriedades, entre prédios, teatros, padarias, quadras cobertas para diversos esportes, casas para idosos, escolas, escolas profissionalizantes, propriedades cedidas para suas comunidades, clínicas odontológicas, clínicas de saúde, farmácias, um hospital, entre outros.

Não podemos ficar indiferentes, ainda hoje, a toda a trajetória deste movimento, por se ter privilegiado para este estudo apenas um pequeno recorte temporal (1937 a 1945) de sua história. Consideramos que sucumbiu junto com o Estado Novo apenas o movimento de pressão, repressão, normatizador e condutor

do pensamento da Igreja Católica, ao operariado, e de sua política partidária ao governo como sua visibilidade política.

O silêncio que paira sobre a História dos Círculos Operários vem da falta de enquadramento deste movimento, pois não mais se encaixava entre os movimentos operários nem entre os movimentos católicos, ficava assim, à margem da História do Brasil.

Concluimos este estudo com o desejo de que ele possa ser o ponto de partida para outros estudos por parte de outros pesquisadores, que venham complementá-lo, criticá-lo, questioná-lo, superá-lo. Porque só desta forma, através do olhar e das inquietudes dos historiadores, o silêncio que paira sobre os Círculos Operários vai desaparecer. Desta forma, as lacunas vão sendo preenchidas, e o militante circulista vai poder ver-se dentro da História de sua nação, pois conhecerá sua própria história.

Fontes e Referências Bibliográficas

I - Bibliografias Utilizadas

A REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional / Brasília: Ed. Universidade de Brasília, c1982. 722p. il. (Coleção Temas Brasileiros: 54) Seminário sobre a Revolução de 1930 / Organizado pelo CPDOC. Rio de Janeiro, 22-25 set.1980.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AMARAL, Deivison Gonçalves. **Confederação Católica do Trabalho: práticas discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930).** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Belo Horizonte: PUCMG, 2007.

BARRETO, Álvaro. **Propostas e contradições dos círculos operários.** Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 1995.

BATISTELLA, Alessandro. **Entre a Cruz e o Martelo: as disputas político-ideológicas entre comunistas e católicos no movimento operário de Passo Fundo na década de 1930.** Artigo cedido pelo autor.

BATISTELLA, Alessandro. **O movimento operário e sindical em Passo Fundo (1900-1964): história e política.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Passo Fundo, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAIMARI, Lila. **Perón y la Iglesia católica. Religión, Estado y sociedad en la Argentina (1943-1955).** Buenos Aires: Ariel, 1995.

CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário.** São Paulo: Ática, 1989.

CARONE, Edgard. **O pensamento industrial no Brasil (1880-1945)**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 1982.

COLUSSI, Eliane Lucia. **Estado Novo e municipalismo gaúcho**. Passo Fundo:EDIUPF, 1996.

COUTROT, Aline. **Religião e política**. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2003.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Estado, classe trabalhadora e políticas sociais**. IN:

DIEHL, Astor Antonio. **Estado Novo: corporativismo e círculos operários**. Estudos Ibero-americanos, v.13, n.1, 1987 Porto Alegre. EDIPUCRS. p.19-35 .

DIEHL, Astor . **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FENOCCHI, Rodolfo. **Círculo Católico. 120 Años acompañando el desarrollo del país**. Montevidéo: s/ed. 2005.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Olavo Leonel. **500 anos de História do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2005.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **O trabalhador brasileiro**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. p. 154.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ISAIA, Artur César. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

JULIA, Dominick. **A Religião: História Religiosa**. In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1978.

LAUSCHNER, Roque. **A nova carta dos princípios doutrinários e programáticos do movimento circulista e a Doutrina Social da Igreja**. In: SCHÜHLY, Günther. KÖNIG, Hans-Joachim. SCHNEIDER, José Odelso. (Org). **Consciência social: a história de um processo através da doutrina social da igreja**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomares. **O populismo sindical: um conceito em questão**. In: REIS, Elisa. ALMEIDA, Maria H. Tavares de. FRY, Peter. **Política e Cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MENEZES, Carlos Alberto de. **Ação social católica no Brasil. Corporativismo e sindicalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPp, 1990.

PAIXÃO, Dinara Xavier. **Padre Ignácio Valle S.j. e a devoção à Nossa Senhora de Medianeira**. Santa Maria: Palloti, 2003.

PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

RAUSCH, Urbano. **Uma vida dedicada ao Círculo Operário. Brasília.** Brasília: CBTC, 2003.

RECALDE, Héctor. **La Iglesia y la cuestión social (1874-1910).** Buenos Aires: C.E.A.L.,1985.

RÉMOND, René. **O retorno do político.** In: CHAUVEAU, Agnès &TÉTART, Philippe (org). **Questões para a história do presente.** Bauru/SP, EDUSC, 1999, pp. 51-60.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROLLET, Henri. **O trabalho, os trabalhadores e a Igreja.** São Paulo: Editora Flamboyant. 1963.

SHEMES, Claudia. **Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955).** Nova Hamburgo: FEEVALE, 2004.

SILVA, Carla Luciana. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934).** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SCHNEIDER, José Odelso. **Identidade Circulista.** Artigo fornecido pelo próprio autor.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

SOUSA. Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários e a invenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil: uma discussão historiográfica.** 2005.

http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/jessie_jane_circulos.pdf (29/04/2007- 03h: 09 minutos).

SOUZA, Rogério Luiz de. **As Imagens do Renascer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945).** FRONTEIRAS: Revista Catarinense de História. Florianópolis, n.11, 2004.

SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma nova civilização brasileira: o projeto católico e o paradigma modernizador no período Estado-Novista.** Anais da XXII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba: SBPH, 2003.

TRINDADE, Helgio. **Integralismo: teoria e práxis - política dos anos 30.** In: p. 373-375. FAUSTO, Boris. (org). O Brasil Republicano, vol. 3: Sociedade e política 1930-1964. Rio de Janeiro: Bertand, 1991.

VALLE, Michel, Azucena del. **Del “Círculo Obrero de San José” a la sindicalización en los inicios del peronismo salteño.** *Revista Escuela de Historia.* (Salta): año 6, v. 1, nº 6, 2007.

VARGAS, Getúlio. **A Nova Política do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1938.

VIAN, Antônio Valdir. **Novo sindicalismo: crise e perspectivas na sociedade brasileira contemporânea.** Santo Ângelo, Dissertação (Mestrado em História), URI/UNISINOS, 2002.

II – Livros, Teses, Dissertações, etc.

ABRÃO, Janete. **Pesquisa em História.** Porto Alegre, EDIPUC, 2002.

ABREU, Luciano Aronne de. **Vargas: nova diretriz política para o Rio Grande.** Estudos Ibero-Americanos, v.22, n.1, 1996. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 77-93.

AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA. **História da classe operária no Brasil: idade difícil (1920-1945).** 3º Caderno. São Paulo: Edições Loyola, 1978.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AMARAL, Deivison Gonçalves. **Confederação Católica do Trabalho: práticas discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930).** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Belo Horizonte: PUCMG, 2007.

AMARAL, Sandra Maria do. **O teatro do poder: as elites políticas no Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo.** Tese (Doutorado em História) Porto Alegre: PUCRS, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Classe Operária, Sindicatos e Partidos no Brasil: um Estudo sobre a Consciência de Classe, da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1988.

AZZI, Riolando. Org. **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983.

BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendent**s. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, ÁLVARO. **O movimento operário riograndense e a intervenção estatal: a FORGS e os Círculos Operários (1932-1935)**. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

BARRETO, Álvaro. **Propostas e contradições dos círculos operários**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 1995.

BATISTELLA, Alessandro. **O movimento operário e sindical em Passo Fundo (1900-1964): história e política**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, 2007.

BELLINTANI, Adriana Iop. **Conspiração contra o Estado Novo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BILHÃO Isabel. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário (Porto Alegre 1906-1911)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BODEA, Miguel. **Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1990.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Constelação Capanema: intelectuais e políticas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BURKE, Peter (org). **Escrita da História: novas perspectivas**. Pão Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAIMARI, Lila. **Perón y la Iglesia católica. Religión, Estado y sociedad en la Argentina (1943-1955)**. Buenos Aires: Ariel, 1995.

CAMACHO, Ildefonso. **Doutrina Social da Igreja – Abordagem histórica**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

CAMPOS, Francisco. **O Estado Nacional: sua estrutura e seu conteúdo ideológico**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: a polícia da era Vargas**. Brasília: UNB, 1994.

CARONE, Edgard. **Brasil: anos de crise 1930-1945**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Estado Novo: 1937- 1945**. São Paulo: DIFEL, 1976.

_____. **O pensamento industrial no Brasil: 1880-1945**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 1982.

COLUSSI, Eliane Lucia. **Estado Novo e municipalismo gaúcho**. Passo Fundo:EDIUPF, 1996.

COUTROT, Aline. **Religião e política**. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2003.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Edusp, 2002.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Estado, Classe trabalhadora e políticas sociais.** IN: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 215-239.

DIAS, Romualdo. **Imagens da Ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922/1933).** São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1996.

DIEHL, Astor Antonio. **Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964).** Dissertação (Mestrado em História)-PUCRS, Porto Alegre, 1986.

_____. **Círculos Operários no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. **Estado Novo: corporativismo e círculos operários.** Estudos Ibero-americanos, v.13, n.1, 1987 Porto Alegre. EDIPUCRS.

DINIZ, Eli. **O Estado Novo: Estrutura e poder, relações de classes.** IN: FAUSTO, Boris.(org) **O Brasil Republicano, vol. 3: Sociedade e política (1930-1964).** São Paulo: Difel. (História Geral da Civilização Brasileira, tomo III). 1996. p. 78-120.

DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário: o imaginário político no Brasil dos anos 1930.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 6º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FENOCCHI, Rodolfo. **Círculo Católico. 120 Años acompañando el desarrollo del país.** Montevidéo : s/ed. 2005

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coordenação); ABREU, Alzira Alves de [et al]. **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FIGUEIREDO, Rafael Dalla Rosa. **A comemoração do 1º de maio desenvolvida pelo COP, no período de 1930 a 1945**. História em Revista 7. Pelotas: UFEPEL. Dezembro 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Getúlio Vargas e outros ensaios**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

FOLLMANN, José Ivo. **Igreja, ideologia e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

GERTZ, René E.. **Catolicismo social no Rio Grande do Sul: a união popular**. Veritas (Porto Alegre), v.37, n.148, 1992 . p.553-579.

_____. **D.João Becker e o Nacionalismo**. Estudos Leopoldenses. Série História, v.3, n.2, 1999. São Leopoldo. p.155-175.

_____. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2005.

_____. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **Burguesia e trabalho: política e legislação social no Brasil 1917-1937**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

_____. **O trabalhador brasileiro**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. Estado Novo: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. p. 151-166

_____. **O redescobrimento do Brasil**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1982. p. 109-150.

_____. **Invenção do Trabalho**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. **História e historiadores: a política cultural do estado novo.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. **Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Velhos Militantes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

HAMMES, Roque. **Igreja católica, sindicatos e movimentos sociais.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era dos Impérios 1875-1914.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

IGLÉSIAS, Francisco. **História e ideologia.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

ISAIA, Artur César. **A ação brasileira de renovação social: contexto e ideário de um movimento católico no Rio Grande do Sul.** (In) Teocomunicação, v. 24, 1994. Porto Alegre. p. 679-683.

_____. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. **Catolicismo e desenvolvimento varguista: nexos do apoio da arquidiocese de Porto Alegre ao estado brasileiro no período pós 1930.** . Estudos Ibero-Americanos, v.19, n. 2, 1993. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 93-106.

ISMÉRIO, Clarisse. **Igreja e nacionalismo: o movimento renovador da cristandade (1930-1945).** Tese (Doutorado em História), PUCRS. Porto Alegre, 1999.

JULIA, Dominick. **A Religião: História Religiosa.** In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre (org.). **História: novas abordagens.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1978.

KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. **Os trabalhadores e o Estado Novo no Rio Grande do Sul: um retrato da sociedade e do mundo do trabalho (1937-1945).** Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2006.

LAUSCHNER, Roque. **A nova carta dos princípios doutrinários e programáticos do movimento circulista e a Doutrina Social da Igreja.** In: SCHÜHLY, Günther. KÖNIG, Hans-Joachim. SCHNEIDER, José Odelso. (Org). *Consciência social: a história de um processo através da doutrina social da igreja.* São Leopoldo: Unisinos, 1994.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política.** Campinas: Papyrus, 1986.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Política e Igreja: partido católico no Brasil, mito ou realidade.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.

_____. **Os bispos do Brasil e a imprensa.** São Paulo: Ed. Loyola/CEPEHIB, 1983.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985).** São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARCHI, Euclides. **Igreja e Estado: a construção da concórdia.** Estudos Ibero-Americanos, v.19, n. 2, 1993. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 55-67.

MARÇAL, João Batista. **A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: s/edit, 2004.

MARQUES, Rita de Cássia. **Da romanização a terceira via: a Igreja no Brasil de 1889 a 1945.** Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1995.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MATOS, Henrique C. J. **“Da ‘Rerum Novarum’ (1891) à ‘Centésimus Annus’ (1991): 100 anos de evolução da Doutrina Social da Igreja”.** Revista Eclesiástica Brasileira, v.51, n. 204, 1991. p.771-802.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardam a implantação da imprensa no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MENEZES, Carlos Alberto de. **Ação social católica no Brasil. Corporativismo e sindicalismo.** São Paulo: Edições Loyola, 1986.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Educação (Porto Alegre), v.22, n.37, 1999. p.7-31.

MORIN, Violette. **Aplicação de um método de análise da imprensa**. São Paulo: Esc. De Comunicação e Artes/USP, 1970.

MURARO, Valmir Francisco. **Juventude operária católica (JOC)**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

OLIVEIRA, Paulo de. **Círculos operários: de Brentano a Rausch: testemunho e propostas**. Brasília: CBTC, 2000.

PAIXÃO, Dinara Xavier. **Padre Ignácio Valle Sj. e a devoção à Nossa Senhora de Medianeira**. Santa Maria: Palloti, 2003.

PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do Movimento Operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

RAUSCH, Urbano. **Uma vida dedicada ao Círculo Operário. Brasília**. Brasília: CBTC, 2003.

RECALDE, Héctor. **La Iglesia y la cuestión social (1874-1910)**. Buenos Aires: C.E.A.L.1985.

REIS, Elisa. ALMEIDA, Maria H. Tavares de. FRY, Peter. **Política e Cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

RÉMOND, René. **O retorno do político**. In: CHAUVEAU, Agnès & TÉTART, Philippe (org). **Questões para a história do presente**. Bauru/SP, EDUSC, 1999, pp. 51-60.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODEGHERO, Carla Simone. **Viva o Comunismo X Viva o Cristo Rei: Um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais**. Estudos Ibero-Americanos, v.32, n.1, 2006. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 157-173.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Sindicalismo e classe operária (1930-1964)**. IN: FAUSTO, Boris.(org) **O Brasil Republicano, vol. 3: Sociedade e política (1930-1964)**. São Paulo: Difel. (História Geral da Civilização Brasileira, tomo III). 1996. p. 508-556.

ROLLET, Henri. **O trabalho, os trabalhadores e a Igreja**. São Paulo: Flamboyant, 1963.

SANTOS, Carla Xavier. **Paternalismo Cristão: o movimento dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul, durante o Estado Novo, através da imprensa escrita**. Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos (6. : 2006 : Porto Alegre, RS) Anais [recurso eletrônico] / 6. CIEIA ; org. Charles Monteiro, Helder Volmar Gordim da Silveira, Maria Cristina dos Santos. - Porto Alegre : PUCRS, 2006.1 CD-ROM.

SCHNEIDER, Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativista**. São Leopoldo: Perspectiva Econômica, vol.26, nº 72-73, cooperativismo 29-30, 1991.

_____. **O operário brasileiro e os Círculos Operários**. Síntese Política Econômica Social. N. 27 Julho-Setembro. Rio de Janeiro. 1965. p.40-65.

SCHÜHLY, Günther; KÖNIG, Hans-Joachim; SCHNEIDER, José Odelso. **Consciência Social. A história de um processo através da Doutrina Social da Igreja**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.

SCHWARTZMAN, Simon. Org. **Estado novo, um auto-retrato: Arquivo Gustavo Capanema**. Brasília: UNB, 1982.

SHEMES, Claudia. **Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)**. Nova Hamburgo: FEEVALE, 2004.

SILVA, Carla Luciana. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco: 1930-1964**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

SOUZA, Rogério Luiz de. **As imagens do renascer: catolicismo e ideal nacional (1930-1945)**. Fronteiras: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.11, 2004, p.31-43.

_____. **Uma nova civilização brasileira: o projeto católico e o paradigma modernizador período estado-novista**. In: Anais da XXII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba: SBPH, 2003, p.195-198.

_____. **Uma raça mista, uma sociedade homogênea: o projeto étnico do catolicismo em Santa Catarina**. Fronteiras: Revista de História, Florianópolis, n. 7, 1999, p. 73-88.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Andréa Sanhudo. **Imprensa: política e cidadania**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

TRINDADE, Helgio. **Integralismo: teoria e práxis- política dos anos 30**. In: FAUSTO, Boris.(org) **O Brasil Republicano, vol. 3: Sociedade e política 1930-1964**. Rio de Janeiro: Bertand, 1991. p. 299-335.

_____. **A Nova Política do Brasil: Ferro, Carvão e Petróleo**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1941.

_____. **A Nova Política do Brasil: O Brasil na Guerra**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1944.

VALLE, Michel, Azucena del. **Del “Círculo Obrero de San José” a la sindicalización en los inicios del peronismo salteño.** Revista Escuela de Historia. (Salta): año 6, v. 1, n° 6, 2007.

VIAN, Antônio Valdir. **Novo sindicalismo: crise e perspectivas na sociedade brasileira contemporânea.** Santo Ângelo, Dissertação (Mestrado em História), URI/UNISINOS, 2002. p. 80.

III – Fontes Documentais

BRENTANO, Leopoldo. **20 Anos do Círculo Operário Porto Alegrense.** Copa em Revista. Porto Alegre, n. 24. 1954.

BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários. Sua origem, sua organização, suas realizações.** Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p.2. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

BRENTANO, Leopoldo. **Modelo dos Estatutos para Círculos Operários.** C.N.O.C., 1941.

BRENTANO, Leopoldo **Manual do Círculo Operário.** Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C - V, 1942.

BRENTANO, Leopoldo. **O clero e a ação social.** Rio de Janeiro: C.O.N.C.,1942

Cartilha Circulista. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C.- VIII, 1942.

Código Social: esboço de uma síntese social católica. Rio de Janeiro: C.N.O.C., 1942.

LEÃO XIII. **Sobre a Condição dos Operários: “Rerum Novarum”.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1950.

PIO XI. **Carta Encíclica Quadragésimo Anno. Sobre a restauração da ordem social.** Juiz de Fora: Editora Lar Católico, 1944.

Telegrama destinado ao senhor Oswaldo Aranha, por sua mãe, de 9 de julho de 1938. AOA. Ref. AO 38.07.09. CPDOC/FGV-RJ.

VARGAS, Getúlio. **Estado Novo e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: S.I.P.S., de 18 de julho de 1939. Ref. AGV. GV-95f. CPDOC/FGV-RJ

IV – Fontes Oraís

PICOLLI, João Davi Picolli. **Círculo Operário Bento-Gonçalvense**. [setembro de 2006] *Círculo Operário Bento-Gonçalvense*, São Marcos. Ex-assistente eclesiástico do *Círculo Operário Bento-Gonçalvense*.

RUDUITE, Osvaldino. **Os Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945)**. [24 de setembro de 2007] Carla Xavier dos Santos, Porto Alegre. Ex-presidente do *Círculo Operário Porto-Alegrense*.

VALETA, Ernesto. **O passado contado hoje por padre Mânica, aos 83 anos**. Entrevista a *Círculo em Revista*. Comemorativa aos 60 anos do COC. Caxias do Sul. Setembro /Outubro, Ano I, n. 03, 1994.

V - Jornais e Revistas

BAREA, Dom José. **Discurso durante missa festiva celebrada por S. Excia. na intenção do sr. Presidente da República, no dia de seu aniversário natalício em 19 de abril, na presença de autoridades civis e militares e de grande multidão de povo**. *Unitas*, Porto Alegre, ano XXXI, n. 3-4, 1942.

BECKER, D. João. **Discurso**. *Estrela do Sul*, Porto Alegre: maio de 1939.

BECKER, João. **Discurso**. *Unitas*, Porto Alegre, ano XXVIII, n. 1-3, 1939.

BECKER, João. **1 de Maio, Missa Campal no Parque Farroupilha**. *Unitas*, Porto Alegre, ano XXVIII, n. 11-12, 1939.

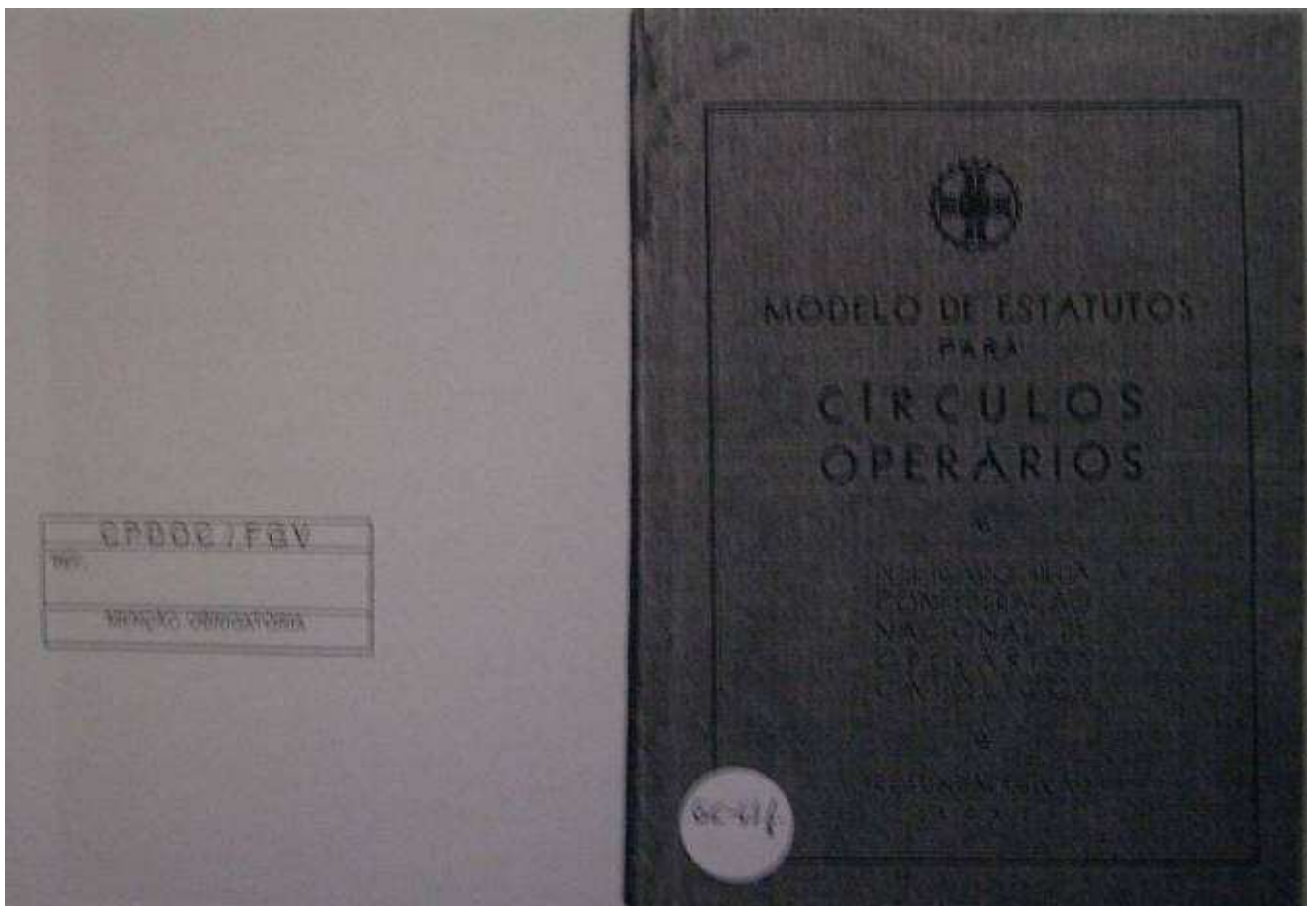
Hino dos Círculos Operários. *O Trabalho*, 14 de dezembro de 1937. p. 01

Nossa Bandeira e Distintivo. *O Trabalho*. Porto Alegre, 1938. p. 1

Primeiros Benefícios. In. *Círculo em Revista. Comemorativa aos 60 anos do COC*. Caxias do Sul. Setembro/Outubro, Ano I, n. 03, 1994.

ANEXOS

Modelo de Estatuto para Círculos Operários de 1941.



Col. 111

Regulamento dos Discentes Estatutos
 (ACADEMIA)
 N. 19.458 | Do Protocolo

Apresentado, hoje, para registro integral e apontado no Protocolo, sob o nº de ordem 19.458. Dou-lhe, Fortaleza, 9 de Outubro de 1940.

O Cel. do Registro

Castelo Despendente Brasil

Registrado, hoje, as folhas 228/231 do competente Livro n. 1 de Passos Jurídicos, sob o número de ordem 205. Dou-lhe, Fortaleza, 9 de Outubro de 1940.

O Cel. do Registro

Castelo Despendente Brasil

ESTATUTOS DO CÍRCULO OPERÁRIO DE

AFILIADO A FEDERAÇÃO DOS CÍRCULOS
OPERÁRIOS DE ... DA CONFEDERAÇÃO
NACIONAL DE OPERÁRIOS CATÓLICOS

APROVADOS EM SESSÃO DE ASSEMBLÉIA
GERAL REALIZADA EM ...



SEDE: indicar endereço exato
 LOCALIDADE: _____
 DATA: _____

OPDCC/An. 170
 Paraíba - Caçula Vargem

~~7580/83~~

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

- 1 — É importante saber que a redação atual do estatuto-modelo é fruto da experiência de quasi dez anos que se está em uso nos Círculos espalhados pelo Brasil todo. Aos poucos, foi sendo completado no conteúdo e elaborado na forma, com a colaboração dos que o foram adaptando às circunstâncias locais.

Seguido, é, pois, uma garantia para acertar, além da grande vantagem de conseguirmos também neste ponto uma certa uniformidade entre os Círculos, tão importante nos dias de hoje em que a mudança, também do trabalhador, de uma localidade para outra, se torna cada vez mais fácil e muitas vezes necessária.

O que em todo o caso é possível e deveria observarse é a ordem dos capítulos e o seguimento dos assuntos em geral. Quanto aos termos e expressões notamos que foram recolhidas visando exatidão e concisão. Tratando-se de pontos cuja especificação depende das circunstâncias locais ou da determinação da Assembléa, o estatuto-modelo deixou marcado com pontos a parte a preencher.

- 2 — Quanto ao programa contido no capítulo I e mais desenvolvido no cap. XII está calculado no que os Círculos dos grandes centros possam fazer. Entretanto, contém que todos digam, "quidam quidam, o

princípio referenciado no programa, é, que este seja visto como um dos pontos no gráfico dos Círculos. Os Círculos de pequeno raio de ação só poderão, portanto, o que fica de toda linha de progresso ou de desenvolvimento. Os Círculos devem acrescentar algo de mais de ação ao Manual do Círculo Operário (pag. 46) sobre a assistência ao trabalhador rural.

Um programa tanto é um bom estímulo quanto as promessas utópicas do marxismo e nazismo, etc., sempre as dirigidas à atividade realizadora e edificadora, impedindo a fossilização, e facilitando a propagação, podendo dizer-se que tal ponto já foi realizado em toda a sua extensão.

- 3 — A regulamentação necessária referente a artigos, máximas, à Caixa de Socorro Mútuo (Caixa Beneficente) não deveria figurar no corpo dos estatutos a não ser em termos gerais, ficando-lhes a especificação em regulamento à parte. Isto por dois motivos: I — Nos estatutos qualquer alteração, mesmo no valor das contribuições, exige resolução em Assembléa Geral e reforma do registro ou de outras atribuições. Ora, é justamente no regulamento destes departamentos que mais é necessário se fazerem tais alterações. Ao contrário, uma regulamentação de seção não há esta complicação (1). II — Não incluindo no corpo dos estatutos as disposi-

ções sobre mutualismo, evita-se a impressão de que o C. O. seja uma mera sociedade beneficente de auxílio material. É isto justamente que faz frustrar a atenção ampla de certos Círculos no ambiente social.

Os CC. OO. como realização das entidades sociais têm o aspecto integral de organismo, incluindo a parte instrução-educativa como mais importante, pois é condição e início de seu desenvolvimento e melhoria.

- 4 — As diretrizes sobre a atuação e colaboração dos CC. OO. com o Ministério do Trabalho e os órgãos e de coordenação, em especial da organização sindical corporativa, encontram-se elaboradas em um plano de ação especial destinado particularmente aos existentes existentes.
- 5 — No contexto do estatuto-modelo encontram-se ainda outras notas explicativas visando facilitar o mais possível a elaboração do estatuto local e quem, talvez, não tenha muita prática neste gênero.
- 6 — Muitos Círculos dão aos Estatutos o formato de I e II em vez de qual é muito mais simples.

(1) Veja nota o art. 36, letra g.

CAPITULO I
Da constituição, fins e bases doutrinárias do
Círculo Operário

Art. 1.º — Fica constituído por força dos presentes estatutos e por tempo ilimitado em de de 19...., o Círculo Operário..... composto do número ilimitado de sócios e com sede e fóro em

§ Único — Para maior facilidade, este círculo será aqui referido pelas iniciais C. O.

Art. 2.º — O C. O. tem por objetivo coordenar a actividade de seus associados dentro de uma organização forte e perfeita, para os seguintes fins:

- 1.º) Prestar-lhes todo o género de benefícios e defesa a saber:
 - a) Cultura moral, intelectual, social e física, pela fundação ou adesão de escolas, pela realização de conferências, pela sã imprensa, pelo rádio, cinema educativo, teatro, esportes, escotismo, etc.
 - b) Protecção social, por uma assistência carinhosa e eficiente nas oficinas, escolas e lares, advogando os interesses legítimos da classe.
 - c) Auxílio jurídico, médico, farmacêutico, dentário e material, pelas várias formas de beneficência e mútuo socorro.
- 2.º) Colaborar com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, consoante o decreto-lei n.º 7.164 de 12 de maio de 1941, e em entendimento com as entidades circunistas hierárquica-

mente superiores, visando a realização progressiva do programa de acção com respeito à legislação social contida na II.ª parte do Manual do Círculo Operário.

- 3.º) Fundar e incentivar a fundação de cooperativas ou armazéns circunistas, bem como favorecer a sindicalização das classes.
- 4.º) Promover a formação de Núcleos do Círculo e a sua sub-divisão em zonas e, igualmente, a formação de grupos nas fábricas, oficinas e estabelecimentos em geral, bem como de centros da Juventude Operária Católica.
- 5.º) Restaurar a paz no mundo do trabalho, pelo respeito aos direitos reciprocos e pelo restabelecimento de relações harmoniosas entre operários e patrões.

Art. 3.º — Para colimar estes ideais, o Círculo se estribará nos seguintes princípios, adotando-os como bases firmes e inabaláveis:

- 1.º) A doutrina e moral do Evangelho de Cristo, Código divino e inegalável de justiça, respeito mútuo, amor e harmonia entre os homens;
- 2.º) A orientação sociológica contida nas encíclicas: "RERUM NOVARUM" de Leão XIII e "QUADRAGESIMO ANNO", de Pio XI e outros documentos pontifícios;
- 3.º) Repúdio à luta sistemática e violenta de classes.

4.º) A *Bemelia de Tommaso*: O TRABALHO CADA VEZ MAIS DOMINANTE, A NATUREZA CADA VEZ MAIS DOMINADA, O CAPITAL CADA VEZ MAIS PROPORCIONADO. (1)

5.º) A necessidade de intervenção moderada do Estado na questão social no sentido de controlar e regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.

6.º) Conservar-se acima e fóra da politica partidária.

CAPITULO II

Das diversas categorias de sócios

Art. 4.º — Poderão fazer parte do Círculo os operários manuais, as diversas categorias de assalariados, empregados do comércio, pequenos funcionários públicos, pequenos trabalhadores por conta própria, assim como senhoras ou senhoritas que exerçam profissão doméstica ou alguma das acima mencionadas.

§ Único — Todas as pessoas que, sem pertencerem ao operariado propriamente dito, queiram contribuir pa-

(1) Esta trilogia do grande sociologo italiano adotamo-la como divisa dos Círculos. Por isto deve ser bem explicada aos sócios. Para tal fim encontra-se um esboço no "Manual do Círculo Operário", pg. 49.

ra o desenvolvimento do Círculo Operário, poderão também fazer parte de seu corpo social.

Art. 5.º — Haverá quatro classes de sócios: efetivos, cooperadores remidos e beneméritos.

- 1) Sócios efetivos são os operários enumerados no artigo precedente que, admitidos, pagam a respectiva mensalidade;
- 2) Sócios cooperadores são os mencionados no parágrafo único do artigo precedente, que se comprometem a contribuir com quantias, gêneros, materiais ou trabalhos profissionais, mensalmente ou anualmente, para o Círculo;
- 3) Beneméritos são os que tiverem prestado ao C. O. serviços havidos como relevantíssimos.
- 4) Remidos são os sócios que pagarem de uma só vez a quantia de 300\$000, ou oferecerem ao Círculo um objeto útil no valor de 500\$000, ou lhe obtiverem um donativo em dinheiro superior a 1.000\$000;

§ Único — Os sócios remidos ficam isentos apenas do pagamento das mensalidades, porém não das contribuições aos departamentos e seções a que se tenham inscrito.

CAPITULO III

Das condições e modos de admissão, exclusão e readmissão de sócios

Art. 6.º — São condições para ser admitido como sócio efetivo do C. O.

- 1.º) Ser respeitador da família e da religião;
- 2.º) Ter, no mínimo, 14 anos de idade;
- 3.º) Achar-se no gozo de seus direitos civis;
- 4.º) Submeter-se à sindicância prévia;
- 5.º) Achar-se presente à sessão em que for proposto.

Art. 7.º — O pedido de admissão será dirigido à Comissão Executiva do respectivo Núcleo por intermédio de uma proposta, assinada por um sócio efetivo no pleno uso dos seus direitos e que, pelo menos, há meses pertença ao Círculo.

§ 1.º — A proposta para sócio, somente será tomada em consideração si for acompanhada de 4 fotografias, tipo 2x4, bem como de uma quantia de correspondente a joia, carteira, distintivo e à primeira mensalidade;

§ 2.º — Esta quantia lhe será devolvida, caso não seja admitido;

§ 3.º — Depois de apresentada em sessão ordinária, a proposta deverá ser processada dentro do prazo de 15 dias.

§ 4.º — Nenhum sócio poderá ser recebido sem estar devidamente instruído sobre o Círculo e o movimento circulista em geral, em base da cartilha circulista.

§ 5.º — A recepção dos sócios far-se-á, sempre que for possível, com solenidade; aproveitar-se-á para isso, uma reunião do núcleo ou geral do C. O., devendo ser entregues, nessa ocasião, a cada sócio recebido: a carteira, os estatutos e o distintivo circulistas;

§ 6.º — A admissão de sócios cooperadores será da competência da Diretoria, devendo toda a proposta ser feita em sessão ordinária;

§ 7.º — Os sócios beneméritos serão proclamados a arbitrio da Assembleia Geral mediante proposta da Diretoria do C. O. ... ou da Comissão Executiva de qualquer de seus núcleos.

Art. 8.º — O sócio que desejar retirar-se do Círculo, deve officiar ao Delegado do núcleo solicitando sua exclusão. A exclusão deverá ser comunicada à Diretoria do Círculo.

§ 1.º — A eliminação de qualquer sócio é de competência exclusiva da Diretoria Geral de acordo com o Conselho Deliberativo e obedecerá sempre ao estabelecido no cap. VII destes estatutos.

§ 2.º — O sócio que se retirar, por sua livre e espontânea vontade e quiser reingressar fica sujeito ao pagamento de

§ 3.º — O que tiver sido eliminado, porém, para ser readmitido, deverá pagar a quantia de e mais as mensalidades correspondentes aos meses em que esteve afastado.

§ 4.º — A readmissão de qualquer sócio só poderá ser feita a juízo da Diretoria do C. O. ... a qual estipulará o "quantum" da contribuição a que se refere o § anterior, caso tenha sido muito longo o tempo de afastamento.

CAPITULO IV

Das deveres dos sócios

Art. 9.º — São deveres dos sócios:

- 1.º) Cultivar as virtudes que dignificam sua classe: assiduidade ao trabalho, espirito de ordem, solidiedade, economia, etc.;
- 2.º) Respeitar ou fazer respeitar estes estatutos e os vários regulamentos do Círculo, adaptando-se ao espirito circulista;
- 3.º) Acatar as ordens legitimamente emanadas da Diretoria do Círculo e da Comissão Executiva de núcleo a que pertencer;
- 4.º) Guardar os domingos, dias santificados e festas nacionais, quanto possível;
- 5.º) Pagar dentro do prazo determinado a mensalidade e as contribuições do Departamento e Seções em que se houverem inscrito, conforme o disposto no capítulo VI;
- 6.º) Prestar o seu concurso para o maior florescimento do Círculo e informar à administração qualquer ocorrência que possa vir prejudicar os interesses e o bom nome do Círculo;
- 7.º) Comparecer assiduamente às reuniões, às assembleias gerais ordinárias e extraordinárias e tomar parte nas diversas manifestações cívicas e religiosas promovidas pelo Círculo e o respectivo núcleo;

- 8.º) Comunicar por escrito à Diretoria, quando tiver de se retirar temporariamente para fora da cidade ou do Estado, nomeando nesse caso um procurador para efetuar o pagamento de suas contribuições;
- 9.º) Respeitar e tratar delicadamente a todos os companheiros circulistas quer dentro, quer fora da sede social;
- 10.º) Comportar-se sempre e em qualquer parte como verdadeiro circulista.

CAPITULO V

Das direitos dos sócios

Art. 10.º — O C. O. esforçar-se-á para proporcionar aos seus sócios, com a colaboração dos mesmos, os seguintes direitos:

- 1.º) Gozar de todas as vantagens e benefícios decorrentes da sua incorporação ao Círculo e, por intermédio dele, ao movimento circulista, hierarquicamente coordenado na Federação Estadual e na Confederação Nacional de Operários Católicos.
- 2.º) Usar a carteira de identidade e o distintivo circulista válidos em todos os CC. OO. do Brasil, estabelecendo-se o seguinte:
 - a) o broche distintivo será sempre de propriedade do C. O. que o entregará ao sócio por ocasião de sua recepção; em caso de eliminação ou afastamento voluntário, o sócio deverá en-

- trégá-lo à Comissão Executiva do núcleo a que pertenceu.
- b) O distintivo do C. O. ... será de uso exclusivo dos sócios de qualquer categoria, dos auxiliares e dos membros do secretariado.
- c) O associado que perder o seu bróche deverá indenizar o C. O. ... que lhe fornecerá um outro distintivo, sem prejuízo do estabelecido neste artigo na letra a ;
- d) O C. O. ... reserva-se o direito de tomar as medidas necessárias para reaver o distintivo de quantos deixarem de pertencer ao seu corpo social, bem como de impedir o uso ilegítimo do mesmo.
- 3.º) Gozar, quando munidos de carteiras quites, apresentando-se em outros Circulos filiados à Federação dos Circulos Operários d. ou à Confederação Nacional de Operários Católicos, dos direitos concedidos pelos mesmos, exceptuando-se os que decorrem de serviços especiais, como Caixa de Socorro Mútuo, etc.; do mesmo modo, procederá o Circulo para com os associados de outros Circulos.
- 4.º) Votar e ser votado (1), propôr e discutir nas Assembléas Gerais, (2); exceptuando-se:

(1) Com relação ao direito de voz ativo e passivo, guiar-se pela orientação dada nestes estatutos, cap. XI e no Manual do Circulo Operário na V parte, cap. I n.º 9).

(2) Nos Circulos que constam de Núcleos punha-se: Assembléas Gerais do seu núcleo.

- a) Os que não estiverem quites com a mensalidade do Circulo;
- b) Os analfabetos que não poderão ser votados, porém, sim, propôr, discutir e votar uma vez que declarem o voto perante a mesa;
- 5.º) Propôr oralmente ou por escrito, perante a reunião da Diretoria ou da Assembléa Geral, qualquer idéa ou alvitre que tenda a engrandecer o Circulo, a Federação ou a C.N.O.C. ou, então, a elucidar qualquer ponto omissos ou não redigido com clareza nos estatutos, sem prejuízo do estabelecido no art. 45 § 4.º dos mesmos.
- 6.º) Exigir convocação de Assembléa Geral extraordinária, conforme o estabelecido no art. 47.
- 7.º) Reunir-se familiarmente na sôde social nos dias e horas marcadas pelo regulamento interno da mesma.
- 8.º) Tomar parte nas reuniões, conferências, festivas, jogos e divertimentos promovidos pelo Circulo ou pelos seus núcleos, de acôrdo com o respectivo regulamento ou pela maneira que a Diretoria determinar na ocasião.
- 9.º) Frequentarem, elle e seus filhos menores de 14 anos, as escolas do Circulo.
- 10.º) Utilizar-se da Bibliotheca do Circulo.
- 11.º) Recorrer ao Circulo em caso de vexações injustas ou divergências quer entre si quer entre operário e patrão.

- 12.º) Participar das várias espécies de assistência e socorro materiais promovidos pelo Circulo, assim como inscrever-se nas suas diversas secções, caixas, e instituições, de acôrdo com a regulamentação interna das mesmas.
- 13.º) Apresentar à Diretoria, por escrito, reclamação contra qualquer injustiça, excesso ou infração dos estatutos por parte de membros da Diretoria, e ao Assistente Ecclesiástico, quando se tratar de metade ou mais de metade da Diretoria.

§ 1.º — O Circulo facilitará aos sócios o cumprimento do dever pascal e de outras obrigações religiosas bem como lhe proporcionará ocasiões e meios para o seu aperfeiçoamento espiritual.

§ 2.º — Todos os direitos e vantagens oferecidos pelo C. O. ... aos seus associados poderão ser usufruídos através dos respectivos núcleos, salvo em casos excepcionais e justos nos quais a Diretoria, de acôrdo com o Conselho Deliberativo, poderá admitir exceções.

§ 3.º — Os sócios cooperadores e benfeitores terão o direito de assistir às reuniões gerais, festas e outras manifestações do Circulo, bem como de se inscrever na Caixa de Socorro Mútuo, cooperativas ou secções congêneres que houver.

§ 4.º — Os sócios que antes de adquirirem o título de benfeitores eram efectivos continuarão no gozo de seus direitos.

CAPITULO VI

Das contribuições dos sócios

Art. 11 — A contribuição mensal dos sócios efectivos, pagavel antecipadamente, será determinada pela Assembléa Geral, devendo ser ao abrigo da possibilidade média dos sócios.

§ 1.º — O sócio que quiser usufruir as vantagens do Circulo deve apresentar a sua carteira com o recibo do mês passado.

§ 2.º — O Sócio que quiser fazer parte de alguma instituição do Circulo, como do Socorro Mútuo, cooperativa, etc., deverá pagar contribuições ou quotas especiais fixadas nos regulamentos correspondentes.

§ 3.º — Os sócios cooperadores que contribuírem monetária e periodicamente, combinarão com a Diretoria a importância e a época do recebimento.

§ 4.º — Conforme o disposto no art. 58.º o sócio que se retirar do Circulo não tem direito a indenização por contribuições feitas.

CAPITULO VII

Das penalidades

Art. 12.º — Será eliminado o sócio:

- a) Que fizer agitações contra leis ou resoluções do Circulo, ou promover indisciplina;
- b) Que adotar principaes extremistas;
- c) Que abandonar os meios honestos de vida;

- d) Que estiver exercendo misteres contrários à moral pública ou que cooperar em semelhantes misteres;
 - e) Que for processado e condenado por crime infamante;
 - f) Que procurar fraudar a Diretoria ou seus auxiliares com alegações falsas;
 - g) Que, abusiva ou dolosamente, tentar ou conseguir que sejam tratadas por conta do Círculo, pessoas estranhas a ele;
 - h) Que, sem autorização escrita e assinada pela Diretoria, contrair débitos em nome do Círculo;
 - i) Que, sem causa justificada, não pagar, durante seis meses a sua contribuição mensal.
- Art. 13.º — Será suspenso o sócio:
- a) Que, por tres meses, não pagar a mensalidade, sem pedir à Diretoria adiamento;
 - b) Que inserir nas listas do artigo precedente em pontos de menor gravidade.
- § 1.º — No caso da alínea a, pagas as mensalidades em atraso, o sócio só torna a gozar dos benefícios do Círculo, depois de transcorridos 90 dias.
- § 2.º — No caso da alínea b, o período de suspensão será o que for determinado pela Diretoria.

CAPÍTULO VIII

Da Diretoria

Art. 14.º — A Diretoria compõe-se de um presidente, um vice-presidente, um primeiro e um segundo secretário, um tesoureiro, um adjunto de tesoureiro,

um delegado geral, um assistente eclesiástico e de tantos delegados quantos forem os núcleos. (1) os quais formam o Conselho Deliberativo da Diretoria.

§ 1.º — O mandato da Diretoria é de anos, sendo a sua eleição feita em Assembleia Geral, por maioria simples, dentre os sócios efectivos, propoendo a Diretoria em exercício uma chapa oficial de valor efectivo e observando-se o disposto no artigo 48.º

§ 2.º — O Assistente Eclesiástico é nomeado pela autoridade diocesana, da qual depende a duração de seu mandato.

§ 3.º — O Delegado Geral e os Delegados de núcleos, embora membros da Diretoria, não são eleitos, mas nomeados como pessoas de confiança pela Diretoria. (2)

§ 4.º — Os membros da Diretoria podem ser reeleitos.

§ 5.º — Para os fins do § 1.º, o ano social terminará em

§ 6.º — A eleição da Diretoria deve ser feita, quanto possível, dias antes de terminar o ano social.

§ 7.º — A posse da Diretoria realizar-se-á em sessão solene no dia de

§ 8.º — Os membros da Diretoria não receberão remuneração pelo desempenho do seu mandato.

(1) Onde houver núcleos.

(2) Em alguns Círculos o Delegado Geral e os Delegados de núcleos são, também, eleitos.

§ 9.º — Nos casos em que, no desempenho do mandato, algum membro da Diretoria houver feito despesas, devidamente autorizadas e comprovadas, poderá ser indenizado delas. Em caso de não haver sido autorizado, ficará responsável pelas mesmas.

§ 10.º — Não poderá ser eleito para qualquer cargo da Diretoria o sócio desempregado e o que não tiver completado ao menos seis meses após sua admissão.

§ 11.º — O processo eleitoral far-se-á segundo as prescrições do artigo 48.º

Art. 15.º — São deveres dos membros da Diretoria:

- a) Desenvolver uma actividade eficiente em pró do C. O. ...
- b) Comparcer com máxima pontualidade quer às sessões quer à sede nos dias marcados;
- c) Desempenhar-se com eficiência e prontidão dos cargos e tarefas que assumirem, atendendo aos sócios com carinho em suas necessidades, pedidos e reclamações razoáveis;
- d) Procurar mover-se numa atmosfera de cordura e harmonia, tendo sempre em vista o bom geral do movimento circulista;
- e) Abster-se de propaganda política e facciosa e de atitudes personalistas;
- f) Ausentar-se da sessão quando atingido por uma reclamação feita segundo o disposto no art. 10, n.º 13, enquanto se tratar do assunto.

g) Orientar-se em suas funções e actividades pelo Manual do C. O. e dentro do espirito circulista.

Art. 16.º — São atribuições da Diretoria:

- a) Reunir-se, quanto possível, semanalmente, podendo funcionar com metade dos membros, sendo as deliberações aprovadas por maioria absoluta e cabendo ao Assistente Eclesiástico o voto de desempate; (1)
- b) Decidir sobre a eliminação, readmissão dos sócios e suspensão da mensalidade em casos justificáveis;
- c) Executar as resoluções da Assembleia Geral;
- d) Tomar as medidas que o bom andamento do Círculo exigir, dentro do espirito e senso prático dos estatutos;
- e) Organizar o regimento interno do Círculo, que complete e esclareça os presentes estatutos, para regular as actividades e funções usuais;
- f) Resolver os casos omissos nos estatutos;
- g) Dar um regulamento interno à sede social, designar Directores de mês que fiscalizem a mesma, bem como prover de regulamentos os diversos departamentos, secções e serviços;
- h) Nomear auxiliares que lhe assistam e a coadjuvem no desempenho das suas funções, bem

(1) Em alguns Círculos que constam de muitos núcleos fazem-se 2 sessões administrativas por semana: uma sem o Conselho Deliberativo em que se resolvem os assuntos mais urgentes e comuns e outra, com o Conselho Deliberativo a que são reservados os assuntos mais importantes.

- como manter um secretariado, contratando, para isto os funcionários necessários e marcando-lhes a remuneração e as obrigações;
- j) Convocar as Assembleias Gerais do Circulo, homologar as chapas de eleição dos membros das Comissões Executivas dos núcleos, reconhecer-lhes as eleições, e dar posse aos eleitos, por si ou por intermédio do Delegado Geral;
 - l) Realizar concentrações e solenidades, promover campanhas, semanas sociais, e tomar outras iniciativas de interesse para o Circulo;
 - k) Manter intimas relações de correspondência e colaboração com a Federação dos CC. OO., com a C. N. O. C. e, ainda, com todas as entidades a elas filiadas;
 - l) Comemorar com a máxima solenidade a data da fundação do Circulo;
 - m) Transacionar, adquirir, alienar, hipotecar ou empenhar bens móveis ou imóveis do Circulo, até o valor de dependendo da aprovação da Assembleia Geral transações de maior culto;
 - n) Encaminhar para uma solução harmoniosa, sempre que possível, as questões e divergências entre patrões e operários, referentes ao trabalho.
- Art. 17.º — Compete ao Presidente:
- a) Representar o Circulo em juízo ou fora dele, assinar e rubricar os livros, as atas, documentos, etc., do Circulo;

- b) Executar e fazer executar os estatutos, regulamentos e resoluções da Assembleia Geral e Diretoria, bem como controlar a marcha social;
 - c) Convocar, presidir e encerrar as sessões da Diretoria e das Assembleias Gerais, determinar a ordem do dia e manter a boa marcha dos trabalhos;
 - d) Chamar à ordem os membros remissores da Diretoria;
 - e) Autorizar o Tesoureiro a saldar as despesas comuns do Circulo e fazer as compras ordinárias; para as compras de maior valor, o Presidente ou qualquer outro membro da Diretoria, por ele indicado, acompanhará o tesoureiro;
 - f) Assinar com o Tesoureiro os depositos e retiradas efetuadas em estabelecimentos de crédito, sendo que, para retirada de quantias superiores a, os cheques devem ser assinados pelo Presidente, Tesoureiro e Secretário;
 - g) Resolver os casos de menor monta que surgirem nas várias atividades do Circulo e providenciar os de urgencia, dando conta a Diretoria, si o assunto o exigir;
 - h) Apresentar, anualmente, a Assembleia Geral um relatório sucinto do ano social;
- Art. 18.º — Compete ao vice-presidente coadjuvar o Presidente e substitui-lo nos seus impedimentos.
- Art. 19.º — Compete ao 1.º Secretário:

- a) Substituir o Vice-Presidente nos seus impedimentos;
 - b) Fazer o expediente oficial e registrar as cópias dos officios recebidos;
 - c) Matricular os sócios;
 - d) Elaborar e ler as atas em cada sessão;
 - e) Organizar o arquivo e conservá-lo em perfeita ordem.
- Art. 20.º — Compete ao 2.º Secretário:
- a) Coadjuvar o 1.º Secretário e substitui-lo em sua ausência;
 - b) Fazer convites para as sessões extraordinárias e festivas.
- Art. 21.º — Compete ao Tesoureiro:
- a) Arrecadar todas as quantias pertencentes ao Circulo, pelas quais é responsavel, até dar-lhe o destino regulamentar;
 - b) Pagar as despesas depois de estarem os documentos com o "pague-se" do Presidente;
 - c) Escriturar o livro "Caixa" que fechará todos os tres meses, apresentando o balancete à Diretoria que o mandará examinar pela Comissão de Contas;
 - d) Apresentar, na Assembleia Geral, o balancete anual da receita e despesa;
 - e) Assinar com o Presidente e o Secretário os cheques, etc., conforme reza a letra f do artigo 17.º;
 - f) Depositar as quantias excedentes a no Banco que a Diretoria indicar, conservan-

- do as quantias inferiores, não em seu poder, mas no cofre do Circulo;
- g) Declarar mensalmente, em sessão da Diretoria, o movimento mensal e a quantia existente em Caixa;
 - h) Organizar o inventário dos bens moveis e imóveis do Circulo;
- Art. 22.º — Compete ao Adjunto de Tesoureiro coadjuvar o Tesoureiro no desempenho das suas funções e substitui-lo em seus impedimentos.
- Art. 23.º — Compete ao Delegado Geral:
- a) Promover a fundação de novos núcleos e, em geral, a propaganda dos ideais circulistas;
 - b) Impostar as Comissões Executivas dos núcleos, em nome da Diretoria do Circulo;
 - c) Fiscalizar o movimento do Circulo e dos seus núcleos, trazendo a Diretoria a par das ocorrências;
 - d) Organizar os boletins de propaganda;
 - e) Representar o Circulo onde estiver;
 - f) Agir sempre de acordo com a orientação da Diretoria do Circulo.
- Art. 24.º — Compete ao Assistente Eclesiástico:
- a) Assistir às sessões de Diretoria e de Assembleia Geral;
 - b) Ser o fiel conselheiro da Diretoria e o defensor dos operários;
 - c) Salvaguardar as finalidades sociais e espirituais do Circulo e vetar todas as propostas e decisões contrárias a essas finalidades;

- d) Examinar qualquer obra a ser apresentada para as sessões, visando qualquer nome que não satisfaga à orientação do Círculo, bem como promover o afastamento de elementos, tanto Diretores como auxiliares ou sócios que por sua orientação e atos causem dano moral ou material notável ao Círculo;
- e) Tomar a seu cargo a parte instrutiva e moral do programa, para a que promoverá conferências feitas por ele mesmo ou por pessoas indicadas, e bem do aperfeiçoamento cultural dos sócios;
- f) Zelar pela instrução religiosa nas escolas do Círculo e facilitar o controle dos livros escolares e da biblioteca, do ponto de vista moral, bem como os dramas, comédias, fitas cinematográficas, etc., a serem exibidos;
- g) Orientar e promover a execução do "plano geral de ação" para obter a cooperação generalizada em prol do Círculo;
- h) Quando impedido, conseguir um sacerdote que o substitua durante o seu impedimento, delegando ao mesmo os poderes que usufrue; nomear um leigo de sua inteira confiança para substituí-lo nos trabalhos de orientação, sem que, por isto, lhe sejam transferidas as prerrogativas e os direitos dos assistentes eclesásticos.

§ Único — Se, apesar do veto do Assistente Eclesástico, a Diretoria ou Assembléa Geral insistir em

insistir a sua resolução, o caso será levado à Federação Estadual dos Círculos Operários, sendo-lhe permitido, ainda, o recurso à C. N. G. C. O mesmo fará o Assistente Eclesástico se, na Diretoria ou Assembléa, surgirem impasses ou divergências graves, com perigo de dano que ele não consiga solucionar.

Art. 25.º — Perde-se o mandato:

- Pela renúncia voluntária, aceita pela Diretoria;
- Pela destituição por parte da Diretoria: em caso de falta grave, a critério da mesma;
- Pela ausência não justificada a três sessões consecutivas da Diretoria ou a seis não consecutivas.

§ Único — A Diretoria preencherá as vagas lacunas, imediatamente, até a próxima Assembléa Geral.

CAPITULO IX

Dos auxiliares da Diretoria

Art. 26.º — A Diretoria do C. O. será coadjuvada por um corpo de auxiliares, assim discriminados: Oradores, Bibliotecários, Professores, Assistentes Jurídicos, Médicos, Técnicos, Diretores de mês, Sub-delegados, Cronistas de Imprensa, Propagandistas, Comissões de Contas e de Sindicância, formando estes auxiliares, ao mesmo tempo o Conselho Consultivo da Diretoria.

§ Único — Para facilitar o funcionamento dos seus diversos ramos de assistência, beneficência, etc., o C. O. poderá criar departamentos ou vá-

rias seções, tais como as de sindicalização, de escola, de assistência médica, farmacêutica, jurídica, dentária e outras, tendo à frente de cada uma delas, um diretor da livre escolha da Diretoria e tantos auxiliares quantos julgar necessários.

Art. 27.º — Os auxiliares serão nomeados pela Diretoria do C. O. exceto a Comissão de Contas que é eleita pela Assembléa Geral.

Art. 28.º — São deveres dos auxiliares:

- Prestar, com zelo e abnegação, o seu auxílio à Diretoria, desempenhando-se com dedicação das incumbências que lhes forem confiadas.

Art. 29.º — São atribuições dos auxiliares:

- Dar parecer e voto consultivo nos assuntos que forem submetidos à sua apreciação;
- Formular propostas relativas não só aos seus misteres como ao bem do Círculo em geral.

Art. 30.º — São atribuições peculiares:

- Dos oradores: — Falar em nome do Círculo nos atos oficiais e todas as vezes que para isso forem designados pela Diretoria;
- Dos Bibliotecários: — Organizar a biblioteca e promover-lhe o desenvolvimento, catalogar os livros e fiscalizar-lhes o uso;
- Dos Professores: — Organizar a instrução quer primária quer elementar quer profissional, em colaboração com o Assistente Eclesástico;
- Dos assistentes jurídicos: — Orientar e

defender juridicamente o Círculo, seus interesses e também os dos sócios;

- Dos médicos: — Prestar cuidados profissionais aos sócios enfermos e estudar o problema sanitário do meio operário, promovendo as medidas necessárias de acordo com o Círculo;
- Dos assistentes técnicos: — Cooperar com os seus conhecimentos e experiência para a execução das empresas e planos do Círculo;
- Dos Diretores de mês: — Fiscalizar a vida social em seu funcionamento e atender aos sócios e outras pessoas que a procurarem durante as horas de seu expediente;
- Dos subdelegados: — Assistir a sós que lhe for confiada, visitar como pessoa de confiança da Diretoria e, em nome dela, os associados em suas casas, oficinas, e escolas; transmitir-lhes as deliberações e actos da Diretoria; observar-lhes as necessidades de família e de classe e procurar assisti-las cuidadosamente;
- Dos propagandistas e cronistas: — Serem destacados como pessoas de confiança da Diretoria, para a defesa e propaganda dos ideais circulares, pelos diversos meios de propaganda;
- Da Comissão de Contas: — Examinar detidamente o balanço trimestral do Tesourero e dar parecer na sessão próxima da Diretoria; em o balanço anual, sobre o qual deverá dar minucioso e explícito parecer no relatório que a Diretoria apresentar à Assembléa Geral. Para este fim, goza de plenos poderes, ou

sentido de examinar todos os livros, no que toca ao exercício da sua missão, cabendo-lhe o dever de denunciar os erros e abusos que descobrir, ficando responsável pelo parecer e pelas denúncias;

- k) Da Comissão de Sindicância: — Sindicar sobre a qualidade dos candidatos a sócios, sobre o estado dos que requerem socorro e sobre quaisquer outros casos de emergência, apresentando o seu parecer por escrito, sendo pedido e dentro do menor prazo possível;

§ 1.º — O parecer da Comissão de Sindicância não obriga a Diretoria, visto sua missão ser de simples investigação da verdade;

§ 2.º — O mandato das Comissões de Contas e de Sindicância extingue-se na mesma época que o da Diretoria;

§ 3.º — Além dos auxiliares acima, a Diretoria, para os vários misteres e casos, poderá nomear outros, que possam que as comissões delimitando-lhes os encargos e atribuições com instruções ou regulamentos.

CAPÍTULO X Dos Núcleos

Art. 31.º — Para maior eficiência de sua ação o C. O. . . dividir-se-á em núcleos correspondentes, quanto possível, às expensões de sua área de ação, devendo ampliar-se-lhes o número à medida que se for tornando necessário.

Art. 32.º — Quanto à organização e funcionamento

to dos núcleos, observar-se-ão as diretrizes do Manual do C. O. que se encontram no cap. 2.º da IV.ª parte.

Art. 33.º — Os núcleos são dirigidos por Comissões Executivas, eleitas por seus sócios (ou nomeadas pela Diretoria do Circulo) cabendo, sempre, à Diretoria dantes a nomeação dos delegados. (1)

Art. 34.º — As Comissões Executivas não são autónomas, mas devem obedecer à orientação da Diretoria do Circulo em sua administração e iniciativas. É vedado, por tanto, às Comissões Executivas tomarem iniciativas ou realizarem projetos que não tenham sido previamente estudados ou aprovados em sessão da Diretoria do Circulo, maxime no referente a despesas extraordinárias.

§ Único — Os membros das Comissões Executivas devem, por isto, possuir em alto grau o espirito de união e solidariedade e precaver-se contra as tendências particularistas.

Art. 35.º — Os Núcleos serão representados nas sessões da Diretoria por seus delegados; caso algum delegado de Núcleo seja eleito para qualquer cargo na Diretoria, o seu lugar no Conselho Deliberativo será ocupado pelo Delegado Auxiliar do respectivo Núcleo e, na falta deste, por um sócio nomeado pela Diretoria, de acordo com o mesmo Conselho, mediante a apresentação do Delegado, com anuência do Assistente Eclesiástico. Sendo de absoluta necessidade a presença dos membros do Conselho Deliberativo a todas as sessões do C. O. . . ., fica estabelecido que no im-

(1) Haja vista o art. 14.º, § 3.º.

dimento eventual de algum d'elles, um membro da Comissão Executiva do Núcleo desirá representá-lo, salvo o estabelecido no § anterior.

Art. 36.º — Cada Comissão Executiva compõe-se de um Delegado, um Delegado-Auxiliar, um 1.º e um 2.º Secretário (1), um 1.º e 2.º Tesoureiro e de um Assistente Eclesiástico. (2)

Art. 37.º — As atribuições e competência dos membros das Comissões Executivas, no que concerne à administração interna dos núcleos, regulam-se pelo disposto em artigos anteriores quanto a cargos correspondentes da Diretoria Geral.

Art. 38.º — São atribuições ordinárias das Comissões Executivas:

- Admitir sócios no perimetro do seu sector bem como dar exclusão aos que a pedem espontaneamente;
- Nomear e demitir sub-delegados e orientar as suas actividades;
- Dividir o Núcleo em zonas confiadas aos sub-delegados;

(1) Em núcleos pequenos ou havendo falta de dirigentes os cargos de 2.º secretário e 2.º tesoureiro são dispensáveis.

(2) Cabe ao Assistente Eclesiástico do Circulo providenciar pela nomeação do Assistente Eclesiástico do núcleo. Seria de muita vantagem incluir-se entre os cargos da Comissão Executiva o de "Instructor" encarregado de introduzir os sócios novos no conhecimento teórico e prático do Circulo, (haja vista o art. 7.º § 4.º), como de fazer preleções nas reuniões gerais semanais (ver art. 40.º). O instructor deverá ser um sócio (de preferência, veterano) perfeito conhecedor do nosso movimento e possuidor do firme espirito circulista.

- Fazer a cobrança das mensalidades por meio dos sub-delegados ou de cobradores especiais;
- Organizar e realizar as reuniões gerais dos sócios, festivais, em benefício das obras do C. O., reuniões e comícios de propaganda dentro do seu sector, mediante previa autorização da Diretoria bem como conduzir as campanhas circulistas;
- Mantiver um expediente, afim de atender aos circulistas nos seus interesses e necessidades, encaminhando-os, segundo os casos, aos departamentos correspondentes;
- Realizar a parte que lhes toca, segundo os regulamentos, na execução do programa cultural e beneficente que for autorizado pela Diretoria;
- Angariar sócios cooperadores para a manutenção das obras do Circulo, fazer a arrecadação das contribuições e enviá-las à Diretoria;
- Fornecer, pontualmente, à Diretoria um mapa mensal sobre o movimento administrativo, social e económico do núcleo;
- Recolher à tesouraria geral do Circulo toda arrecadação;
- Receber da tesouraria geral as importancias necessárias ao custeio das despesas ordinárias e extraordinárias do núcleo aprovadas pela Diretoria;
- Realizar as Assembléias Gerais e eleições re-

lativas aos núcleos, com autorização da Diretoria.

Art. 39.º — Os sub-delegados são auxiliares diretos das Comissões Executivas e formam seu Conselho Consultivo.

§ Único — Os deveres e atribuições dos sub-delegados acham-se pormenorizados no respectivo "Guia".

Art. 40.º — As Comissões Executivas reunir-se-ão em sessão semanalmente; mensalmente far-se-á a reunião geral de sócios que constará de uma sessão instrutiva-informativa, seguida de uma parte recreativa. (1)

Art. 41.º — Os Núcleos comemorarão festivamente a data de sua fundação. (2)

Art. 42.º — Não só para fazer face às despesas ordinárias como também para proporcionar recursos necessários à formação do patrimônio e fundo do C. O. os núcleos devem realizar festivais, angariar sócios cooperadores e procurar outras fontes de renda cujo resultado será recolhido à tesouraria geral.

CAPÍTULO XI Da Assembléa Geral

Art. 43.º — As Assembléas serão ordinárias, extraordinárias e para eleição e serão integradas pelos

(1) Muitos Círculos fazem semanalmente uma reunião geral instrutiva dos sócios em dia diverso do da sessão da Comissão Executiva.

(2) A data em que se se comemora solenemente a data de fundação do próprio Círculo.

sócios quites de ambos os sexos e mais a Diretoria. (1)

Art. 44.º — As Assembléas serão convocadas pela imprensa (ou por ofício da Diretoria as Comissões Executivas dos núcleos no caso de ela só constar de dirigentes) ao menos oito dias antes da data fixada para sua realização e com a declaração precisa do dia, hora e local.

Art. 45.º — As Assembléas ordinárias funcionarão em primeira convocação, estando presente ao menos 1/3 de sócios com direito a voto, e em segunda convocação com qualquer número de sócios, devendo intermediar entre as duas convocações ao menos ... (2)

§ 1.º — Quando em uma sessão não se puderem resolver todos os assuntos, o presidente adiara os trabalhos para outra sessão, a realizar-se no mesmo dia ou em dia seguinte, convoca a Assembléa.

§ 2.º — A Assembléa Geral ordinária reunir-se-á uma vez por ano.

§ 3.º — Ficará ao arbítrio da Diretoria incluir na ordem dos trabalhos qualquer proposta não apresentada pela mesma.

§ 4.º — Qualquer sócio poderá apresentar propostas concernentes ao bem do Círculo constante que se submetta, por escrito, à aprovação da Diretoria três dias antes da Assembléa, ressalvado o estabelecido no pu-

(1) Nos Círculos compostos de núcleos, far-se-á "integradas" pelos dirigentes dos Núcleos mais a Diretoria.

(2) É admissível estabelecer que a Assembléa Geral funcione em primeira convocação com qualquer número de sócios quites.

rágrafo anterior e observado o disposto na letra d do art. 46.º;

§ 5.º — Para a discussão qualquer sócio pode pedir a palavra;

§ 6.º — O Presidente deverá chamar à ordem ou, mesmo, cassar a palavra a quem exorbitar do assunto, excitar-se na linguagem ou tornar-se por demais prolixo;

§ 7.º — A votação será por maioria absoluta, cabendo o voto de desempate ao Assistente Eclesiástico.

Art. 46.º — São atribuições especiais da Assembléa Geral ordinária:

- Discutir e emitir parecer sobre o relatório do ano social precedente, apresentado pela Diretoria, inclusive examinar o balanço anual da tesouraria do Círculo (como, também, da Caixa de Socorro Mútuo) e em geral do estado financeiro da sociedade;
- Considerar as representações feitas por escrito, que lhe forem dirigidas, tanto por parte dos sócios como pela Diretoria;
- Homologar ou reformar as resoluções-tomadas em caráter provisório pela Diretoria, no correr do ano social;
- Destituir a Diretoria do Círculo, si esta medida tornar-se necessária ao bem do Círculo, não dependendo da aprovação da Diretoria a inclusão desta medida na ordem dos trabalhos da Assembléa, cabendo exclusivamente, ao Assistente Eclesiástico aprová-la ou não,

e) Estipular o valor da jóia de admissão e a mensalidade dos sócios;

f) Financiar, adquirir, alienar, hipotecar ou empenhar bens móveis ou imóveis do Círculo nos casos previstos no art. 16.º letra m.º.

Art. 47.º — A Assembléa Geral Extraordinária poderá ser convocada:

- Pela Diretoria, caso em que funcionará com qualquer número de sócios;
- À pedido de 2/3 dos dirigentes dos Núcleos inclusive os sub-delegados. (1)
- A requerimento de sócios quites, homologado pelo Assistente Eclesiástico. (2)

§ 1.º — Nos casos das letras b e c deste artigo a Assembléa só funcionará se comparecer ao menos um número de sócios correspondente ao dos signatários; verificada a falta de número a Diretoria não é obrigada a fazer nova convocação.

Art. 48.º — Quanto à Assembléa Geral eleitoral, vale o disposto nos arts. 10.º, 14.º e 45.º; quanto ao processo eleitoral seguir-se-ão as diretrizes dadas no Manual do Círculo Operário na 5.ª parte, observando ainda o seguinte:

- Considerada a importância das eleições, de cujo resultado dependem o bom governo e a

(1) Nos Círculos cujas Assembléas constarem só de dirigentes.

(2) Isto se estabelecerá para a Assembléa Geral dos núcleos e para os círculos que não constam de núcleos.

prestada administração do C. O. devem ser as mesmas realizadas com a gravidade e interesse constantes exigidos pelo movimento circulista, afastadas, por consequente, quaisquer manipulações de âmbito, espírito ou sentimento subalterno.

- b) A chapa oficial deve ser fornecida aos que integram a assembleia eleitoral na mesma data em que for convocada a assembleia;
- c) Podem concorrer às eleições outras chapas cujos nomes, todavia, devem ter sido homologados três dias antes das eleições, pela diretoria, a qual os deverá aprovar uma vez que satisfaçam as exigências dos estatutos e, em especial, ao estabelecido no art. 24.^o, letra d);
- d) Ninguém pode ser incluído em chapa eleitoral sem sua prévia ciência e livre consentimento;
- e) As eleições obedecerão ao método do escrutínio secreto, exceto quando só concorrer às eleições a chapa oficial cujos nomes, nesse caso serão eleitos por aclamação;
- f) Antes de se iniciar a discussão sobre as eleições, bem como no início do processo eleitoral, serão lidos os dispositivos destes estatutos e as diretrizes do Manual referentes ao assunto e explicados pelo assistente eclesiástico.

Art. 49.^o — As Assembleias extraordinárias e eleitorais reger-se-ão pelos dispositivos contidos no art. 45.^o, § 1.^o, 3.^o, 6.^o e 7.^o e nelas só poderão ser tratados assuntos para os quais forem convocadas.

Art. 30.^o — Nas Assembleias Gerais dos sócios, observar-se-ão os dispositivos deste capítulo enquanto lhes cabe, notando-se que a validade das resoluções destas Assembleias depende da homologação pela Diretoria do Circulo.

Art. 31.^o — A Assembleia é soberana nas suas resoluções e determinações, sempre que estas não estejam em oposição às finalidades do Circulo e a estes Estatutos, especialmente ao estabelecido no artigo 24.^o e letras em relação ao Assistente Eclesiástico, cujas atribuições poderão ser ampliadas, jamais, porém, restringidas.

CAPITULO XII

Da defesa e assistência social

Art. 52.^o — O C. O. estará sempre pronto a fazer a defesa tanto individual como coletiva dos seus associados nas causas justas e dentro das leis vigentes.

§ 1.^o — O C. O., mediante o departamento jurídico instruirá seus associados sobre as leis tanto federais como estaduais e municipais, sobre seus direitos e deveres perante as mesmas e os encaminhará quando tiverem que tratar assunto junto às autoridades e outras repartições.

§ 2.^o — Para que os sócios possam gozar as vantagens decorrentes dos Sindicatos e Institutos de Providência, o C. O. providenciará para que todos estejam inscritos nestas instituições e conheçam as respectivas regulamentações.

§ 3.^o — Nas divergências entre sócios do Circulo como entre eles e o respectivo patrão ou chefe, a Diretoria do C. O. procurará encaminhar, sempre que possível, uma solução amigável, por intermédio do Presidente ou Assistente Eclesiástico, apoiando neste sentido a ação da autoridade.

Art. 53.^o — O C. O. realizará, mediante suas forças e haveres em caixa, os seguintes gêneros de beneficência e assistência social:

- a) A escola de primeiras letras, nos diversos Núcleos, escola de aperfeiçoamento; curso de cultura geral, por meio de palestras, equipes sociais ou conferências; curso para formação de chefes; escola de artes e ofícios; escola de costura, costura, bordado, tricô, arte culinária e serviço doméstico; curso de puericultura e educação familiar; creche e jardim de infância; departamento juvenil na base do escotismo; biblioteca de livros escolhidos para instrução e recreio; seção artística com canto, música, teatro, cinema, etc.

O conjunto destas instituições culturais formará a universidade operária circulista.

- b) Serviços de assistência médica, obstétrica, farmacêutica, hospitalar, dentária, jurídica, sanatório para convalescentes e colônia de férias.

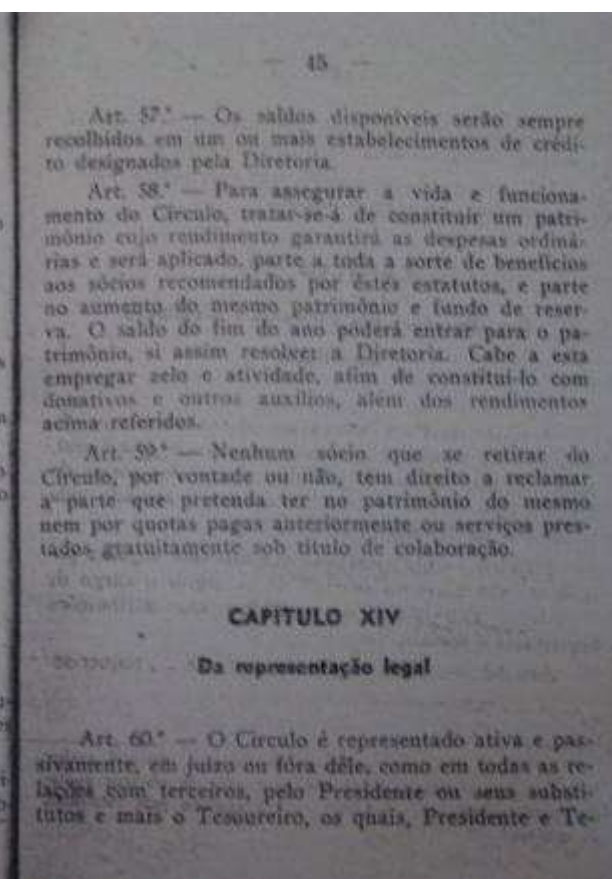
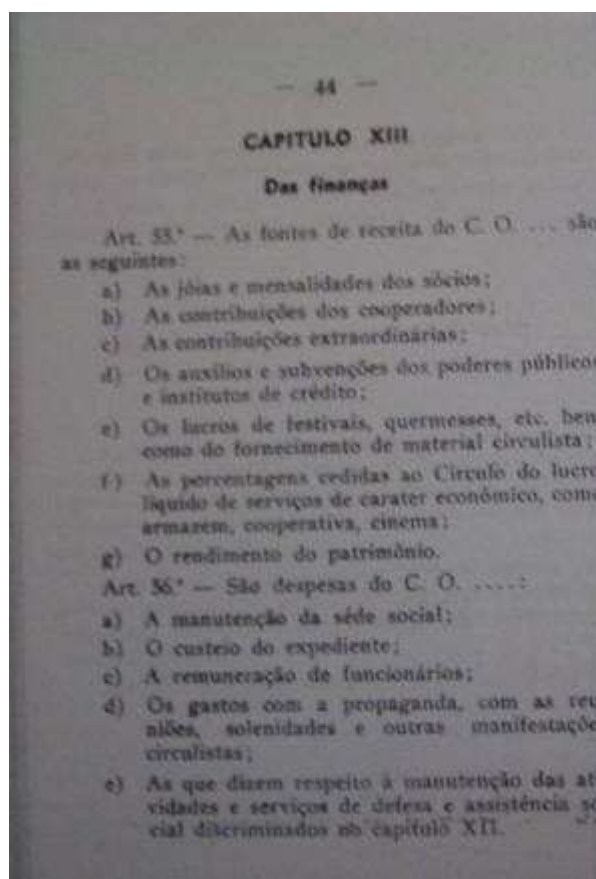
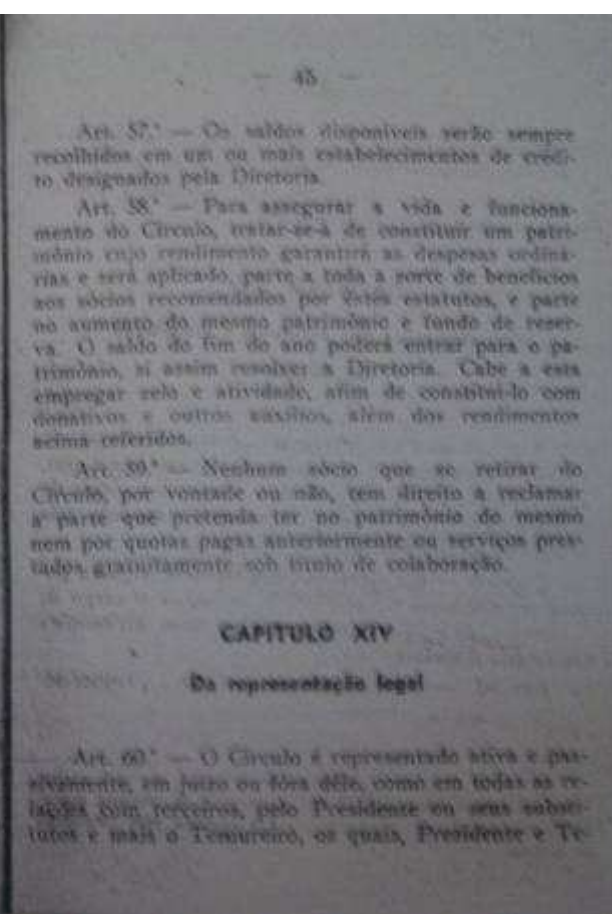
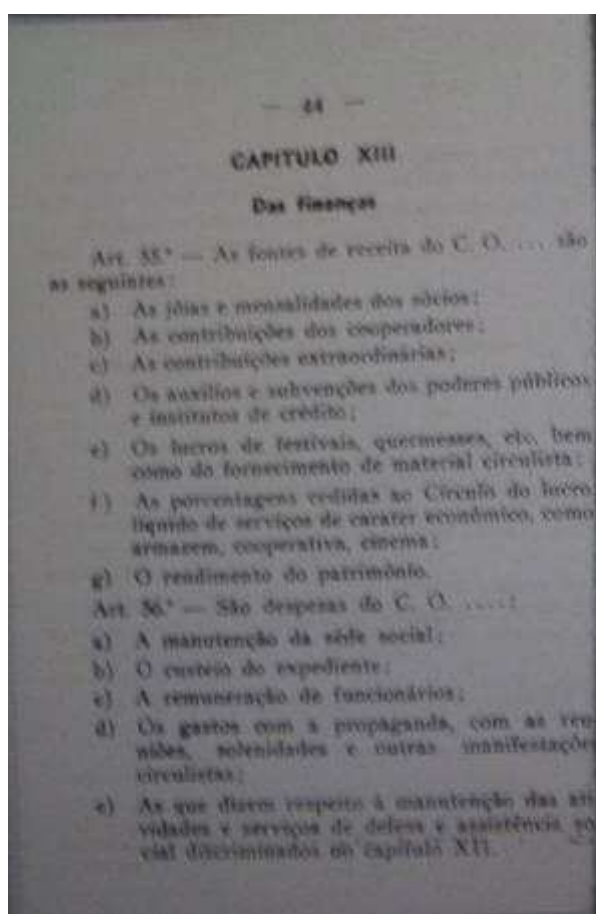
- c) Cooperativas: escolas, de produção, de consumo (ou armazém circulista) de crédito, de quitilato ou construção de casas.
- d) Caixa de Socorro Mútuo para auxiliar os sócios doentes, a família do falecido, ou os que quiserem constituir família (seção dotacional);
- e) Serviço de economia em colaboração com a Caixa Econômica, para facilitar aos sócios o meio prático de formar um pecúlio individual;
- f) Solução, quanto possível, do problema da habitação;
- g) Agência de colocação e informações;
- h) Atletismo, esporte, jogos de sala, passeios, quermesses e outras diversões sadias, excluindo bailes.

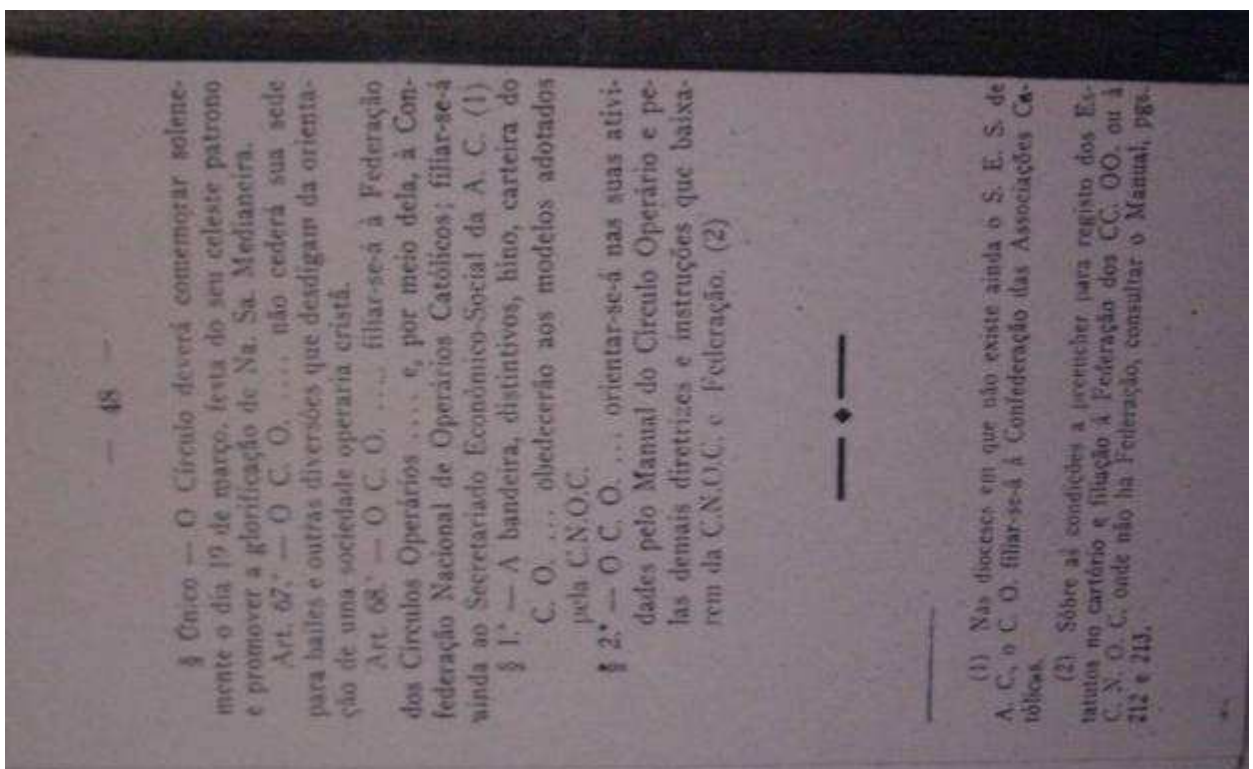
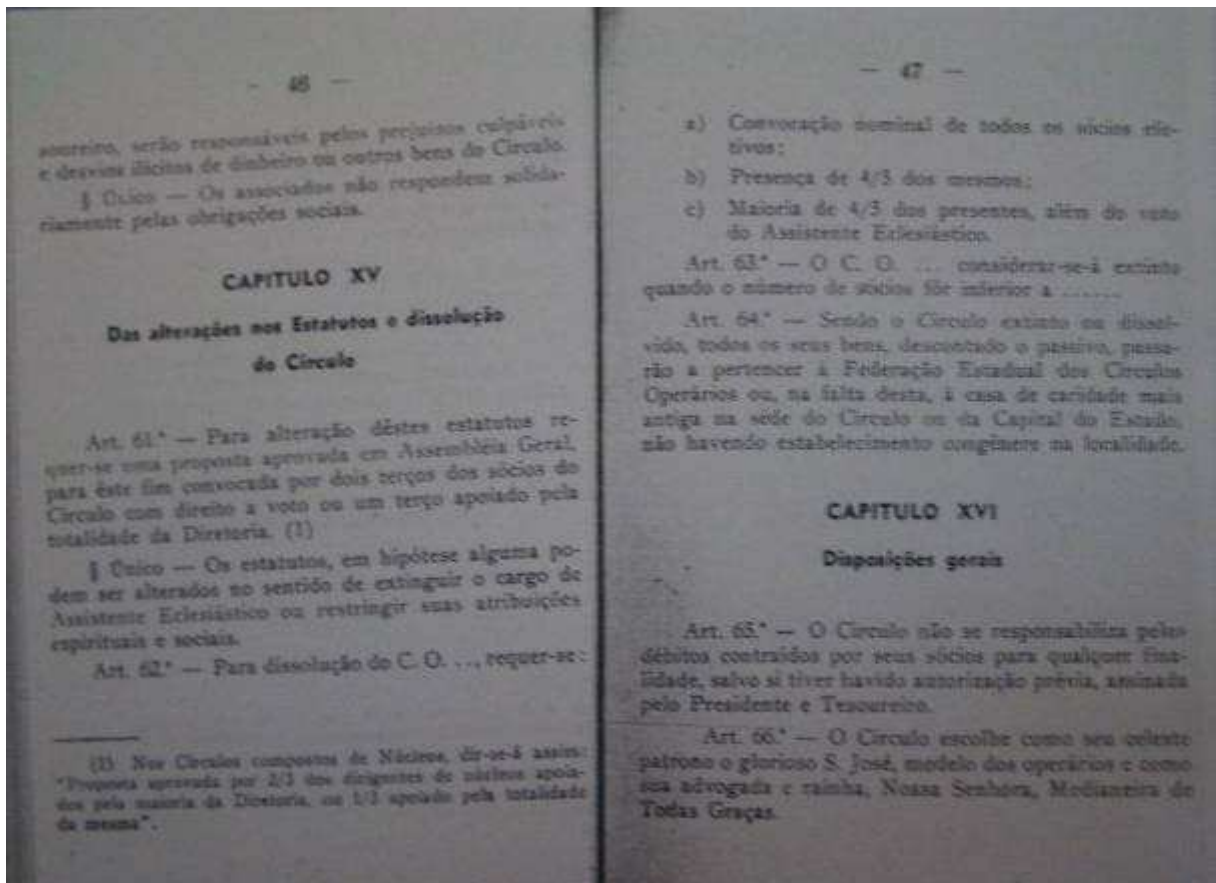
§ 1.^o — A Diretoria nomeará para cada um destes departamentos, seções ou serviços, um diretor, secretário ou encarregado, e os proverá de regulamentação.

§ 2.^o — A economia da Caixa de Socorro Mútuo é administrada separadamente da do Circulo, ficando, porém, como os demais departamentos, etc., sob a administração da Diretoria do Circulo;

§ 3.^o — O Circulo promoverá, além disto, o que for necessário ou útil ao desenvolvimento moral, cultural, profissional, social e material dos associados, realizando, na medida do possível, o plano traçado no gráfico social.

Art. 54.^o — O C. O., de conformidade com a caridade cristã e os seus recursos, procurará auxiliar necessitados também não sócios.





CÍRCULOS OPERÁRIOS

Súmula dos Estatutos dos Círculos Operários

I
OBJETIVOS

O objetivo dos Círculos Operários é fornecer uma organização forte e pacífica, para dignificar o trabalho e garantir aos seus praticantes todo o gênero de benefícios e deuses em qualquer tempo.

- 1.º — CULTURA INTELECTUAL, SOCIAL, E FÍSICA, por meio de aulas, conferências, congressos, etc., em geral.
- 2.º — ASSISTÊNCIA SOCIAL, mediante a atuação em seu próprio meio e no exterior.
- 3.º — PROTEÇÃO CORPORATIVA, assegurando os interesses legítimos e coletivos da classe.
- 4.º — AUXÍLIO MATERIAL, para obter, através de beneficência, doações, empréstimos, indenizações, seguros, etc., a melhor situação econômica e social dos membros da classe.
- 5.º — PROMOVER A ORGANIZAÇÃO PROFISSIONAL, mediante a cooperação mútua.

II
PRINCÍPIOS BÁSICOS

OS PRINCÍPIOS BÁSICOS que regem as ações e atividades dos C. O. são:

- 1.º — A MORAL E DOCTRINA DE CRISTO, sob a organização técnica, econômica, social e física.
- 2.º — AS ENCLICICAS "RERUM NOVARUM", de Léo XIII, e "QUADRAGESIMO ANNO", de Pio XI, que aconselham a justa retribuição do trabalho e a melhoria da situação social e econômica dos trabalhadores.

III
SÓCIOS DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS

- 1.º — Podem ser TODOS OS OPERÁRIOS de todas as áreas, pertencentes aos ramos de indústria, comércio, artes, profissões, transportes e serviços, empregados públicos, desportivos, seguros, trabalhadores por conta própria, etc., que sejam respeitadores da fé e da moral.
- 2.º — TAMBÉM OS QUE SEM SEREM OPERÁRIOS PROPRIAMENTE DITOS, sejam católicos, não se desvincularem do Círculo Operário, podem fazer parte de sua classe social.
- 3.º — HÁ QUATRO CLASSES DE SÓCIOS: efetivos, cooperadores, benfeitores e visitantes.
- 4.º — O pedido de admissão pode ser dirigido a qualquer membro da Direção, mediante proposta por escrito.



COMPANHEIRO, ATENÇÃO! LEIA, DECIDA-SE, INSCREVA-SE!

CÍRCULOS OPERÁRIOS
SEUS COMPONENTES E DEPARTAMENTOS

Esta gráfica ilustra e sugere, de modo claro, a organização e o programa de ação dos Círculos Operários.

O círculo no centro representa os componentes da organização, integrantes de todas as profissões, artes e de suas grandes realizações.

No centro do gráfico acha-se o diagrama: "C. O.", que é o Círculo Operário. Sobre ele, há um emblema, onde se vê a engrenagem, símbolo das classes que possuem uma função social, as quais, em qualquer situação, não haverá exclusão de uma das classes sociais.

Na coluna II-se: cooperação-estudantil.

Esta gráfica ilustra e sugere, de modo claro, a organização e o programa de ação dos Círculos Operários.

O círculo no centro representa os componentes da organização, integrantes de todas as profissões, artes e de suas grandes realizações.

No centro do gráfico acha-se o diagrama: "C. O.", que é o Círculo Operário. Sobre ele, há um emblema, onde se vê a engrenagem, símbolo das classes que possuem uma função social, as quais, em qualquer situação, não haverá exclusão de uma das classes sociais.

Na coluna II-se: cooperação-estudantil.

Que dizer que a ordem social só é possível pela cooperação de todos, dentro da organização profissional.

Mas a organização profissional só se realiza se houver a verdadeira cooperação. Por isso, há base que sustenta as duas ordens: a ordem social e a ordem profissional.

As atividades do Círculo Operário estão divididas em 4 departamentos e suas ações, as quais atendem a todos os aspectos do operário.

Menciono este gráfico em fins de 1932, no respeito ao Ministério do Trabalho, na "Revista do Operário", provocando a atenção de muitos dirigentes operários.

CÍRCULOS OPERÁRIOS

Origem dos CC. OO.

O extraordinário movimento dos Círculos Operários começou em 1832 na Inglaterra em São Paulo e se estendeu logo por toda a Europa, chegando ao país cerca de 40 anos depois. Chegou aqui graças, desde longe, ao pai e principalmente pelo filho do Brasil, os numerosos Círculos Operários e outros movimentos operários criados que se foram nos 100...

...se adaptando ao movimento de organização tendo a ação por unidade, coesão e consideração aos interesses comuns, com sede no Hospital Federal, a Praça 12 de Novembro, 181 e 194.

Caracterizam-se os CC. OO. pela sua atividade de ganharem crédito e atividade.



Círculo Operário Federal, São Paulo - Sala de Trabalho de J. O. Almeida

CÍRCULOS OPERÁRIOS

Finalidades

Os Círculos Operários, pelas finalidades, principais atividades e meios de realização constituem uma organização sólida e perfeita, satisfazendo as necessidades e aspirações legítimas do trabalhador: uma educação profissional, intelectual, moral, de seu poder, saúde e habitação.



Uma reunião do C. O. Paulista, R. 12 de São Paulo

Nas reuniões dos círculos os trabalhadores recebem instrução, orientação, assistência, bons amigos, recursos humanos, um ambiente familiar, disciplina e serviços prestados aos membros.

Nas reuniões também, há uma parte cultural, uma parte administrativa e uma parte recreativa, em que os grupos operários têm representações.

Fala um operário

São de sua opinião as seguintes palavras: «Como os trabalhadores devem lutar no movimento, o primeiro operário, além de manter o movimento, os interesses dos membros trabalhadores, e trabalhar sempre para a independência política, econômica, social e intelectual dos trabalhadores. Nos CC. OO. o trabalhador encontra tudo o que ele precisa e precisa: a saúde, a educação, a cultura, a moral, a disciplina, a organização, a representação e a defesa dos interesses dos trabalhadores.»

Um trabalhador, além de trabalhar, deve também ter uma parte recreativa, em que os grupos operários têm representações.

CÍRCULOS OPERÁRIOS

ESCOTISMO

O movimento de escotismo, organizado e difundido nos países anglo-saxões e depois em outros continentes, tem a origem nos trabalhos de Baden Powell.



Zangão do C. O. de Curitiba (R. 12 de São Paulo)

De acordo com o escotismo, o propósito não é a educação dos jovens, mas sim a educação dos jovens operários e a formação de um caráter forte e firme.



Zangão do C. O. de Curitiba (R. 12 de São Paulo)

O escotismo é uma organização de jovens operários, com o propósito de educá-los e formar um caráter forte e firme.

CÍRCULOS OPERÁRIOS

Falam as autoridades

«Este movimento profissional, o governo não conhece, mas possui interesse em saber mais sobre ele, porque ele representa um movimento de trabalhadores e de trabalhadores operários, e isso é muito importante para o país.»

«Este movimento profissional, o governo não conhece, mas possui interesse em saber mais sobre ele, porque ele representa um movimento de trabalhadores e de trabalhadores operários, e isso é muito importante para o país.»

CÍRCULOS OPERÁRIOS

CONGRESSO DE FORTALEZA - CELBA - 1940
SESSÃO SOLENES



Noite solene da abertura

CONGRESSO DOS CC. OO. DA PARAIBA - 1940



Julia Pessoa - frente política

CÍRCULOS OPERÁRIOS

FE É BRASILEIRIDADE



Os circulares de Porto Alegre comemoram o 1.º de Maio

MISSA CAMPAL E DESFILE - PORTO ALEGRE

Os Círculos Operários têm em sua missão o bem-estar do operário e a cultura do povo.

As manifestações do Dia do Trabalho, de que os municípios se servem, para a sua propaganda de todos, sua de classe e revolução, nos círculos operários incluem-se

com outras ações sociais, em que participam, associados e todos os cidadãos brasileiros, assim, a tradicional Missa Campal, realizada no primeiro e o desfile, realizado nos dias 1.º e 2.º de Maio, com o intuito de educar, proporcionar de conhecimentos com uma sessão musical.



Os circulares pedem apoio ao 2.º Congresso estadual dos CC. OO. promovido grande presença e grande participação religiosa e dia do trabalho.

CÍRCULOS OPERÁRIOS



Os Círculos desfilam pelas ruas de S. Paulo em 1.º de Maio



CÍRCULOS OPERÁRIOS

Sindicalismo

Os Círculos Operários têm exercido uma grande influência sobre o sindicalismo, dando-lhe uma orientação teórica e de colaboração com os chefes de empresa e autoridades, visando ao melhoramento das condições de trabalho e ao aumento da produtividade e ordem, em ambiente permanente de tranquilidade pública.



PRELIMINAR - Diretores do C. O. P. e presidentes de 9 sindicatos que confraternizam numa festa.

Não se deve pensar que o movimento sindicalista, seja apenas de sindicalistas operários, é muito mais amplo, uma vez que chama ao patão e sindicatos respectivos a cooperar com os operários e seus sindicatos.

Corporativismo

Os Círculos Operários, pois, também trabalham para a realização do sindicalismo operário, visando atingir a corporação. E, pois, um movimento, por sua natureza, corporativista.

Fala o atual Ministro do Trabalho

"Enquanto não tivermos um sistema previdente do Brasil, que Pio XI deu seu exemplo em sua 'Quadragesima Anno', grande crítica eu tenho quando se inspira a política de sua implantação e o funcionamento de sua segurança. Em os

Círculos Operários a tarefa de que não trata-se apenas de proporcionar condições de trabalho social em nosso país."

Os discursos do Ministro Trabalho foram no 1.º Congresso dos CC. OO. de S. Paulo.

Entrevista do Senhor Osvaldino Ruduite. Ex-presidente do C.O.P.A.

Entrevista do senhor Osvaldino Ruduite.

Dia: 24 de setembro de 2007.

Local: Residência do senhor Ruduite, na Rua: Boden Powell, 260.

Horário: 14 horas.

Senhor Ruduite. Com 13 anos, nos viemos para Porto Alegre, nesta época já existia no Mont Serra, o núcleo dos círculos operários, núcleo Mont Serra. Ali em seguida minha mãe entrou de sócio, então desde aquela época, já no final de 39, 40, 41, 42, eu até fazia cobrança, no final de 42, 43 eu trabalhava como se dizia, um subdelegado, já conhecia o padre Valle, trabalhava como cobrador. Aí em 44 eu fui para a escola no Rio, aí houve uma interrupção, fiquei na aeronáutica por 2 anos, aí na volta já em 47, 48, a gente permaneceu como pertencendo os círculos operários, mas aí acompanhado assim de lado, não fazia parte direto do círculo, apenas pertencia.

Foi em 61, houve uma mudança meio brusca, em 61 com o advento da legalidade, que eu já era, já havia feito o curso na Inglaterra, que eu te falei, fui trabalhar na Base Aérea de Canoas, piloto de caça, então nesta época de 61 houve o episódio da legalidade, isso mexeu muito com a gente, porque deu muito problema, então aí acabou, eu voltando a trabalhar direto com círculos operários, inclusive junto ao padre Urbano Rausch, que o Odelso te falou, Urbano Rausch tinha uma escola de líderes operários, então passei a fazer parte dessa escola de líderes operários, ajudava a organizar e visão de que, orientação de novo do trabalhador, que havia problema de comunismo e infiltração, e tal. E, diga-se de passagem, a legalidade o problema até muito sério no povo que estava acolhendo o Brizola tinha muito esquerdista junto e

isso gerou um desejo de conhecer melhor a coisa, aí eu voltei a trabalhar assiduamente nos círculos operários. Ai em 70 surgiu aqui em Porto Alegre, os cursilhos de cristandade e o padre Valle cedeu a casa, que hoje é casa Nossa Senhora Medianeira em Belém Velho, para o funcionamento do cursilhos de cristandade, então eu fiz como sendo dos círculos, fui convidado pelo padre Aguiar, Edu Aguiar, que ajudava nos círculos, me levou então para fazer o cursilhos, então da li, eu passei a pertencer a círculos operários e cursivos de cristandade, que foi um movimento cristão muito bonito, que existe até hoje,, ai eu trabalhei ali corrido, né, chegando em 79, queimou a casa de formação dos círculos operários Portoalegrese, que é Nossa Senhora Medianeira, em Belém, em conseqüência daquilo eu acabei ficando presidente do círculo porque eu queria a ligação entre o círculo e o cursilho, para a reconstrução da casa e acabei ficando presidente dos círculos por 4 anos, 2 mais 2. Fiquei super envolvido nisso aí. Depois deste meio tempo, criamos a creche padre Valle, que é uma casa aqui perto, a creche a gente ganhou uma verba do estado para fazer o prédio e criamos uma comissão aqui para então criamos a creche padre Valle, simultaneamente a creche da Medianeira que hoje funciona junto com a creche dos navegantes também, eram 2 que se tornaram 4 creches dos círculos operários, neste tempo, então tu vê que eu passei a viver praticamente, me aposentei na aeronáutica em 70 e fiquei trabalhando nos círculos operários quase que diuturnamente, além dos cursilhos. Então esta é a situação, por isso que eu acompanhei muito o padre Valle, levei para estar na federação, criação da escola, escola de formação técnica em eletrônica, então acabou eu ficando até 4, 5 anos atrás pertencendo ao círculo operário e a federação dos círculos, daí trabalhava lá com o padre Odelso, né, e minha vida ficou neste envolvimento com os círculos, naturalmente a gente viveu momentos difíceis, de ver os círculos operários se transformando através do tempo e ... Como é que eu vou dizer... os objetivos principais dos círculos é atender o operário, já não é tão necessário, porque surgiram o próprio SUS, mas como intermediário, como um trabalho médico, digamos assim, uma contribuição com as consultas médicas, continua funcionando até hoje. E as creches não deixam de sempre serem interessantes, agora nós estamos nos dedicando ao trabalho que é o da terceira idade, que é o que eu mais trabalho agora em grupo, eu tenho um grupo agora de Valesa, na Suíça, tenho um

grupo do círculo operário, né... Da terceira idade e agora estamos mais que nunca trabalhando em um movimento chamado Pró-Vida, e a Pró-Vida é uma conscientização cristã, de grande alcance e para ti ter um controle, agora dia 29 vai ter em Porto Alegre, uma coisa muito linda, são 82 entidades gaúchas que vão receber, desde automóvel o material de construção, são 82 entidades promovidas pelo dízimo da Pró-Vida de São Paulo, para consolidar o núcleo Pró-Vida de Porto Alegre, Pró-Vida inclusive funcionou uns tempos dentro da sede do próprio círculo, então é esse aí, é o trabalho que a gente tem feito, seguindo o trabalho dos círculos operários, sempre dentro da linha cristã do trabalho.

Entrevistadora. Quando sua mãe se filiou no núcleo do Monte Serra, o padre Inácio Valle, já fazia parte do núcleo?

Senhor Ruduite. Sim, sim, desde que surgiram os círculos de Porto Alegre, começou já como seminarista, desde 35, 36 ele já começou a trabalhar, desde a fundação, lá foi em 34, em Pelotas, em Porto Alegre foi em 36 e ele acompanha desde o início.

Entrevistadora. A atuação dele como desenvolveu como eram as assistências, os núcleos?

Senhor Ruduite. O padre Valle, ele se dedicava como assistente eclesiástico, dos círculos operários, só esse trabalho, então ele dedicava todo o tempo dele, ele tinha acesso livre no governo, tinha um cartão azul que ele podia entrar a hora que quisesse falar com o governador, ele conseguia tudo isso, porque o trabalho era um trabalho importante, na época para arregimentar, organizar e orientar os trabalhadores, então ele tinha acesso livre, no governo, então ele só fazia isso, conseguia verba com os empresários, por exemplo, a policlínica, se tu entrar, hoje ali, na Santo Inácio 325, tu vai ver uma placa onde tem dezenas de empresários que ajudaram a fazer a policlínica e assim eram os lucros, ele buscava dinheiro e auxílio para redundar em que... Auxílio ao operário. A creche dos Navegantes, ele foi feita assim com o auxílio da primeira dama, ajudado, criou a primeira creche importante em Porto Alegre, foi a Nossa Senhora dos Navegantes, que existe até hoje, só que hoje ela tem cento e poucas crianças, quanto na época tinha duzentos e cinquenta e era importantíssima na época,

hoje tu vai alio e não tem quase indústria nenhuma naquela zona, então a dificuldade para manter a creche funcionando, mas aquela fez história e muita gente boa passou por ali. Então só por ai foi um trabalho importante e lá fora a casa de formação muito importante para orientação, cursos e retiros espirituais, depois para os cursilhos criou uma classe com grande número, hoje tu tem ali empresários cristãos e a origem é naqueles cursilhos que começaram lá na casa de formação dos círculos operários. Aí tu vê, foi muito importante a atuação do padre Valle com os círculos operários no Rio Grande do Sul, essa é a verdade.

Entrevistadora. E ele teve uma participação efetiva nos outros núcleos do estado?

Senhor Ruduite. Não, ele fundou todos os núcleos do estado estavam ligados à ele, porque todos os núcleos eram ligados a federação que é aqui onde tem a escola Santo Inácio, federação dos círculos operários, foi fundado justamente baseado para orientação dos círculos do interior como é feito até hoje, todos os círculos do interior são ligados a Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul e ligados e funciona na escola Santo Inácio, que é ali no bairro Humaitá.

Entrevistadora. Há alguns registros, de fundação e inauguração de núcleo, consta a presença dele, como fundador do núcleo, remetidos a federação, mas ele visitava os núcleos?

Senhor Ruduite. Sim, sempre que podia ele visitava, nem sempre podia visitar todos, mas sempre que podia ele estava visitando era o trabalho dele junto a federação, agora como a federação como tinha um secretariado, tinha as pessoas que viajavam mais e ele ia mais em inaugurações, festas e tal, mais se dedicava a romaria, os trabalhos em Porto Alegre, tinha associação, como é..., apostolado da oração, como é o nome... Congregação mariana que ele fazia missas todos, todos, uma vez por mês, congregação mariana dos círculos Operários, então ele se dedicava a esse trabalho dos círculos, todo ano organizava, era o principal organizador da romaria de Santa Maria, Nossa Senhora Medianeira, isso é um trabalho e tanto, viagens. Que mais fazia, um trabalho muito importante, eram de 20, 30 círculos no interior, aqui em Novo Hamburgo funciona até hoje, Santa Maria, Uruguaiana, Pelotas, Caxias.

Entrevistadora. Com é que o senhor vê a importância dos círculos para a História do Rio Grande do Sul, para o desenvolvimento, durante este período do Estado Novo.

Senhor Ruduite. Olha, para a História do trabalhismo no Brasil foi vital, porque como eu te falei.., os círculos operários no Rio Grande do Sul, eram ligados diretamente com o governo, porque era único e ajudou a organizar sindicatos, então foi muito importante, porque os próprios ministros tinham influência muito grande e ouviam os trabalhadores através do sacerdote dos círculos operários, entendeu? Isso foi muito importante.

Entrevistadora. E a atuação da Igreja, junto aos círculos?

Senhor Ruduite. É... Não... Aí a igreja no caso não se metia para isso tinha o sacerdote encarregado, ela opinava se tinha uma solenidade, até o bispo estava presente, mas a direção era do sacerdote e leigos, apenas, veja bem... A sociedade é leiga nos círculos operários, apenas a assistência religiosa e orientação religiosa, mas o trabalho é leigo, sempre dirigida por leigos, sempre foi, mas orientação religiosa para a defesa da orientação cristã, tinha que ser né...Até hoje consta que sempre tem que ter alguém na atuação religiosa nos círculos, na época foi vital, muito importante, mas o sacerdote não fazia nada sem, o dirigente civil, o presidente dos círculos operário.

Entrevistadora. E essa atuação, junto ao Estado e as cidades do interior, o senhor acha que desenvolveu muito as cidades do interior os círculos operários?

Senhor Ruduite. Olha... Não vou dizer assim que desenvolveu a cidade, mas ajudava muito a criação de núcleo e atendimento ao operário, sempre ajudou, porque, digamos em Santa Maria, era um núcleo importante, tinha lá uma cidade importante, com um núcleo dos círculos operários com orientação médica, escoteiros, né... Isso é muito importante, porque na época não tinha outros meios. Pelotas foi tão importante que até hoje tem quadras inteiras lá círculos operários, prédios, núcleos e coisas assim, em Uruguaiana ainda hoje tem. Porque se formou lá núcleo de auxílio ao operário, logo era amparado pela igreja e especialmente pela prefeitura, porque a prefeitura tinha

interesse nisso, até doava, terreno para fazer os núcleos, pra botar um médico ali em cima, então isso era muito importante, não só o lado religioso, mas a assistência.

Entrevistadora. O senhor falou que fez parte de outras ramificações, de outros movimentos católicos, o senhor acha que os círculos operários, eram organizações leigas, voltada a igreja, foi um dos mais importantes?

Senhor Ruduite. Não, nesse aspecto o círculo não influenciou muito, o que Porto Alegre ajudou é que começou a funcionar os cursilhos de cristandade, num prédio que era dos círculos operários e funcionou dez anos, depois houve uma transformação, mas depois de recuperado ainda funcionou o DMU, CLJ, que eram também os filhos dos circulistas, que voltaram a usar a casa, que foram destituídos na formação de líderes cristãos no Estado, após os círculos operários foi um elemento muito importante.

Entrevistadora. A partir de 30 houve muitos movimentos, juventude católica, juventude operária católica, mas o que mais se desenvolveu foi os círculos operários.

Senhor Ruduite. Veja bem. No aspecto de amparo ao trabalhador foi o único, o resto é de formação religiosa, mas os círculos operários foram criados, com a finalidade de orientar o trabalhador e buscar, não só orientar na parte religiosa, mas orientar seus direitos, para não seguir caminho errado, sobre esse prisma que foi muito importante porque o governo viu a organização que não existia, então à organização dos círculos foi vital.

Entrevistadora. Estava pensando sobre a política e o movimento, como, tinha uma orientação?

Senhor Ruduite. Em princípio o movimento é apolítico, porque a obrigação do círculo é orientar o trabalhador e não influenciar na política, não podia fazer votar em quem quisesse, no partido que quisesse só que a orientação tinha que ser escolher bons candidatos, por este prisma que era importante, buscando sempre como até hoje é votar e saber em quem está votando, saber sobre seus valores, assim nós tivemos, por

exemplo, quer ver pessoas como o Marchesan, Chiarelli, são pessoas de destaque até hoje, Marchesan Júnior é uma pessoa muito diferente que representa um trabalho muito bonito.